REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL
Brazil . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA
ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL
Estrangeiro . . . . 7$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XX — Brazil — Rio de Janeiro — 1902 — Fevereiro 15 — N. 452

APPELLO Á UNIÃO

Ao terminar a interessante serie de escriptos dirigidos «Aos Spiritas do Brazil,» e com os quaes, pela sua narrativa historica, como pela firmeza da sua esclarecida orientação, tornou attrahente a nossa secção editorial, o nosso dedicado collaborador *Discipulo de Max* parece comprehender que é chegado o momento de arriscar mais uma tentativa pela união dos spiritas, tantas vezes tentada pelo nosso querido Dr. Bezerra de Menezes, e n'esse sentido incita a nossa sociedade a dirigir-lhes um appello, convidando-os a fraternizar sob o seu estandarte, para a realização dos ideaes que n'elle traz inscriptos.

Será de facto opportuno o momento para a renovação da tentativa ?—Uma circumstancia o parece indicar.

Na reforma que acaba de fazer dos estatutos que a regem, e cujo proximo registro lhe vem assegurar as condições de pessoa juridica e de existencia legal, de que até agora se vira privada, a Federação enfeixou uma serie de medidas que, por consultarem os mais vitaes interesses da propaganda, parecem destinadas a fazel-a entrar em uma phase de prosperidade moral e de fecunda actividade, de que é licito esperar os mais salutares beneficios.

Para as realizar, porem, necessario se faz o concurso de todos os que amam a causa spirita, e a ella não duvidam hypothecar a sua dedicação até ao sacrificio.

Até hoje, apezar das alludidas tentativas, infructiferamente feitas pelo nosso inolvidavel chefe, e não obstante a necessidade, no mesmo sentido, evidenciada pelo nosso mestre Allan Kardec, em communicações que correm mundo e foram recebidas na Sociedade Spirita Fraternidade, os spiritas têm vivido fraccionados em pequenos grupos n'esta capital, enclausurados no seu cioso isolamento, sem nenhum beneficio, sem nenhuma utilidade pratica para a doutrina, que desejam propagar e que, entretanto, por esse modo só conseguem desprestigiar, mostrando-se desunidos e refractarios a todo sentimento de solidariedade.

Comprehenderão elles, afinal, que essa dispersão de forças e essa ausencia de cohesão, a par de constituir para elles uma grave responsabilidade, é talvez a unica ou, pelo menos, a mais poderosa causa da apathia que se observa na propaganda, de alguns annos para cá?

Falamos da propaganda ostensiva. Porque a verdade é que, não obstante essa indisciplina que separa as fracções spiritas, a divulgação do spiritismo não tem cessado de augmentar por toda a parte, e sobretudo na nossa capital, graças ás curas obtidas pelos mediuns receitistas, e que são dos melhores elementos de convicção. Isso prova que á Providencia não escasseiam os meios de tornar a verdade conhecida, e que, mesmo quando os homens, na cegueira do seu orgulho, se recusem a prestar o seu concurso á realização da obra divina sobre a terra, essa obra segue o seu curso, contra e apezar d'aquella corrente de inercia que, até certo ponto, significa hostilidade.

A'quelle meio de propaganda poderiamos accrescentar o da divulgação de obras spiritas, mas isso seria, apparentemente ao menos, pretender encarecer serviços, sabido que essa iniciativa cabe desde algum tempo á livraria da Federação.

E o nosso intuito não é, nem pode ser, proclamar meritos, que de resto nem sequer nos devem ser attribuidos, meros instrumentos que somos das leis divinas, sob cuja direcção o progresso se effectua, — e se effectua comnosco ou sem nós, como se vê. O nosso intuito não é enaltecer o que está feito, mas assignalar o que resta fazer, e que é tudo.

Diziamos, por isso, que a Federação, na reorganização dos seus estatutos, enfeixou uma serie de importantes medidas, cuja realização imprimirá um novo impulso á propaganda na nossa capital, com reflexo, porventura, sobre todo o paiz. Conferencias publicas, excursões ás sociedades federadas, organização dos serviços de caridade, instituição de aulas de instrucção gratuita, alem do largo programma de estudos mantido até aqui, tudo o que mais immediatamente pode interessar á marcha da doutrina e dilatar a acção philanthropica da Federação, foi alli consignado. Crearam-se misteres para todas as aptidões: não resta senão que se apresentem os operarios para a execução da obra, que é vasta e grandiosa e, por isso mesmo, reclama os esforços dos mais aptos como dos de simples boa vontade.

Comprehenderão agora os nossos confrades que é chegado o momento de se constituirem em uma vasta agremiação, forte pela cohesão e pelo numero, e que, escolhendo a Federação para ponto de convergencia d'esse movimento, n'ella encontrarão, dentro da sua lei organica, de par com o accesso a todos os postos, em que os actuaes directores desejam a felicidade de se ver substituidos por outros mais dignos e competentes, todos os elementos de acção em beneficio da causa que lhes é commum?

Eis o que dentro em pouco será posto á prova, na reunião geral que pensamos convocar proximamente.

Até lá, que os nossos confrades meditem no erro da dispersão em que se têm mantido, e no imperioso dever de honrar o compromisso contrahido, prestando á propaganda spirita a collaboração da sua actividade, a qual, improficua como se tem demonstrado no isolamento dos minusculos circulos pessoaes, pode-se tornar fecunda e poderosa, em uma ampla collectividade, como está destinada a ser a Federação Spirita Brazileira.

E' preciso não esquecer que a união faz a força, e que só mediante ella conseguiremos oppôr uma barreira triumphal ás investidas dos inimigos da nossa doutrina, os quaes só na nossa desunião encontram o segredo das suas apparentes victorias, pela desmoralização que, d'outro modo, jamais conseguiriam introduzir nas nossas fileiras.

Urge combater por todas as formas esse pernicioso estado de coisas, e para isso antecipamos desde já o presente appello á consciencia dos spiritas, cuja nobre preoccupação deve ser a divulgação dos seus consoladores ideaes. Resta que nos saibamos collocar á sua altura, e é isso o que em breve prazo verificaremos.

OS MERCADORES DO TEMPLO

Dos sabios e divinos ensinamentos hauridos no Evangelho de N. S. Jesus Christo, o acontecimento que mais profundamente impressiona o nosso espirito e desperta a nossa consciencia de spirita, ou seja, de depositario das verdades santas, é a *expulsão dos mercadores do templo*.

E não pode deixar de ser assim; pois, tendo nos sido, segundo os Evangelhos, confiado o deposito dos talentos, sabemos bem que somos responsaveis pela sua producção, porque muito se pedirá a quem muito se tiver dado. Ao cego é perdoado o ter cahido no barranco, mas severas contas serão pedidas a quem o Creador deu olhos de ver.

A maior graça que Deus concede ao spirita, por intermedio do seu Bemdito Filho, é o dom da mediumnidade, illuminada pelo spiritismo, o Consolador, graças ao qual já podemos comprehender os Evangelhos em espirito e verdade. Ora, se a mediumnidade é uma graça, se é uma dadiva divina, e não uma conquista do homem pelos seus esforços, é obvio que um dos maiores e mais degradantes crimes que pode commetter o spirita é o *mercado d'essa graça*. Dai de graça o que de graça tiverdes recebido, disse Jesus, e ainda hoje não se cançam de repetir os seus fieis mensageiros.

Mesmo sob o ponto de vista humano, é principio corrente em economia politica que a unica base moral do capital material é o trabalho. Ora, não dependendo a mediumnidade da structura anatomica do homem, nem sendo o resultado das funcções physiologicas dos seus orgãos, e muito menos dos seus esforços materiaes, isto é, do trabalho, segue-se que, mesmo segundo a humana concepção do capital, o mercado da mediumnidade é um crime, por isso que é immoral.

O que, no ponto de vista spirita, se dirá de semelhante traficancia?!

Se Jesus correu com os mercadores do templo de Jerusalem—que commerciavam á sombra dos seus principios religiosos—e, contristado, lhes disse: «Fazeis da casa de meu Pae—casa de oração—um covil de ladrões!» o que fará o Espirito de Verdade, quando visitar a officina do medium mercador, o novo templo de Jerusalem?! Jesus, o prototypo do amor e da justiça, será mais indulgente com esses do que o foi com aquelles, sendo que os modernos mercadores são incomparavelmente mais criminosos que os de Jerusalem?! Sem duvida que não, em nome de todos os principios da justiça, do amor e da misericordia. E assim o comprehendemos: qual será mais criminoso: o judeu que mercadejava com um animal de sua propriedade, que, afinal de contas, tinha um valor mercantil, ou o spirita (medium) que vende o que não é seu e que mercadeja com um deposito que gratuitamente lhe foi confiado para, do mesmo modo que recebeu, distribuir com os seus irmãos, em nome da caridade christã?

Sem duvida não haverá duas opiniões divergentes. O judeu foi considerado criminoso, pelo facto de negociar com aquillo de que podia discricionariamente dispôr, mas porque o fez em logar improprio—no templo sagrado;—o spirita negocia com o que não é seu, vende o que não pode vender, e por isso é criminoso de maior monta; é réo que terá de ser julgado pelo tribunal inexoravel da justiça divina; e então, ai d'elle! que terá de responder pelo inominavel delicto de ter vendido o proprio Jesus! Já o disse algures: «vender a mediumnidade é vender o proprio Christo»!

O autor emerito da monumental obra *Jesus perante a Christandade*, o incançavel Bittencourt Sampaio, a pags. 191, recrimina severamente o medium que se deixa, por infelicidade, deslumbrar pelo brilho ephemero da moeda material, vendendo a mediumnidade. «Vigiai, para que,

a pretexto algum, penetre a moeda na vossa officina de trabalho», diz o mavioso poeta da *Divina Epopéa*. O medium que vende a sua mediumnidade melhor fôra nunca ter nascido; «melhor fôra nunca ter comprehendido Deus»....«procurai estar sempre em contacto com os vossos guias».....«Varrei da vossa alma o interesse e o egoismo....»

Perguntamos: o medium, na pratica de tão nefando crime—quando mercadeja com a mediumnidade—, que o torna digno de ser corrido por Jesus, poderá estar ao lado do seu anjo da guarda? Não, decerto; o medium que, por sua desgraça, assim procede, põe-se ao serviço dos espiritos das trevas, que, como falsos prophetas, servem-se d'elle para instrumento, com o fim de fazer prodigios de curas, meramente materiaes. As de ordem moral—as unicas que podem aproveitar ao espirito, modificando as suas más tendencias—essas não podem ser praticadas por esses espiritos infelizes, pela razão logica de que quem não tem, não pode dar.

As curas materiaes facilmente elles praticam, pois que, senhores do conhecimento das leis physicas que regem a existencia do fluido magnetico, com a maxima facilidade podem substituir no corpo enfermo as moleculas morbidas por outras tantas sãs, e assim promovem o restabelecimento physico do doente.

Com as enfermidades moraes, porem, as coisas se passam de modo differente. Trata-se das condições precarias da alma, e, sendo esta inorganica, não ha, conseguintemente, moleculas materiaes a substituir-se, e, logicamente, a intervenção dos espiritos atrazados em moral, ainda que avançados em sciencia, não pode ter logar. O que ha, na especie, é sentimentos de ordem moral, sentimentos que só podem ser substituidos por quem, semelhantemente, já os possuir, isto é, por quem tiver tido a preoccupação de observar os preceitos da lei mater;—amar a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a si mesmo. E' ainda e sempre a lei dos semelhantes surtindo seus effeitos.

Não ha duvida, pois, que os espiritos moralmente atrazados curam, não com o intuito de aliviar os seus irmãos, cujos soffrimentos, ao contrario, lhes trazem satisfação e em cujo desespero elles se comprazem: mas com o fim de deturpar o spiritismo, inoculando nos spiritas os sentimentos baixos do egoismo e da cobiça, para a realização dos seus planos diabolicos.

Não raro, esses infelizes do espaço, conhecedores das leis que regem a materia, provocam nos seus irmãos da terra enfermidades varias, simplesmente pela acção magnetica dos seus perispiritos materializados, conforme leis perfeitamente estudadas e já bem conhecidas.

Mas como, nos perguntarão, sendo Deus a bondade, o amor, a misericordia e a justiça, consente que esses desgraçados habitantes do espaço exerçam influencia tão perniciosa sobre os seus pobres irmãos da terra, já não bastando a lucta que elles vêm sustentando contra as suas proprias tendencias para o mal?! *That is the question!*

(*A seguir*)

DISCIPULO DE MAX

NOTICIAS

REFORMADOR

DONATIVOS

E' apenas como um testemunho de reconhecimento, e no cumprimento de um dever que se nos impõe á consciencia, que passamos a inscrever aqui os nomes dos dois confrades a cuja espontanea generosidade devemos os donativos com que se dignaram auxiliar a nossa folha, e que em seguida mencionamos.

No temor, embora, de ferir por esse modo a despretenciosa modestia sob que desejariam occultar esse impulso de bondade, com que nos captivaram, não queremos, todavia, furtarnos ao dever d'este publico protesto de gratidão.

E' o que fazemos, ao mencionar os donativos, que são os seguintes:

Hippolyto Reveilac (Passo Fundo — Sapé).........	30$000
Ricardo Martins Esteves (Sapucaia) — saldo de encommendas...............	7$800
	37$800

La Lumière, de novembro do anno findo, extractou do *Petit-Parisien* o seguinte caso sob a epigraphe «Casa mal assombrada em Chalons-sur-Marne:»

«Ha mezes que um vasto edificio situado á rua dos Récolleto ns. 16 e 18 em Chalons-sur-Marne, tendo uma sahida para a rua de Floemagny nº. 17, tornou-se theatro de mysteriosos acontecimentos.

Os numerosos locatarios d'essa casa e os proprietarios dos immoveis visinhos têm sido perturbados por alguns ruidos formidaveis, que parecem sahir todas as noites das adegas.

Apezar de se ter feito uma minuciosa visita domiciliaria, nada se poude descobrir.

Entretanto os ruidos provenientes das adegas cessaram, mas em compensação são atirados todas as noites por cima dos muros da casa maldita, cahindo nos pateos interiores, toda sorte de projectis: tijolos, telhas, garrafas, pedras, torneiras de madeira e de metal, etc.

Todas as noites, numerosos curiosos se reunem em torno da casa, que o proprietario, Sr. Carlos Caillet, lithographo, mandou guardar por agentes de policia e sapadores-bombeiros.

Apezar de toda a vigilancia exercida pelos homens da guarda, os projectis continuam a cahir constantemente, sem que se tenha conseguido descobrir os autores d'esta deploravel e longa brincadeira. (Será brincadeira ou fantasmagoria? Sabel-o-hemos sem duvida).

OS LIBERTADOS

A. J. M. SIMAS

Que valem, no turbilhão de sóes que povoam o universo, na gigantesca perpetuidade da creação, os minusculos seres que rastejam n'este mundo?

E todavia, quando um d'esses minusculos seres, quando uma d'essas imperceptiveis moleculas, que se chama o homem, consegue penetrar o primeiro segredo da lei divina, que se resume na magica invocação d'esta palavra — Amor, — o seu esforço, santificado pela misericordia do Pae, que o alenta e vivifica, o torna uma unidade ponderavel no concerto da obra universal, á que para sempre se incorpora.

O companheiro, cujo nome honra, ao alto, este pallido e inutil tributo de admiração, foi um d'esses obscuros collaboradores de Deus, no cumprimento da sua lei, e a historia da sua peregrinação no mundo, em poucas palavras se resume: — praticou o bem, exerceu a caridade, com essa incançavel perseverança do verdadeiro apostolo, ainda que para a exercer, na dolorosa penuria em que se resolveram os derradeiros annos d'essa peregrinação, fosse muitas vezes necessario recorrer á alheia bolsa.

Amou, luctou, soffreu, progrediu e elevou-se tão alto, quer como crente, quer como medium curador, em que perseverou até ao fim, que o seu premio na verdadeira vida, cujos porticos transpoz a 4 de dezembro do anno passado, tornaria absolutamente mesquinha esta homenagem posthuma, se com ella estultamente visassemos honrar a sua memoria, ou galardoar o seu merecimento.

Mas não. Para espiritos como o do querido companheiro Antonio Simas, para as almas como a sua, que á menor emoção se enternecia até ás lagrimas, que toda se absorvia na fé e na humildade com que se dedicava á sua exclusiva tarefa de bem, não ha elogios humanos que valham por um galardão, porque esse o têm ellas na luminosa serenidade da propria consciencia e na feliz reunião final ás suas irmãs do espaço, aos espiritos de luz, em torno dos quaes continuam a gravitar, na grandiosa communhão de esforços pela missão commum.

Não. Não é o panegyrico do Simas o que fazemos: esse está inscripto no infinito, pelo inapagavel traço das suas obras. *O Reformador* é que se honra de registrar a sua libertação dos laços da materia, e o que d'aqui lhe enviamos é o nosso pensamento affectuoso, na affirmação do mesmo respeitoso sentimento em que sempre envolvemos o seu espirito, aureolado de virtude.

MANOEL JACINTHO DE MELLO

Eis ahi um outro operario que terminou a sua tarefa no mundo, remontando á patria espiritual a 17 de janeiro, depois de haver percorrido o cyclo de todas as vicissitudes que surprehendem o homem na terra, principalmente aquelles cuja envergadura moral já lhes permitte affrontar mais dolorosas provas.

Quantos frequentavam as sessões da nossa sociedade, nos ultimos tempos, viam pontualmente comparecer a todas ellas aquelle velhinho, curvado e arquejante, na anceada dyspnéa do cardiaco em adiantado grau, e que alli ia haurir, nas lições de estudo, o alimento espiritual que o amparasse moralmente na sua prova extrema, e recolher da generosidade dos companheiros as migalhas que lhe assegurassem um ponco — pouquissimo mesmo—da subsistencia material.

Medium somnambulico, a sua passagem pelas fileiras spiritas, em que militou até que o tolheu a enfermidade, não terá sido esteril em beneficios para o seu espirito. E hoje, que está libertado d'aquella velha carcassa que lhe tolhia os vôos, possam os esplendores e alegrias da vida espiritual, á que foi restituido, o compensar das amarguras das suas provações na terra.

Vai n'estas linhas tambem o testemunho do nosso affecto pelo seu espirito.

Extrahimos do *La Lumière*, de novembro de 1901, o seguinte caso que o referido jornal transcreveu do *Il Vessillo Spiritista* (segundo o «Novisti» de S. Petersburgo):

«O conde Scuvazof, presidente do tribunal em S. Petersburgo, estava occupado em redigir uma sentença da maior importancia, tendo a seu lado dois juizes, quando subitamente empallideceu horrivelmente e a penna lhe cahiu da mão. Os dois juizes correram em seu auxilio e viram que o conde, com os olhos fixos n'um ponto da sala e levantando o braço com difficuldade, o estendia em direcção d'esse ponto.

Os juizes olhavam em vão; viam simplesmente a parede toda branca com um bico de gaz ao centro.

Um meirinho, chamado, foi buscar um cordial que o alliviou um pouco.

Então disse elle: —Que visão, meu Deus!... Esta parede me pareceu transformada em um navio, pintado de branco, no qual se achavam minha mulher e minhas duas filhas. Em torno era tudo escuridão.

Desencadeava-se com violencia um temporal, e os relampagos e trovões davam á scena um aspecto mais aterrador. De repente, — parece-me que ainda o vejo—um raio cai sobre o navio, percorre, serpenteando, um terço da borda, penetra depois por uma escotilha e entra no camarote, onde se achavam os tres seres que me são tão caros, matando d'um só golpe a mãe e a mais moça das filhas. A mais velha ficou gravemente ferida; não falava nem gritava, contentando-se em elevar os braços para o céo e pensar em mim, com uma tal intensidade, que me parecia estar bem perto d'ella.

«Agora estou mais tranquillo. Minha familia não devia embarcar hoje; com certeza fui o joguete d'uma cruel allucinação.»

O presidente Scuvazof começou de novo a trabalhar, sentindo porem, uma certa oppressão. A' noite recebeu um telegramma de Kiev, onde se achava sua familia, dando-lhe a noticia de que, pela manhã, sua mulher e suas duas filhas tinham tomado parte em uma excursão maritima em um vapor (todo pintado de branco), e que um furacão se elevara subitamente, penetrando um raio no camarote em que as tres senhoras repousavam, matando a mãe e a filha mais moça. A mais velha não fôra ferida mortalmente, porem ficara muda. Assim, todas as circumstancias do accidente foram manifestadas ao pae.»

———

Transcrevemos do *Messager* de 1º de agosto:

Acaba de dar-se em Londres um caso de suspensão de memoria dos mais curiosos. Uma moça de 16 annos foi ultimamente encontrada nas proximidades de Tunbridge Wells, a uns 50 kilometros de Londres, sentada ao lado de uma bicycleta, não havendo meios de lembrar-se quem era, onde tinha estado, de nada que se referisse á sua vida.

Conduzida ao hospital, verificou-se ser filha do Sr. Pryce, decorador em New Cross, Londres. A senhorita Mand Pryce havia deixado o domicilio paterno, para dar um passeio em bicycleta, e desde então ficou desconhecido o seu destino em casa de seus paes. Até hoje, diz a *Independence Belge* de 21 de junho, essa moça não recuperou a memoria, e os esforços que emprega para lembrar-se, assemelham-se aos esforços d'uma pessoa que, achando-se n'um quarto escuro, procura apanhar um objecto que alli deve existir, mas não o consegue. Os paes d'essa doente declaram que o estado de espirito de sua filha, até aquelle dia, nada apresentara de anormal.

Outro caso psychologico relatado pela *Chronique*, de Bruxellas:

No dia 18 de julho, apresentou-se uma moça no commissariado de policia de St. Gilles, e declarou ser-lhe impossivel voltar para casa, por não saber onde morava. Essa senhora tinha vindo de Wnetwezel, sua terra natal, com seu marido.

COMMUNICAÇÕES

Instrucções espirituaes

(*Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*)

O MAL E O SOFFRIMENTO

No fundo da prisão de carne, em que estais encerrados, não percebeis, por uma estreitissima fenda, senão uma infima parte da creação.— E quereis comprehendel-a toda; e julgais os actos do Creador!

Tendo creado tudo, dizeis vós, elle creou o mal e o soffrimento; e raciocinais como creancinhas que pretendessem falar das gandes sciencias humanas, de que não conhecem a primeira palavra.

Diante das immensidades da creação, sois ainda menores que essas creancinhas, e é uma loucura da vossa parte pretender remontar á origem das coisas, querer explicar as causas creadoras e procurar comprehender e definir Deus.

•

O vosso orgulho se deve inclinar ante esse grande mysterio, por muito tempo ainda inaccessivel ao vosso entendimento. Sómente a alma evoluida o pode presentir, porque vê o caminho que a Elle conduz.

•

Entretanto já hoje estais sufficientemente adiantados para comprehender que a infinita Bondade não pode ter querido impôr o soffrimento ao ser que lança á vida; e commetterieis uma monstruosidade, suppondo o contrario, posto que nem sempre possais atinar com todas as causas dos soffrimentos que vêdes em torno de vós.

•

Guardai sómente isto: que ao homem não attinge nenhum soffrimento *que não tenha sido solicitado ou merecido*.—Ha sempre no soffrimento *prova* ou *expiação*, e na maior parte das vezes, na vossa terra, expiação.

•

Como podemos comprehender o Bem?

Como podemos explicar o Mal?

•

Fazer o Bem é ser doce, bom, caridoso e justo para com todos; é fazerdes sempre a vosso irmão o que quereríeis que vós fizessem: é viver segundo o que vos dicte a vossa consiencia, que jamais vos engana, quando a interrogais.

Esses preceitos, por toda a parte ensinados ha milhares de seculos, são bem simples; aquelle que com elles se conforma é feliz e promove a felicidade em torno de si.

•

Fazer o mal é prejudicar de qualquer modo, seja a si proprio, seja ao proximo.

Quando o homem se abandona ás suas paixões e aos seus vicios, perturba a harmonia de todo o seu ser; cria em si o mal moral e o mal physico, e soffre; e o soffrimento lhe faz comprehender que os gozos materiaes, que esgotam o corpo e obscurecem a alma, não lhe proporcionam uma felicidade duradoura.

•

Se o mau exemplo que dá é imitado,—e o é quasi sempre—já não é elle a unica victima, e os seus actos geram outros males e outras dôres.

Assim, por sua culpa, pelo mau uso que faz da sua liberdade, a nodoa do mal se alastra em torno d'elle.

Quando o homem infringe a lei de amor e de dedicação para com seus irmãos; quando se deixa dominar pelo egoismo; quando se torna violento, colerico e orgulhoso, faz brotarem, no coração dos que o cercam, sentimentos maus: — semeia pensamentos de inveja, de animosidade, de odio e de revolta, e gera assim em torno d'elle o mal e o soffrimento.

•

Alem d'isso, por força de uma lei justa, á que nada se pode subtrahir, o mal recai sempre sobre aquelle que o creou, e, cedo ou tarde, a dôr, sob uma forma qualquer, o vem advertir de que elle não cumpriu o seu dever. —Desgraçado do que se conserva surdo a essas advertencias!

•

A miseria que engendra as enfermidades e os desesperos provém da preguiça e do egoismo.—Os crimes dos individuos e as revoltas dos povos nascem da injustiça, da ignorancia e dos maus instinctos.

Reflecti, alem d'isso, quão numerosos são os soffrimentos physicos e moraes que nasceram, e todos os dias nascem, dos progressos mal dirigidos da vossa civilização, e facilmente reconhecereis que sois os seus autores, pois que os procurais combater ou, pelo menos, attenuar. Os meios que, porem, empregais são sempre incompletos.

•

Para fazer desapparecerem taes flagelos, sêde sempre bons, sêde sempre justos. Proporcionai trabalho, largamente, a todos; soccorrei os velhos, as creanças e os fracos, e sobretudo *moralizai* e *instrui*.

•

Se estudais de perto as acções humanas, se podeis acompanhar as suas consequencias, facil vos será remontar á origem do mal, e constatareis sempre que elle provém de vós mesmos, *de vós sómente*: do exagerado amor do vosso eu, da vossa sêde de prazeres, da vossa maldade, de todos esses restos seculares da animalidade de que tanta difficuldade tendes em vos desfazer, e finalmente da má utilização que fazeis da vossa vontade e liberdade, d'esses dois grandes beneficios que vos foram concedidos para vos elevardes na escala dos eleitos.

•

Não imputeis, por conseguinte, ao Creador os males que vos acabrunham; essa imputação é pueril e não pode partir senão de espiritos ignorantes e atrazados.

•

Não sejais orgulhosos: encarai sempre o mal com indulgencia e não vos erijais em severos justiçadores.

A vossa vida actual é pura—dizeis. —E' possivel. Mas que sabeis do passado? Podeis porventura assegurar que não contribuistes para esses erros e esses crimes? Podeis affirmar que não accionastes outr'ora o desenvolvimento do vicio, tendo em mira aproveitar-vos dos gozos que elle proporciona?

Hoje a vossa consciencia, mais elevada, se revolta. Não é bastante. E' forçoso reagir e procurar, pela palavra e pelo exemplo, reparar o mal que talvez tenhais causado.

•

Não desvieis jamais o olhar em presença de um desgraçado, e nunca digais: «Elle peccou; é necessario que expie.» Oh! Não. Seriam criminosas essas expressões.

E' preciso ter sempre piedade do que soffrem e soccorrel-os sempre.

Sabeis, ao demais, se não fostes collocado no caminho d'esse desventurado, para suavizar a expição de uma falta, cuja causa remonta a vós mesmo? Reflecti, então, quão culpado serieis, se passasseis sem vos deter ao lado d'esse soffrimento.

(*A seguir*).

O objectivo spirita

Ao Dr. D. Victor Melc[illegible] y Farré

SEGUNDA CARTA

Meu respeitavel amigo: Na minha anterior mostrei-me partidario de que, nas obras spiritas e nos nossos centros, seja o ensino da moral e a inducção á bondade, á resignação e obediencia á Lei divina, a nota dominante, e hoje devo ratificar a mesma opinião: porque, quanto mais estudo o assumpto, mais me convenço de que, tendo vindo o spiritismo principalmente, segundo entendo, para nos fazer melhores, é necessaria uma propaganda activa e continua n'esse sentido.

Não ha males que nos afflijam que não sejam uma trangressão da lei moral, quer os que atormentam o individuo, quer os que affectam a collectividade.

Firme n'isso, entendo que, ainda que o spiritismo reduza toda sua acção, depois de revelar o mundo invisivel e a doutrina da pluralidade das existencias, ao ensino de sua pura moral e a demonstrar a necessidade de adquirir a bondade, para conseguir a felicidade, tanto n'este como no outro mundo, já terá desempenhado missão social mais importante que todas as escolas e partidos politicos, sociologicos, economicos e religiosos reunidos.

E isto assim é, porque emquanto não se formar a consciencia moral e a ella se não subordinem todos os actos, será uma chimera querer dar como resolvido o problema da redempção humana, em qualquer ordem que se o considere, com mudanças de instituições, de regimens, reformas e regulamentos humanitarios e progressivos.

O que reclama, em primeiro logar, trabalho previo para conseguir cultura e verdadeira fraternidade, é a melhor a moral do individuo. Alcançado isto, conseguida está a moralidade e reforma social. Uma vez descuidada essa melhora?

Sonho, delirio, desequilibrio de todo o progresso, e o mal-estar adquirindo proporções! E', pois, o spiritismo, com sua ethica, que melhor pode influir para converter o mal em bem, e a este ainda fazel-o melhor. Não se descure, pois, de tão fecunda tarefa.

Por isso, me satisfaz que em nossos centros, em nossas obras e em nossos periodicos, se dê preferencia á moral, sem que esta satisfação signifique, da minha parte, desprezo á sciencia; muito ao contrario, e isso pelo respeito que a sciencia me merece.

Explicar-me-hei.

O spiritismo, como toda idéa redemptora e revolucionaria de consciencias, allicia os que soffrem [illegible] como estes abundam mais entre os desherdados da fortuna, as massas proletarias são as que fornecem maior contingente de adeptos. As classes opulentas tapam os ouvidos, para não ouvir o clarim que lhes annuncia uma nova vida, para a qual pode-se conquistar, felicidade renunciando em proveito do proximo as vaidades e superfluidades terrestres, e deixam a funcção d'esse beneficio aos pobres e desconsolados que acodem ao chamamento.

E sendo, portanto, o maior numero dos que estão aptos para acceitar nossas doutrinas, gente simples, indouta, de escassa illustração, tão apta para assimilar-se ás verdades

FOLHETIM (18)

A PEROLA NEGRA

POR

MAX

XIII

(*Continuação*)

Esta parte do plano de Raphael foi unanimemente resolvida, até porque, por mais aviltada que seja a natureza humana, contem sempre o fermento do amor proprio, que se offende com a superioridade de alguns que se acham na mesma esteira.

— Como ha de ser? perguntaram a Raphael, na qualidade de autor da idéa que a todos agradou.

Este, dirigindo-se ás mulheres, disse-lhes simplesmente, como se conhecesse bem os segredos do coração feminino:

— A vocês é que cabe procurar o meio de reduzir aquella parceira á igual de vocês em tudo.

As mais assanhadas não reluctaram em manifestar a satisfação que lhes causava aquelle appello, e declararam, que se incumbiam de descobrir o meio tão appetecido por todos, cada um por suas razões particulares.

— Tomem cuidado, volveu a dizer a tia Catharina; tomem cuidado em não fazerem coisas que incommodem sinhô, que é aqui o nosso unico recurso e toda a nossa esperança. Vocês bem vêem como elle distingue Honorina, como a trata quasi paternalmente, ao ponto de levar com ella a conversar, todos os dias, horas esquecidas. Se vocês tentarem qualquer coisa que faça mal á Honorina, sinhô será inexoravel, e é sabido quanto é terrivel o boi manso aperreado.

Todos ficaram interdictos com aquella admoestação, que bem sentiam ser muito e muito bem fundada; mas combinaram manter a conjuração para occasião opportuna, como se soubessem que nunca falta o tempo para quem sabe esperar por elle.

— Passemos á outra parte do teu plano, clamaram os negros, meio desconcertados com o provavel insuccesso da primeira.

Raphael, que não participava d'aquelle desanimo, porque, disposto a sacrificar a vida, estava no caso de dizer: «morra Martha, morra farta», tomou de novo a palavra.

— A segunda parte é muito simples; quero dizer: era simples; mas agora fica um pouco complicada. Eu pretendia, primeiro, reduzir a orgulhosa Honorina, para não termos inimigo na praça, e depois mandar a senhora cear com Christo, salvando o senhor e todos nós d'aquelle peso horroroso.

— Isso era excellente! exclamaram todos; mas as consequencias?

— Que consequencias? Patetas! Matava-se uma cascavel e, á noite, enrolava-se á porta que dá para o copiar, que ella visita todos os dias. Como sabem, as cobras vivem em casaes, talvez mais unidas do que muitos humanos, especialmente o d'esta casa. Ora, durante a noite, o marido ou a mulher da cascavel morta viria em busca do companheiro, e achando-o morto na passagem da fera, enrolar-se-hia por cima, talvez ignorando que elle está morto e talvez disposto a vingar-lhe a morte. O resto vocês comprehendem. Em cinco minutos, que é o tempo preciso para aquelle terrivel veneno extinguir a mais possante vida, todos nós chorariamos a perda da nossa boa senhora, que talvez tambem chorasse, mas de coração, o bom homem que soffre o castigo de viver unido a ella. O essencial, porem, seria ficarmos, nós e elle, livres de tal demonio. Dado, porem, que não tenhamos meio...

— Não continues, não continues, bradaram todos. E' sublime tua idéa, e nós a adoptamos sem condições. E' preciso já e já pôl-a em pratica, que é pateta quem pode arrancar hoje o espinho, e guarda para amanhã.

— Sim; mas eu é que não desligo as duas partes do meu plano. Quero tanto ver-me livre da senhora, como quero ver Honorina reduzida á nossa igual.

— Pois eu deixo a questão de Honorina para depois, disse Jacob, e executo o teu plano desde já.

— Se o fizeres, eu o denuncio, e tu vais acabar no bacalhau, ou na forca.

— Porque isto, se eu faço o que tu ensinas?

— Porque, se a senhora morrer antes de Honorina ser nossa, ella virá a ser nossa senhora, e nunca mais poderá ser nossa igual.

— Nossa senhora! Julgas que o senhor casará com uma negra?

— Não julgo tal; mas sei quanto elle a estima, e tenho certeza de que lhe entregará o governo da casa, como já lhe entregou a educação do filho.

— Diabo! disseram, ao som de um trovão, que fez tremer as chaves nas fechaduras. Para que, então, nos mostras o céo, se nos trancas a porta de entrar n'elle?

— Não sejam tolos. Tudo se faz com tempo e paciencia. Quando se vai abrir um roçado, vê-se uma matta que mette medo; entretanto vai-se botando pau abaixo, pau abaixo, pau abaixo, e, no fim de algum tempo, trabalha o fogo e apparece a terra preparada para a sementeira. Eu me incumbo d'esse roçado; mas vocês me hão de jurar auxilio e segredo em tudo o que eu julgar preciso fazer.

— Juramos! juramos!

— Preciso prevenil-os, desde já, de uma coisa, e é que, se não pudermos arrastar para nós Honorina, fal-a-hemos culpada da morte da senhora, para que não sejamos obrigados a obedecer a quem nasceu negro como nós.

— Acceitamos esta condição, clamaram os negros; mas pedimos-te que faças tudo para não tardar o dia da nossa libertação.

Raphael ficou deslumbrado pelo applauso que recebeu, e lá por dentro diria:

— Se Honorina não fôr minha, acompanhará a senhora.

Não reparou, porem, que Jacob ficou mudo, quando elle propor attribuir a morte á innocente negrinha.

Este rapaz amava deveras a rapariga, e quem ama sente no fundo do coração o instincto do bem, por mais perdida que seja sua natureza.

(*A seguir*)

moraes e ensaiar-se na pratica de seus preceitos, quanto inapta para penetrar no campo da sciencia, fica entendido que os taes, imputando-se scientificos, como tenho visto alguns exemplos, o que fazem é ridicularizar a sciencia, que tanto respeito nos deve merecer, pôr em perigo suas faculdades mentaes e estacionar em seu progresso, por querer saltar os limites em que devem circumscrever-se na presente incarnação.

Convenho comvosco em que «o spiritismo ha de entrar em uma nova phase de acção, se quizer corresponder a seus principios». (Para generalizar mais, omitto o determinativo «de sciencia integral e progressiva»).

Do mesmo modo convenho em que «sua missão (a do spiritismo) não deve limitar-se a fazer theoricamente bons os homens, mas que deve fazel-os consciente e praticamente bons». Mas no que não posso concordar comvosco é em que «para o conseguir, deve aggregar-se ou pedir aos partidos adiantados para marchar com elles de commum accordo, até o melhoramento material e espiritual dos homens.»

Estou conforme com o primeiro e o segundo, porque, effectivamente, alem do mais, e como consequencia do melhoramento moral individual que determina, incumbe ao spiritismo, no campo social, uma esphera, de acção mais ampla que a que tem tido até o presente, fazendo um detido estudo de quanto pode constituir um progresso effectivo; propagar o resultado de suas investigações e estudos; informar aos que se correspondem, sobre o mesmo; levantar as exposições e petições que se requisitem; formular projectos, propor legislações, reformas, fundação de institutos de ensino e humanitarios, e outros de caracter progressivo e civilizador, contribuindo para a realização de tudo isso com desinteresse, abnegação e amor. E, no seio dos os spiritas, trabalhem os adeptos, segundo suas aptidões, na diffusão de nossos ideaes, das verdades de todas as ordens proclamadas pelo spiritismo, e na pratica de seus ensinamentos moraes, fomentando a protecção reciproca, ampla, entre todos, a constituição de uma verdadeira fraternidade spirita, sem exclusivismos, franca, com respeito a todos os criterios, preludio da fraternidade universal, tão apregoada e tão pouco sentida geralmente. Quizera assim ver nossos centros, com occupação para todos, cultivando todos os aspectos do spiritismo, cada adepto no que lhe correspondesse, confundindo-se sabios com ignorantes, e constituindo-se entre todos uma verdadeira familia, unida pelos vinculos inquebrantaveis de um amor puro.

Tudo isto é o que, creio eu, entra na missão do spiritismo, deve ser propagado pela imprensa da nossa commuhão e não ser descurado pelas sociedades spiritas.

D'esse modo conseguir-se-hia fazer os homens consciente e praticamente bons, desejo este que compartilho comvosco.

Com essa tarefa cumpririamos os spiritas o nosso dever, sendo esse o melhor modo de cultivar a moral e adquirir habitos de bondade e virtude.

Agindo assim, não sómente levariamos ao lar do indigente, e á cabeceira do enfermo, palavras de consolo e conselhos de conformidade e resignação, mas ainda as acompanhariamos do auxilio material, o qual demonstraria que aquelles que tão boas coisas dizem, não se assemelham aos mercenarios que repetem a cantilena que aprenderam para esses casos, mas são homens de coração, irmãos de seu proximo, sentindo o que dizem, fazendo suas as desventuras do que soffre, repartindo com elle o seu pedaço do pão e assistindo-o com solicitude amorosa, pondo-se á sua disposição, em todos os casos, com sua pessoa e interesses.

Não, não devemos nos satisfazer, dizeis bem, com iniciar unicamente em nossas doutrinas os nossos semelhantes: preciso é pratical-as com todas as suas consequencias.

Não entendo, porem, que essa pratica e essas consequencias jamais sejam a nossa fusão com os partidos adiantados que hoje luctam por eliminar revolucionariamente tudo quanto entendem que estorva o progresso e o triumpho de seus respectivos ideaes.

Creio que o spiritismo não pode fundir-se em nenhuma outra escola, sem se desvirtuar; porque ou bem sua alliada terá que transigir, o que não fará, ou elle ceder, o que não deve fazer.

Devemos, pois, permanecer em divorcio com os partidos adiantados e demais escolas progressivas? Tambem não; mas não devemos nos confundir com ninguem.

O spiritismo se differencia notavelmente das escolas e partidos em acção, e do mesmo modo que não se podem sommar quantidades heterogeneas, não pode o nosso credo confundir-se, para uma acção commum e permanente, com outros credos.

Não devemos, não, estar divorciados de ninguem; mas devemos, sim, manter nossa independencia.

A toda classe de elementos, de qualquer côr que sejam, podemos e devemos secundar em quanto intentem ou pretendam, que concorde com os nossos principios, se os processos que se empreguem tambem não estejam discordes com a moral que sustentamos; e de todos, sem excepção, nos devemos afastar, quando o que se intente não corresponda, em fins e em meios, aos nossos principios philosophicos e moraes.

Accidentalmente, pois, podemos ser de todo permanentemente, nada mais que do spiritismo, e este de si mesmo.

Com isto termino esta segunda carta. Na terceira, ultima das que me tinha proposto dedicar-vos, a proposito do vosso discurso lido no grupo familiar «Avante», de Tarrasa, proseguirei occupando-me do assumpto com que dou fim á presente, e assentarei logo as conclusões que me suggerir a minha pobre intelligencia.

Vosso Att° S. S., amigo e irmão

ANGEL AGUAROD

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirto e verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apostolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o *espirito que vivifica*; a carne de nada serve:
as palavras que vos digo são *espirito e vida*.»
(João, VI, v. 64).
«*A lettra* mata, e o *espirito* vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6)

MATHEUS, V. vv. 31—37 — LUCAS XVI; v. 18

Casamento. — Juramento.

MATHEUS, v. 31. Foi dito ainda: Todo aquelle que quizer deixar sua mulher, dê-lhe um escripto pelo qual declare que a repudia; — 32, e eu vos digo que todo aquelle que despede sua mulher, a não ser por causa de adulterio, torna-a adultera; e todo aquelle que esposa a mulher despedida, commette adulterio. — 33. Ouvistes ainda que foi dito aos antigos: Não perjurareis, mas desobrigar-vos-heis para com o Senhor; — 34, e eu vos digo que não jureis, de nenhum, modo nem pelo céo, porque é o throno de Deus, — 35, nem pela terra, porque é o assento de seus pés; nem por Jerusalem, que é a cidade do grande rei; — 36, não jureis tampouco pela vossa cabeça, porque não podeis tornar-lhe um só cabello branco ou preto; — 37, mas contentai-vos em dizer: sim, sim; não, não; porque o que é de mais, é mal.

LUCAS v. 18. Todo aquelle que deixar sua mulher e tomar outra, commette adulterio, e todo aquelle que esposa aquella que seu marido repudiou commette adulterio.

N· 84. «O ensino de Jesus a respeito do divorcio era impedir os homens de multiplicarem, pela carta de divorcio, o numero de mulheres repudiadas sob os menores pretextos; não foi em vão que foi dito — se bem que *figuradamente*, — que Deus fez no começo um homem e uma mulher como bases da humanidade.»

«O homem não deve assemelhar-se á alimaria, olhando a mulher como um meio.»

«Deve comprehender que, espirito creado como elle pelo Senhor, espirito igual em todas as coisas, deve supportar, com elle, as penas e as alegrias da vida humana.»

«Se a mulher é mais fraca em sua constituição physica e necessita uma especie de protecção da parte do homem, é que deve haver sempre, na humanidade, o fim de caridade e do arrimo do forte para com o fraco.»

«Se o homem é muitas vezes levado a repellir a companheira que escolheu, não attribuais a culpa ás leis da natureza, mas ás leis humanas, á vossa civilização, que faz da união do homem e da mulher um negocio e não a aproximação de dois espiritos sympathicos, — felizes por passarem juntos as provações da humanidade.»

«Quando o homem tiver expellido os seus maus instinctos, quando comprehender o ALVO EXACTO da sua existencia, não mais desejará a carta de divorcio.»

«Aguardai, a respeito de todas as questões, relativamente ao que acabamos de vos dizer, e para mais amplos detalhes, — quanto ao casamento, ao adulterio, ao divorcio, — as explicações que vos daremos mais tarde, e que estamos encarregados, pelo mestre, de vos dar sobre os vv. 1-9 (Matheus, cap. 19) e vv. 1—12 (Marcos, cap. 10).

«*Quanto ás palavras de Jesus relativas ao juramanto*, tinham por objecto destruir-lhe o abuso entre os hebeus. O juramento é inutil para o homem que tem o coração puro; porque o pensamento de negar, ou de transgredir sua palavra, não lhe virá, e Jesus falava áquelles que queriam e deviam caminhar nas vias do Senhor; mas para o homem, tal como é ainda, o juramento é um freio que lhe é imposto pela civilização; e quão poucos o respeitam!»

«Essa obrigação do juramento está destinada a desapparecer das leis humanas, quando o spiritismo reinar sobre a terra; sim, quando os homens tiverem expellido as suas más paixões, quando tiverem exterminado o *homem velho*, — o homem novo, o homem nascido em Deus, já não terá necessidade de dizer outra coisa senão: Sim, sim; não, não.»

«Mas vós estais ainda longe d'esses tempos felizes.»

(*A seguir*)

Da transmissão do pensamento á distancia normal e provocada

(*Moniteur des Etudes Psychiques*)

(*Continuação*)

— N'esse momento parecia-me que alguem me observava.

Assim, pois, tudo era exacto.

Examinando este caso em detalhe, verifiquei que, no momento de se ter dado a communicação, eu em nada havia pensado; que o acto de despir cessou subitamente, que a voz parecia real e a intonação absolutamente pertencente á Sra. L.

O ruido da queda sobre a cadeira era de tonalidade igual á que reproduzi na minha *chaise-longue*.

Podiamos verificar que a Sra. L., ao pronunciar as palavras que citei, só pensava em uma coisa, e que seu estado de desfallecimento, supprimindo-lhe a sensação do mundo exterior, a fez entrar em estado de hypnose natural.

Devo accrescentar que essa senhora jamais havia sido hypnotizada.

A transmissão era, pois, normal, directa, pela sensação auditiva.

Eis aqui um outro caso, — este, porem, de transmissão provocada sem sensação audiliva. Trata-se igualmente de um doente.

No começo de julho de 1889, a Srta. D., de Luneville, de 24 annos de idade, veiu solicitar os meus cuidados medicos para uma molestia da espinha, de que se achava accommettida, havia 5 annos, e cujo diagnostico era *tabes dorsalis*. Ella não podia caminhar senão arrastando-se, apoiada a um movel, e, para sahir de casa, tinham que segural-a por baixo dos braços; d'esse modo foi transportada de Luneville até o meu consultorio.

Examinei-a durante perto de uma hora, sem que me tivesse sido possivel formular um diagnostico preciso, e me vi obrigado a transferir o exame para outra vez.

Mas, como todo medico deve receitar alguma coisa, prescrevi-lhe o seguinte medicamento: agua 300 grammas, tintura de aconito 2 gottas; para tomar uma colher de 2 em 2 horas.

O pharmaceutico, em cuja pharmacia se aviou a receita, devia tomar-me por louco, mas deve-se accrescentar que, para dar maior efficacia á dita droga, fil-a acompanhar de hervas de S. João.

Quatro dias depois, a doente era de novo transportada para o meu gabinete, e confessou-me que havia experimentado um grande bem-estar com a ingestão do medicamento.

A possibilidade do diagnostico se me tornou patente, e propuz-lhe hypnotizal-a.

Em um instante ella entrou no mais profundo somno.

Fil-a caminhar durante uma meia hora, sem nenhum auxilio e acordei-a, emquanto caminhava, dando-lhe ordem de continuar.

Essa moça voltou á sua casa sósinha, sem amparo algum; estava curada. Quatro dias depois, voltou para ser hypnotizada pela segunda e ultima vez.

Um mez após essa maravilhosa cura, a 11 de outubro de 1889, tive a idéa de a fazer vir á minha casa; queria fazer uma experiencia de transmissão do pensamento, e, se obtivesse resultado, saber se a cura fôra duradoura.

Eram 10 horas da manhã; entrei em rapido estado de hypnose, afim de concentrar o meu pensamento, e pronunciei as seguintes palavras: — «Vinde; eu vos espero pelo trem do meio dia.»

A' uma hora e meia, a joven entrava em minha casa, dizendo:

— Eis-me aqui.

— Como «eis-me aqui»? perguntei-lhe.

— Só agora venho, porque esqueci-me do *rendez-vous* dado, e só esta manhã lembrei-me de que me dissestes: «Vinde; eu vos espero pelo trem do meio dia.»

— Que horas eram quando essa lembrança vos veiu á mente?

— Podiam ser entre 10 1/2 e 10 3/4.

— E que fazieis n'esse momento?

— Escovava um vestido, e este me cahiu das mãos, sem que o tivesse sentido.

(*Continúa*)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL
Brazil. . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA
ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL
Estrangeiro . . . . 7$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XX — **Brazil — Rio de Janeiro — 1902 — Março 1** — **N. 453**

Federação Spirita Brazileira

RELATORIO

Apresentado á assembléa geral de 28 de Fevereiro de 1902

Srs. Membros da Federação Spirita Brazileira.

Amigos e irmãos em crença.

Trago-vos affectuosas e fraternaes saudações, e, no cumprimento do grato dever que me é imposto pela nossa lei organica, venho igualmente trazer-vos a narrativa das occurrencias verificadas na existencia da nossa sociedade, no transcurso do anno que findou, acompanhando-a da exposição das suas condições economico-financeiras e dos documentos que, em tal sentido, fornecem a thesouraria e a livraria, e que vêm appensos no fim d'este relatorio.

Como de direito, assignalarei em primeiro logar o facto de maior importancia occorrido n'aquelle periodo, e do qual nutro as mais fundadas esperanças que decorrerão grandes beneficios para a Federação, vitalizando de uma nova seiva, poderosa e irradiadora, a sua acção, demasiado restricta ainda, em relação ao papel que, naturalmente, é chamada a exercer no seio da propaganda spirita no nosso paiz, e que, mesmo, lhe compete desempenhar no concerto universal do movimento que vai operando a nossa doutrina pelo mundo.

Esse facto foi a confecção dos

Novos Estatutos

que desde o primeiro dia do anno corrente regem os nossos destinos, e que, solicitados no meu ultimo relatorio, como uma medida urgente, desde a desincarnação do nosso querido Bezerra de Menezes, e por vós approvados na assembléa geral de 15 de novembro, restituiram finalmente a nossa sociedade ao regimen normal, de que, por força das circumstancias especiaes, justificadas n'aquelle documento, se havia temporariamente afastado.

Congratulo-me, pois, comvosco por esse auspicioso acontecimento, de que—repito—ouso esperar que decorrerão grandes beneficios e um novo incremento á existencia da Federação. Funda-se esta esperança na serie de medidas da maior relevancia que alli foram consignadas, graças ao cuidado que presidiu a esse trabalho, as quaes, postas em pratica, farão entrar a nossa sociedade em uma nova phase de mais ampla e fecunda actividade.

E' assim que, a par de manter o largo programma de estudo theorico e de trabalhos praticos, que até agora temos adoptado, procurando orientar os crentes no conhecimento integral, doutrinario e experimental, dos ensinos da Nova Revelação, de duas medidas principaes, alem de outras, cogitam esses novos estatutos, e vem a ser: a organização das conferencias publicas de propaganda e o reerguimento da Assistencia aos Necessitados, com uma secção annexa de Albergues Nocturnos, cuja falta tanto se faz sentir aos milhares de indigentes — pobres irmãos nossos — que, nas ruas d'esta capital, arrastam á noite as suas miserias, á mingua de um abrigo.

Quanto ás conferencias, ocioso me parece salientar a sua opportunidade, na epoca presente, em que, consultando a necessidade de reagir contra a avalanche de corrupção moral que se desencadeia sobre a nossa sociedade, os apostolos sinceros—e não falo senão d'estes—de todas as religiões agitam a opinião, na febre do proselytismo, que buscam attrahir ao seu seio. Não é licito, pois, que os que somos portadores da Boa Nova, d'esta doutrina santa, que melhor offerece o remedio áquelle mal, não accrescentemos aos outros meios de propaganda, que empregamos, esse elemento valioso de agitação pacifica, mediante publicos comicios. Urge, por conseguinte, pôr em execução essa medida para a qual se faz necessario o vosso concurso, pois que de vosso seio é que sahirão os oradores, cuja bravura vai ser posta á prova, na defeza da nobre causa, mediante a designação que, com a organização dos programmas, será feita no mais breve prazo.

E o que dizer ainda da altruistica missão que se propõe a Assistencia aos Necessitados?

Religionarios de uma doutrina que em sua bandeira tem inscripto o amoroso lemma «Fóra da caridade não ha salvação», um dos vossos primeiros, inilludiveis deveres é cerrar fileiras em torno da benemerita instituição, que se propõe acudir á pobreza envergonhada, que em lobregos tugurios definha, espalhada por todos os bairros humildes da nossa populosa capital. Aos vossos generosos esforços cabe aqui um vehemente appello, que de todo o coração vos dirijo, no sentido de amparardes essa obra piedosa, que renasce, para alegria dos pobres abandonados da caridade publica.

Mas, alem d'essas medidas, providenciam ainda os novos estatutos sobre a creação de aulas de instrucção, em que esse inimigo terrivel do espirito—a ignorancia—poderá ser vantajosamente combatido, completando-se assim a missão regeneradora que a nossa sociedade se propõe.

Longe iria este trabalho, exorbitando porventura dos seus moldes naturaes, se aqui me propuzesse salientar e justificar as excellencias de todas as medidas enfeixadas na nossa lei basica reorganizada. Não devo, todavia, passar adiante, a relatar outros assumptos que vos interessam por igual, sem fazer uma referencia ao plano em que alli se acha remodelada a nossa livraria, de que vos falarei mais demoradamente, em rubrica especial, o qual consulta os seus vitaes interesses e os seus meritorios fins, e sem alludir por ultimo ao capitulo em que, tratando das sociedades federadas, importantes medidas foram cogitadas, de modo a estreitar os laços que comnosco as devem vincular, facilitando a sua approximação e tornando de facto a nossa sociedade a Federação que precisa e deve ser, mais pratica e menos nominalmente do que tem sido.

Limito-me a assignalar, e superficialmente—como vêdes—apenas os pontos principaes que fizeram objecto da reforma dos nossos estatutos, cumprindo-me, todavia, informar-vos ainda que estão sendo elles cuidadosamente impressos, para uma larga distribuição, mas sobretudo para o fim essencial de serem registrados, como o vamos fazer, segundo dispõe a nossa legislação, de modo a assegurar á nossa sociedade a existencia juridica que a habilite a agir, autonomica e legalmente, no seio da sociedade civil a que pertencemos, na defeza dos direitos e garantias de que devemos cercar a nossa doutrina, e que, de resto, nos são assegurados pela Constituição da Republica.

Legalizada assim a existencia da Federação, como entidade juridica, uma das primeiras providencias que se lhe impõe tomar é obter do Poder Legislativo, mediante representação que lhe deverá ser, em tempo, dirigida, a revogação do artigo 157 do Codigo Penal, o qual, posto que inocuo até aqui em seus effeitos, graças ao esclarecido criterio dos nossos magistrados, não pesa menos por isso,—e ha onze annos!—em sua clausula prohibitoria, como uma odiosa suspeição sobre o nosso caro spiritismo lançada pela parcialidade do legislador penal.

Urge fazer eliminar d'aquelle codigo o artigo suspeitoso, que nos confunde grosseiramente com os feiticeiros e exploradores da credulidade publica, e para isso não pouparemos esforços — creio poder desde já assegurar—os que nos acharmos á frente dos destinos da Federação, iniciando assim os salutares beneficios que estão destinados a produzir os novos estatutos, no seu conjuncto de providencias, cuja decretação visou consultar os mais palpitantes interesses da nossa sociedade e da doutrina.

Mas para tudo isso, meus amigos, para que, estructurada sobre essas novas bases, possa a nossa sociedade satisfazer todas as necessidades da proganda e preencher os altissimos fins que se propõe, necessario e, mais do que isso, imperioso é que essas bases, por sua vez, assentem sobre o esteio da vossa dedicação incondicional, sobre o vosso amor á causa spirita, n'uma conjuncção grandiosa de energias, de que para ella resulte o prestigio moral e o amparo material, que á vossa boa vontade é licito exigir.

Porque, sem esse duplo apoio, nenhuma das novas medidas, consignadas na nossa lei escripta, poderá d'ahi passar ao dominio das realidades praticas. E se o primeiro é precioso, cabendo-lhe incontestavel primazia, o concurso material é igualmente indispensavel, sobretudo em um mundo, como o nosso, em que tudo está subordinado a essa grosseira relatividade. Sem o elemento pecuniario nenhuma obra, infelizmente, pode ser levada avante. Eis porque, por mais que, pela sua natureza me repugne, sou forçado a chamar a vossa attenção sobre esse assumpto.

E vem a proposito occupar-me das nossas

Finanças

cujo estado, no que se refere ao movimento do anno recemfindo, se acha documentado no balanço da thesouraria, aqui appenso, mas que exige algumas apreciações em relação ás condições que, no futuro, deve e precisa attingir, para attender a todas as exigencias da propaganda e aos compromissos e encargos assumidos pela Federação.

Pelo alludido balanço vereis que se mantem o regimen de saldos, auspiciosamente iniciado pelo nosso saudoso Bezerra de Menezes, e gra-

ças á vitalidade que conseguiu transfundir ao organismo da nossa sociedade, pelo seu trabalho e pelo seu prestigio, á cuja sombra se conserva ella ainda hoje, a isso devendo certamente a relativa prosperidade de qua vai gozando. Houve mesmo um augmento na cifra d'esse saldo, que attingiu, no exercicio de 1901, a somma de Rs. 776$586 contra a de Rs. 694$332, verificada no anno anterior.

Esse resultado, entretanto, deve ser considerado meramente adventicio, producto que é de verbas eventuaes de receita, creadas n'este exercicio, como as contribuições do «Grupo Ismael», do «Grupo de Estudos Psychicos», que em nossa séde funccionou por algum tempo, e, finalmente, da Sociedade Beneficente Dr. A. Bezerra de Menezes, que aqui se acha provisoriamente installada.

A Rs. 476$000 apenas attingiu essa renda, que, pela sua natureza, insisto em considerar eventual, E não fosse o regimen de severa economia adoptado pelo nosso confrade thesoureiro ,e precario teria sido o balanço do exercicio. Por outro lado, a conta do *Reformador* accusa na «Despeza» uma reducção de Rs. 470$000, proveniente, não só da bonificação e uniformização do seu custeio typographico, mas sobretudo da suppressão de 3 numeros, a que nos vimos forçados, para mais rapidamente vencer o atrazo da sua publicação, segundo vos demos conhecimento, por circular, a vós e a todos os interessados.

Assim, o saldo verificado n'este exercicio é o producto de causas occasionaes, não representando de modo algum os effeitos de uma estabilidade economica, que, todavia, é nosso dever crear para a Federação, evitando que continue exposta a fluctuações de que, de um momento para outro, lhe podem resultar serios embaraços. E isso se dará fatalmente, a continuar o decrescimento, que se nota visivelmente n'este anno, em sua renda normal ordinaria.

E' assim que a conta «Mensalidades dos socios», tendo produzido no exercicio anterior Rs. 5:500$000, não produziu agora mais que Rs. 5:060$000; e a conta do «Reformador», por seu lado, tendo rendido Rs. 2;232$000 n'aquelle exercicio, no actual attingiu apenas a Rs. . . 1:554$000, accusando assim uma diminuição de Rs. 678$000, proveniente de ter baixado de 227 a 144 o numero dos assignantes dos Estados, e de 145 a 115 a totalidade dos assignantes d'esta capital, — algarismos, ao demais, verdadeiramente irrisorios e que são um pungente attestado do desamor dos spiritas pelo mais antigo orgão das suas crenças, no nosso paiz.

Para compensar essa depressão na renda normal da nossa sociedade, conseguiu o nosso confrade thesoureiro, alem da economia alludida, na impressão da folha, reduzir de Rs. 300$ que anteriormente fôra, a Rs. 180$ a verba relativa á limpeza da casa, posto que, por outro lado, e de accordo com os seus collegas, tivesse sido obrigado a crear uma nova verba de despeza, com que foi, e continuará a ser preciso, remunerar um empregado, a cujo cargo se acha, não só o serviço material relativo á expedição do *Reformador*, como a distribuição dos medicamentos, que—sabeis—são gratuitamente fornecidos ás pessoas que recorrem ao nosso corpo medium nico receitista. Essa despeza attingiu a Rs. 400$000, como verificareis, adiante, no balanço.

Taes são, a proposito d'esse documento, as informações que me pareceu util ministrar-vos. Como vêdes, a situação por elle demonstrada, posto que sem estabilidade, é de equilibrio, e, dada sobretudo a confiança que nutrimos no amparo divino, sob o qual collocamos a fragilidade dos nossos esforços, está ainda longe de justificar um sobresalto.

Mas agora cabe perguntar se é essa a situação que devemos manter na nossa sociedade, e se será com taes meios, restrictos e, ao mesmo tempo, fluctuantes que poderá ella fazer face aos encargos que lhe são creados pelos novos estatutos, como, por exemplo, o de enviar, uma ou duas vezes por anno, um representante, tirado do seu seio, em excursão ás sociedades federadas, afim de, não sómente estreitar pessoalmente os laços de confraternidade, como tambem promover a uniformidade de orientação, pela constatação das suas normas de trabalho —providencia de incontestavel alcance, para a cohesão das agremiações spiritas militantes?

Chamo, pois, mais uma vez a vossa attenção para a necessidade de dotar a Federação dos meios materiaes indispensaveis á sua existencia, não a essa existencia de relativo acanhamento a que tem sido abandonada, mas á existencia activa e fecunda que precisa ter, multiplicando os elementos de propaganda, e incrementando-a por uma pratica de diffusão constante e irradiadora. E para isso, a primeira providencia que vos solicito é a proposição de novos associados, a exemplo do que, em tão larga escala, praticam as sociedades profanas, offerecendo os seus filiados um exemplo de perseverante solicitude pela sua prosperidade, bem digno de ser imitado pelos spiritas.

O tempo da colheita, meus amigos, está proximo, e é preciso que não procedamos como as virgens loucas de que nos fala o Evangelho. Multiplicai a vossa actividade, offerecei á Federação o prestigio do vosso concurso moral; mas não deixeis de procurar-lhe todos os meios materiaes de que necessita, segundo as exigencias da actualidade, para preencher completamente a sua missão. Eu o espero da vossa boa vontade.

E agora passarei a vos dar conta dos outros factos dignos de menção occorridos no anno que findou.

Sessões

Realizou a nossa sociedade 103 sessões, das quaes 95 ordinarias, 6 commemorativas e extraordinarias e 2 de assembléa geral.

Nas primeiras, effectuadas normalmente ás terças e sextas-feiras, para estudo, visando a orientação, e propaganda da doutrina, foi mantido o programma instituido pelo nosso inesquecivel Bezerra de Menezes, com as ampliações adoptadas após a sua desincarnação, tendo-se assim proseguido o estudo commentado e analytico, pela ordem methodica adoptada, do *Livro dos Espiritos* e *O Céo e o Inferno*, ás sextas-feiras, e do *Livro dos Mediuns* e d'*Os Quatro Evangelhos*, segundo a revelação dada a Roustaing, ás terças-feiras, acompanhado esse estudo do *Livro dos Mediuns* das experiencias e desenvolvimento pratico dos mesmos, de accordo com os intuitos da escola creada para esse fim. D'aquelle programma só uma parte foi supprimida—a das manifestações espontaneas de espiritos, para a pratica da caridade moral,—não porque assim o quizessemos, mas pelo unico motivo de não comparecerem os mediuns somnambulicos, proprios para esses trabalhos.

As sessões extraordinarias tiveram logar : a 1° de janeiro, consagrada ao advento do novo seculo que, para todos, encerra tantas esperanças e foi um motivo de commemoração universal, a que não podia a Federação deixar de associar-se;—a 31 de março e 3 de outubro, consagradas ao espirito do nosso venerando mestre Allan Kardec; —a 11 de abril, commemorativa do 1°. anniversario da desincarnação do nosso saudoso companheiro Dr. Bezerra de Menezes, igualmente mestre na sabedoria e na virtude;—e finalmente a 5 de abril e a 25 de dezembro, consagradas, a primeira á Paixão, e a ultima ao nascimento de Jesus, o Mestre dos mestres, o Mestre Divino, cujo nome, em sua tocante invocação, reune as esperanças dos nossos corações, e que alli procurámos festejar do melhor modo que á nossa imperfeição foi permittido.

Quanto ás assembléas geraes, foram effectuadas a 8 de fevereiro e a 15 de novembro. Na primeira, vos foram, com o relatorio, prestadas as contas do exercicio de 1900, e investistes os actuaes directores da Federação do mandato que hoje expira; na ultima, foram por vós approvados os novos estatutos, os quaes, organizados pela commissão revisora, composta dos membros d'esta directoria, mereceram assim a sancção que, em vossa sabedoria, julgastes dever darlhes.

A proposito das nossas sessões, julgo dever chamar a vossa attenção para o decrescimento que em sua frequencia se observa, e que attesta um culposo indifferentismo pelo estudo doutrinario, indispensavel, todavia, para combater a desorientação que se observa, infelizmente, nos arraiaes spiritas. O nosso programma, moldado em amplas bases, destina-se, mediante sobretudo a liberdade de palavra que, em todas as sessões, é assegurada, a encaminhar os spiritas no conhecimento analytico e integral da nossa doutrina, inclusive o Evangelho, que é o seu magnifico coroamento. Essa indifferença, pois, é injustificavel, e é para a combater, por uma boa vontade perseverante, quo vos faço esta ponderação e vos dirijo este appello.

(*A seguir*)

OS MERCADORES DO TEMPLO

(*Conclusão*)

Procurando, na nossa fraqueza e reconhecida incompetencia, a solução d'esta magna e transcendental questão, apenas nos occorre responder que:—por isso mesmo que Deus é indefectivelmente justo, amoroso, bom e misericordioso, é que não pune nem recompensa por caprichos ou selecção, mas exclusivamente para conseguir dos seus filhos transviados a submissão á lei da expiação e da reparação; porque, infelizmente, somos tão maus para nós mesmos, que só acicatados pelo aguilhão da dôr é que podemos ser levados á expiação dos nossos crimes, e, mais tarde, á consequente reparação.

A dôr, que á primeira vista nos parece maldade e vingança, nada mais é do que a manifestação da misericordia do Pae que estremece de amor pelos seus filhos. Desgraçados que somos, que só pela dôr é que podemos comprehender as nossas maldades e resgatar os nossos crimes! E', pois, a dôr a manifestação da bondade indefectivel de Deus para com os seus filhos, transgressores das suas leis,—a demonstração do seu amor acendrado, da sna misericordia sem limites e da sua justiça sem tergiversação.

Agora comprehende-se que, sendo as enfermidades impostas pela lei de misericordia, só podem ser curados os pacientes, ou pelo termo final da expiação á que estão sujeitos, ou como premio de reparação ao medium, na pratica da grande lei: o amor do proximo, isto é, quando o homem, pelo seu modo de proceder, amando sinceramente a seus irmãos e, portanto, praticando a caridade, se torna digno da misericordia do Pae, que lhe concede a graça de curar os seus semelhantes. Isto, meus bons amigos, é que é caridade!

A caridade, pois, não consiste principalmente na acção mecanica de depositar uma moeda na mão do faminto, estendida á benevolencia dos seus irmãos; não! A caridade christã é sentir com o necessitado, é attrahir a misericordia divina, provocada pelo cumprimento da lei de amor.

Eis a razão pela qual a caridade é exigida de todas as creaturas, coherdeiras do Senhor, que, creando os espiritos, os creou para o amor e por amor tão sómente. A creação universal é um producto divino d'esse incomparavel sentimento, que brota do seio do Creador, simplesmente pela acção da sua vontade soberana.

Todo espirito, pois, como producto do amor, contem em si o germen d'esse sentimento, e é seu dever desenvolvel-o, para conquistar merito, pelo exercicio do seu livre arbitrio. Eis a razão do lemma inscripto na bandeira de Jesus: *Sem caridade não ha salvação*; lemma que, decorrendo immediatamente da lei fundamental, synthetiza só por si todo o systema da doutrina christã.

Os infelizes, os inimigos de Jesus, são os que se revoltam contra essa lei. Esses não amam, odeiam; não nutrem os seus espiritos do sentimento da caridade, mas do de vingança. Utilizam-se do medium mercador para produzirem curas sporadicas, com o fim unico de desmoralizar a doutrina spirita, procurando annullar o que ella tem de mais sublime e grandioso e que a torna respeitada de todos, até dos seus proprios inimigos:—a caridade desinteressada. Lançam mão de todos os meios, os mais inconfessaveis mesmo, para desmoralizar e ridicularizar a Revelação das revelações.

Assim, elles muito se preoccupam com o juizo que o mundo pode fazer do spirita, e então, o apresentam

aos olhos dos homens revestido dos sentimentos de cobiça e de ganancia, factores necessarios do egoismo, que, por sua vez, é o inimigo irreconciliavel da caridade.

Os espiritos das trevas não curam, envenenam as almas; e os infelizes que lhes servem de mediuns não praticam a caridade, trocam os seus serviços—se é que serviço se possa chamar o facto de tão mal se prestarem á manifestação dos espiritos—pela vil moeda da terra, e vendem a propria doutrina de Jesus; outros tantos Judas, vendem o proprio Mestre!

Ouvimos dizer algures que, comtudo, esses mediuns de alguma sorte praticam a caridade. Não! Quem vende não dá! Por isso mesmo que recebem a paga n'este mundo, nada lhes fica a haver no outro. Preferem a moeda azinhavrada da terra á promettida por Jesus!

Caridade! Essencia purissima da alma de Jesus; crystallino sentimento que, como flocos de neve, singra os ares em demanda da Luz, e rola pelos espaços, envolta nas lagrimas santissimas de Maria immaculada! Caridade! Tu que és a essencia e a fonte de todo o bem, como pode o verme da terra comprehender-te e agazalhar-te sob um peito que aninha a ganancia e a cubiça? Caridade! Virtude entre todas a mais sublime! Tu só podes te aninhar no seio d'aquelles que dos seus corações já tiverem banido o sentimento que mais animaliza o homem:—o egoismo, essa lepra que reduz o espirito ás condições miseraveis dos irracionaes! Tu, que és o bafejo do Creador, não podes ser trocada por nenhum interesse material! Não podem jamais te confundir com o egoismo! Tu és o desapego completo de tudo quanto é material; tu és o rival irreconciliavel do orgulho e da vaidade, do egoismo e da avareza!

A verdadeira caridade, meus amigos, ordena que cuidemos primeiro ... nossos irmãos, antes mesmo de pensarmos em nós. Ella só tem um objectivo: o recto cumprimento dos nossos deveres para com o Creador, que manda amarmos ao nosso proximo como a nós mesmos.

A caridade é Jesus, que expulsou e expulsará os mercadores do templo sagrado.

«Pelo fructo se conhece a arvore», disse o Divino Mestre. Quereis, meus irmãos, conhecer se o medium é spirita? Observai attento a que senhor elle serve: se a Jesus, se a Mammon.

Oh! Meu Jesus, Divino Mestre! Estas phrases me calcinam o espirito! Amanhã, talvez, eu venha a ser um dos mercadores do vosso templo! Quem sabe se, qual outro Judas, não contrahi comvosco compromissos superiores ás minhas forças, e mais tarde, assoberbado pelo peso da minha cruz, não terei de vos vender, mercadejando a vossa santa doutrina! O vosso discipulo é tão fraco e tem no seu espirito tanta lepra que não duvida da sua pusilanimidade! Mas vós sois tão bom, Jesus, que me concedestes a graça especial de conhecer a fonte de agua viva que sacia toda sêde: o vosso amorosissimo seio.

Agazalhai-me, Senhor, no vosso regaço sacrosanto, e, em nome da vossa Mãe Santissima, não consintais que o vosso servo possa ser victima da sua propria fraqueza, vendendo a vossa doutrina de salvação! Tirai-me, antes, a razão, fulminai-me e cegai-me com o clarão do vosso Espirito immaculado e santo, como outr'ora o fizestes a Saulo, na estrada de Damasco!

Senhor, se o espirito das trevas tentar arrancar do meu coração o amor e a gratidão que tenho pela vossa doutrina, a qual tudo devo, não o consintais, Jesus! Como o fizestes ao vosso Pedro, salvai-me, Senhor!

DISCIPULO DE MAX

NOTICIAS

Alem de não nos permittir, na integra, a publicação do relatorio, pelo nosso collega presidente apresentado á assembléa geral da nossa sociedade, hontem realizada, a exiguidade de espaço, de que dispomos, ainda nos obriga a retirar varios artigos de interesse, interrompendo mesmo a continuação de outros, cuja ausencia da presente edição confiamos que nos será relevada pela benevolencia dos confrades e assiduos leitores.

Esse adiamento, a que somos forçados, não lhes trará, todavia, outro prejuizo que não o da propria dilação, que procuraremos fazer cessar no numero vindouro.

ASSOCIAÇÕES

E' a seguinte a nova directoria do Centro Spirita de S. Paulo, a cuja esclarecida competencia se acham actualmente confiados os destinos da prestigiada instituição:

Presidente, Studario Cardoso; vice-presidente, João Pinto Alves; 1º. secretario, Antonio Ferreira Brazil; 2º. secretario, Francisco de Paula Domingues; auxiliar, Epiphanio Prata.

Que sobre os intrepidos timoneiros baixe sempre a luz do Alto, para lhes illuminar a rota, afim de conduzirem aos seus altos destinos o prestimoso Centro, que os tem por directores,—são os nossos cordialissimos votos.

———

Tambem o Centro Spirita Alagoano procedeu, a 15 de janeiro, á eleição da sua nova directoria, que ficou assim constituida:

Presidente, Manoel Pinto de Mello Maia; vice-presidente, Joaquim da Silva Costa; 1º. secretario, Alipio Carvalho; 2º. secretario, Hugo Jobim; orador, Scipião Jucá; orador-adjunto, Joaquim Ribeiro de Aboim; thesoureiro, Luiz Gonzaga de Goes; procurador, D. Mathilde de Barros Rocha.

Iguaes votos formulamos a respeito dos sympathicos confrades do centro alagoano, com as nossas felicitações pelo merecido testemunho de apreço com que os distinguiu a confiança dos seus pares.

Sob a epigraphe *Leitura d'uma palavra occulta*, publicou a (*Zeitschr. f. spirit.*, de 29 de junho:

O Sr. Stadelman, de Zurich, fez a seguinte experiencia: Um livreiro, Sr. Munk, enviou-lhe um enveloppe fechado com sete obreias, contendo uma palavra escripta n'um papel. O enveloppe era impenetravel aos raios Rœntgen e por isso privilegiado.

Tratava-se de decifrar essa palavra pela typtologia, n'uma sessão spirita de 3 pessoas, das quaes uma era o Sr. Stadelman.

Ora, pela typtologia, obteve-se a palavra allemã *Heil*. Collocou-se essa palavra n'um enveloppe e enviaram-se os dois ao Sr. Munk, que os abriu: em ambos achava-se a palavra— *Heil*. — A experiencia tinha dado completo resultado.

Federação Spirita Brazileira

ASSEMBLÉA ANNUAL

Esteve excepcionalmente concorrida a sessão de assembléa geral, hontem realizada pela nossa sociedade, para o fim de lhe ser apresentado o relatorio presidencial, que hoje damos na nossa primeira pagina, e proceder-se á renovação do mandato da directoria, de accordo com o disposto no art. 24 da nossa lei organica.

Quasi repleta a nossa sala de trabalhos, notando-se o comparecimento, com raras excepções, do que poderiamos denominar os companheiros da velha guarda, que assim, com a sua presença, a quizeram prestigiar, revestiu-se a referida assembléa de um significativo caracter de solemnidade, correndo todos os trabalhos na mais perfeita ordem, graças aos sentimentos de verdadeira fraternidade spirita que animava os circumstantes, e em que se inspiraram as deliberações alli tomadas.

Explicados os fins da reunião, e depois de uma prece collectiva,—acto sempre tocante, a que jamais se devem furtar os crentes, quando congregados, em communhão de pensamentos— procedeu o nosso collega presidente á leitura do relatorio, acompanhando-a de commentarios e ponderações, tendentes a esclarecer o espirito da assembléa, quer sobre os successos occorridos durante o anno, quer sobre a utilidade das medidas que n'essa peça indicou, como convenientes á marcha da nossa sociedade e á orientação da propaganda, depois do que passou-se aos trabalhos propriamente de eleição.

Propoz então um dos consocios, como preliminar, e visto que a isso se não oppunham o espirito e a lettra dos estatutos, que, por conveniencia de simplificação do processo, se verificasse a eleição por acclamação, em logar de o ser por escrutinio secreto, medida desnecessaria, por morosa, dada a harmonia de vistas da assembléa e o seu caracter fraternal, extreme de divergencias ou de rivalidades, com elle incompativeis.

Vencida, por unanimidade, essa preliminar, foi submettida á approvação da assembléa a seguinte

INDICAÇÃO

«Indicamos para, no corrente exercicio de 1902, comporem a directoria da Federação Spirita Brazileira e as commissões a que se referem os Estatutos, nos arts. 13, 24 (lettra *c*) e 40, os seguintes nomes:

Presidente, Leopoldo Cirne;

Vice-presidente, Dr. João Baptista Maia de Lacerda;

1º. secretario, tenente Albino Gonçalves Teixeira;

FOLHETIM (19)

A PEROLA NEGRA

POR

MAX

XIV

O amor é o fluido universal que alimenta os sentimentos mais elevados do coração, como a humidade, a luz e o calor são os meios em que germinam as plantas e bebem os principios de vida.

O homem que não ama, não pode ter bons sentimentos, e o que se embebe do divino fluido os tem tanto mais purificados, quanto maior é a quantidade que assimila.

O amor acompanha o progresso dos espiritos, ou antes, os espiritos, á medida de seu progresso, assimilam maior dose d'aquelle fluido, que lhes serve, por sua vez, de meio de progresso.

No estado mais atrazado do homem, os sexos se unem pela attracção material.

Quando já elle tem feito alguns passos na longa via que lhe foi traçada, para sua transformação de larva em espirito angelico, manifesta-se n'elle o amor, mas sob a forma a mais grosseira: a do que chamamos *amor proprio*.

O homem ama a si mesmo sobre todas as coisas!

E' que a assimilação feita, o foi em tão pequena escala, que não deu senão para nutrir o germen do amor.

Aquella semente, porem, germina, e influe sobre o vaso que a contem.

Mais tarde, e por novas assimilações, o amor proprio se dilata e dilata o coração, até abranger o sentimento da paternidade, que comprehende o sentimento do amor de Deus.

Cresce a arvore, sempre a favor de novas assimilações, e ahi vem o amor do proximo, depois do amor da familia.

N'este ponto, que se pode dizer o de maior extensão, porque já nos commovem todos os seres a quem devemos amar, só nos falta a maior comprehensão, porque ainda não amamos a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a nós mesmos.

Chegaremos ahi; e quando ahi chegarmos, exultemos, que de nossa natureza carnal bem pouco resta, e muito tem sobrelevado nossa natureza espiritual.

O amor, em sua maior comprehensão, se manifesta pela abnegação, que é o opposto do egoismo.

N'esse grau de nosso progresso, sentimos mais o mal de outrem, do que o nosso; esquecemos nossas dôres, para só nos lembrarmos das que soffrem nossos semelhantes.

E' a verdadeira caridade, filha dilecta do Altissimo — iris divino que firma a união dos espiritos com o Creador— sublime influxo que impelle as almas das regiões mephiticas, onde revoluteiam as paixões carnaes, para as serenas planuras onde imperam a luz e o bem em sua magestosa pureza.

Jacob não era, apezar de sua posição degradada, um espirito tão materializado e atrazado como era Raphael.

Não era ainda susceptivel d'esse amor acrysolado, que reveste a forma da caridade; mas já tinha, sob a pelle preta, que o rebaixava a seus proprios olhos, um coração capaz de amar ao proximo.

O que sentia por Honorina não era o que atiçava os desejos de Raphael.

Em seu aviltamento, queria saciar aquelle sentimento pela formula material que lhe era permittida: a amasia.

Mas, de par com aquella formula grosseira, elle sonhava com affectos mais elevados, de que sua imaginação cercava o objecto de sua predileção.

Se, em sua condição, pudesse constituir familia, com as convenientes e indispensaveis garantias, elle repelliria com desprezo a amasia.

Possuia, pois, inconscientemente, uma dose soffrivel do fluido vivificador e purificador das sublimes qualidades que devem ser o adorno dos espiritos escoimados de toda a materialidade.

Era um brilhante envolto em cascalho. Era um condemnado á humilhação, para lapidar, pela resignação e pela humildade, aquelle brilhante.

Não era da elevação moral e intellectual de Honorina; mas, se cotejassem os dois espiritos na posição que tiveram na terra, em sua passada existencia, talvez os que só apreciam as honras e grandezas do mundo os julgassem dignos um do outro.

Se Honorina era descendente da alta casa de Navarra, Jacob era de um dos ramos mais florescentes da casa dos Medicis.

A filha de Ulzman teve uma educação mais bem dirigida, e eis porque os dois, merecendo a pena do actual aviltamento, se mostravam, entretanto, tão distanciados em saber e em moralidade.

Alem d'aquella causa, influiu para o resultado o meio em que foram creados, na presente existencia.

Honorina teve a Nhasinha que a sequestrou da corrupção da senzala.

Jacob viveu mergulhado n'aquelle meio, e muito fez em não se envenenar completamente.

A verdade é que a rapariga, sempre que vinha á cosinha, para trazer suas consolações aos desgraçados parceiros, notava a attenção com que a ouvia o moleque Jacob, ao em vez dos outros, que riam e zombavam de suas praticas.

— Aquelle rapaz não é da laia dos outros, pensava ella;— e, quem sabe?— talvez seja, como eu, um espirito que teve posição social e, por abusar d'ella, veiu tambem fazer provas de humildade.

Tanto pensou n'esta hypothese, que acabou por tel-a como verdade, por considerar Jacob um personagem em dolorosa expiação.

Aquella taciturnidade, em sua idade e em sua baixa condição, fazia um effeito singular no animo da rapariga.

Conversando com José Gomes, falava sempre n'elle, e, precisamente na vespera da tempestade, lhe revelou o que pensava a respeito d'elle.

(*A seguir*)

2°. secretario, Antonio Alves da Fonseca ;

3°. secretario, José A. P. Guimarães ;

1°. thesoureiro, Pedro Richard ;

2°. thesoureiro, Ignacio Dias Pereira Nuues ;

Director da livraria, 1°. tenente Augusto de Souza Lobo ;

Administrador da livraria, Antonio Lima ;

Bibliothecario-archivista, Americo Ferreira de Almeida.

Commissão da Assistencia aos Necessitados : Dr. Galdino de Freitas Travassos, João Augusto Ramos da Silveira, José Joaquim Gomes Capella, Ignacio Bittencourt e Dr. Alfredo Rocha.

Commissão de contas : Paulo José da Rosa, Alberto Freire da Silva e capitão Ignacio Henrique de Faria.

S. R. em 28 de fevereiro de 1902. Manoel Joaquim Moreira Maximino— Carlos Tavares de Mattos—Alvaro de Carvalho-Francisco J. de C. Brown.»

Submettida á consulta e, em seguida, ao voto da assembléa, essa indicação foi igualmente approvada por unanimidade.

O presidente, depois de agradecer, em seu nome e no dos seus collegas, esse testemunho de confiança dos companheiros, indicou a conveniencia de serem submettidas á apreciação da respectiva commissão, que acabava de ser eleita, as contas apresentadas pela directoria, —providencia que não pudera ter logar, em virtude de só agora, e por força dos novos estatutos, existir essa commissão, escolhida pelo voto da assembléa soberana— e terminou por declarar empossados os eleitos, em sua quasi totalidade presentes, com excepção de dois ou tres apenas, que se acham fóra da nossa capital.

Publicaremos o parecer d'aquella commissão, em seguida ao relatorio presidencial, cuja extensão, de par com a insufficiencia de espaço, nos impede de o publicar integralmente no presente numero, o que nos obriga a repartil-o por duas edições da nossa folha. Concluiremos, pois, proximamente essa publicação.

COLLABORAÇÃO

CARIDADE

Excelsa virtude, *sem a qual não ha salvação*, é por certo a caridade!

Quem melhor a explica e define que o inspirado Paulo, no Cap. XIII, vv. de 1 a 7 e 13, de sua 1ª Epist. ao Corinthios?

Ella é: *material*, quando se faz a esmola sem ostentação, isto é: *Sem que a mão esquerda saiba o que faz a mão direita*.

E' *espiritual*, quando se ora, gratuitamente, pelos incarnados e desincarnados e, amorosamente, se lhes mostra os desvios e erros de suas falsas concepções.

E' *moral*, quando ha esforço por melhorar, libertando-se cada um das imperfeições que trouxe de sua ultima incarnação; quando perdôa, *não sete vezes, e sim setenta vezes sete vezes*, e quando tudo soffre resignado e se convence de que sem a graça do soffrimento não ha progresso espiritual.

E será esta caridade que se ensina, e praticam individuos e instituições religiosas e beneficentes d'esta nossa Capital Federal? Não, desde já o asseveramos.

Os individuos querem ver o seu nome em lettra redonda, quando são levados á pratica de algum acto de philanthropia, notando-se que aos ricos, que pedem, chegam a dar contos de reis, e aos pobres enfermos e aleijados, muitas vezes, mortos de fome, dão apenas um nickel, ou um «Deus o favoreça» !

As instituições religiosas e beneficentes principiam por, ostentosamente, obrigar o pobre, ou a pobre mãe de familia, que nem tem com quem deixar os magros filhinhos, a perder horas e horas de seus affazeres, curtindo fome e sêde, ao sol ou á chuva, para receber o que distribuem; quando seria a pratica da caridade mandar levar o obolo ás choupanas dos necessitados.

E os padres, que tudo avassalam, impõem ás fanaticas directoras (que cegamente lhes obedecem, apezar de terem irmãos, paes e maridos) a exigencia, contraria aos ensinos do Christo, de saberem primeiro se os soccorridos são ou não casados e residentes na séde da igreja que parochiam, e se adoptam ou não o Romano Catholicismo, *sine qua non manducabunt*.

Não admittem que a pobre, sem recursos para a avultada despeza do casamento catholico (em que o padre tem quasi a totalidade), possa ser casada só no civil,—embora o esposo soffra miserias e gema de dôres no fundo da cama, embora a mãe e os filhos chorem de fome no escuro quarto do triste casebre !

E o peor é que não se tolera que os beneficiados, por pauperrimos que sejam, deixem de ir a todas as missas, a todas as bençãos, e que não se confessem semanalmente!

Irrisão! Foi assim, porventura, que o meigo Jesus, o Divino e Amado Filho de Deus, ensinou a pratica da mais sublime das virtudes que Elle veiu exemplificar?

Não, por certo ; pois que em tudo differe de quanto explicou e recommendou, em suas epistolas, o apostolo Paulo.

Não, por certo : porque a necessidade não tem côr, não tem patria e nem tem credo religioso; como o sol a todos queima, como a chuva a todos molha, e como a morte a todos fere.

A caridade não faz selecções, nada exige, nada impõe, como paga de sua elevada e sublime missão; não espera que lhe peçam, sai em busca dos necessitados, corre para onde se ouve os gemidos da fome, para onde ha orphãos a abrigar, para onde ha mães a consolar ; e, com os olhos fitos na Cruz, a todos acolhe, levando o obolo a todos os pobres, o conforto a todos os lares e a resignação a todos que soffrem.

Bemdita seja a caridade!

URIAS.

Da transmissão do pensamento á distancia normal e provocada

(*Moniteur des Etudes Psychiques*)

(*Continuação*)

N'este caso particular se verifica que a communicação se fez á hora exacta; que houve uma interrupção de trabalho, pois que o vestido cahiu involuntariamente da mão que o segurava; finalmente que as palavras pronunciadas eram as mesmas que o pensamento recebido, não obstante se apresentarem á pessoa em questão, em forma de lembrança.

Essas transmissões tão nitidas, tão precisas, não parece terem analogia entre si; são, entretanto, da mesma ordem, produzidas pelas mesmas causas, tendo absolutamente relações communs.

Eis-nos, pois, induzidos a formular os seguintes quesitos:

1.° Como e porque mecanismo se effectuaram as transmissões ?

2.° Existem ondas magneticas capazes de transportar o pensamento ?

3.° Como se formam essas ondas ?

4.° Como se produzem os phenomenos de audição ?

Estas differentes questões são muito difficeis de resolver; não tenho por isso a pretenção de o fazer ; mas, baseando-me sobre a physiologia do systema nervoso, vou simplesmente formular hypotheses capazes de nos fazer comprehender, physiologicamente, todo esse mecanismo.

Na natureza tudo é regido por leis de vibrações.

O som é produzido por vibrações do ar, variando desde 16 ondas vibratorias até 36.000.

A luz é produzida pelas vibrações do ether, á razão de 560 trilhões a 1 quatrilhão, cifra redonda, por segundo.

Os nossos ouvidos não podem registrar essas ondas alem de 36.000 vibrações duplas.

Nossos olhos só as começam a registrar a partir de 560 trilhões. Entre estes dois termos existem certamente forças vibratorias : não possuimos, porem, orgãos capazes de as registrar.

Felizmente temos apparelhos que substituem os nossos sentidos deficientes, permittindo-nos saber que a electricidade existe e que suas ondas são de mil milhões por segundo.

A nossa ignorancia a respeito das ondas vibratorias telepathicas não parecerá estranha, sabido que os apparelhos capazes de registrarem essas ondas ainda não foram inventados.

Mas, apezar d'isso, o nosso organismo não escapa a essa lei vibratoria ; todo o nosso systema nervoso a ella se acha submettido.

Effectivamente, que nos diz a physiologia?

1°. que o systema nervoso é composto de cellulas e de nervos ;

2°. que a cellula, por sua nutrição, pelas suas permutas chimicas e gazosas, produz uma electricidade especial, ainda muito pouco conhecida, que alguns denominam fluido electrico, fluido magnetico, fluido electro-magnetico, e que a physiologia denomina influxo nervoso.

Denomine-se esse fluido como se quizer, o que é indubitavel é que elle se traduz por vibrações, e por isso seria preferivel chamar a essa força *influxo vibratorio*.

3° que os nervos não são mais que os conductores d'esse influxo vibratorio, o qual os percorre sob forma de vibrações á razão de 30 metros por segundo.

Essa força, por conseguinte, já se acha medida.

4° que a cellula, sob uma excitação qualquer, desprende *influxo vibratorio*, e o seu papel consiste, alem d'isso, em distribuir esse influxo, por intermedio dos nervos, quer sobre uma outra cellula, quer sobre um orgão qualquer, para executar um acto, que se chama *acto reflexo*.

Por exemplo : sou mordido na face; immediatamente a minha mão se dirige para ahi.

5° que os excitantes das cellulas podem ser de origem *peripherica* (a pelle, as mucosas, os orgãos dos sentidos) ou *central* (o cerebro : vontade, idéa, memoria).

Todos esses excitantes agem igualmente sobre a cellula e, talvez, sobre o acto terminal, quer uma idéa, quer uma secreção, quer uma contracção muscular.

Para melhor vos fazer comprehender esse phenomeno, tomemos um exemplo :

Um excitante peripherico, representado por um socco, recebido por tres individuos differentes.

Que acontece então ?

O primeiro nada dirá, mas a idéa de vingança logo lhe acode á mente;

O segundo pôr-se-ha em guarda ; n'este a excitação da cellula produziu contracções musculares para o fazer tomar uma attitude defensiva.

O terceiro, finalmente, começa a chorar; n'este, a excitação produziu uma secreção da glandula lacrymal.

Um excitante physiologico, tal como a vontade, agirá exactamente sobre a cellula como agiu o socco.

Elle poderá originar uma excitação peripherica (vesicação, queimadura, stygmas produzidas em estado de hypnose); ou dará origem a uma idéa.

Que deducção se pode tirar d'estes dados physiologicos?

1° que possuimos uma força vibratorio ;

2° que a vontade, emittindo uma idéa, excita uma cellula, que transforma essa idéa em influxo vibratorio, para ser transmittido, por um nervo, a um orgão capaz de transformar esse influxo, quer em idéa, quer em contracções musculares, quer em secreções.

Pode-se, pois, concluir que uma idéa se transforma em influxo vibratorio e que um influxo vibratorio se transforma em idéa, por intermedio da cellula.

Ao demais, toda idéa produz uma excitação de cellulas, e, reciprocamente, não existe excitação de cellulas sem idéa.

(*A seguir*)

DR. BALME

Typ. BESNARD Frères—138 Rua do Hospicio

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL
Brazil. . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA
ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL
Estrangeiro . . . . 7$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XX **Brazil — Rio de Janeiro — 1902 — Maio 15** **N. 458**

A PERSONALIDADE DE JESUS

Tanto como a sua moral, que ao fim de dezenove seculos a humanidade ainda não compreheudeu, e muito menos praticou, e da qual se destacam ensinos tão profundos que fazem a perplexidade dos mais reflectidos, a personalidade do Divino Mestre, aureolada em um nimbo de immaculada pureza, tem sido objecto de investigações que, ha seculos, se degladiam obstinadamente, sem conseguir lhe penetrar a essencia.

E' que, para ahi chegar, o homem da terra, encerrado em uma atmosphera de paixões que lhe obscurecem as altas percepções, falta esse instincto de penetração, essa capacidade lucida de apprehender as coisas relativas aos dominios do que se pode chamar, propriamente, divino, e a que pertencem os espiritos da elevação do meigo Nazareno. Sómente quando houver franqueado os estadios inferiores em que, na terra, se debate, e, pelo perseverante esforço na senda do progresso, houver desenvolvido essas faculdades superiores que dormitam latentes nas profundezas do seu *eu*, á espera d'esse impulso, para desabrochar n'uma eclosão brilhante, é que poderá o homem abordar com segurança essas transcendentes regiões, ainda por largo tempo interdictas ao seu atrazo e ignorancia.

Emquanto não tiver ahi chegado, as suas tentativas não passarão de infructiferas chimeras, que, para castigo do seu proprio orgulho, se transformarão em cinzas.

No que se refere particularmente ao assumpto que tomamos por epigraphe, o que pelo menos se observa é a confusão das opiniões, cada qual obedecendo ás suggestões pessoaes, nem sempre inspiradas na descoberta da verdade. A igreja de Roma, por exemplo, á força de querer collocar o Christo fóra da humanidade, acabou por confundil-o com o proprio Deus, como se fosse possivel encerrar em uma forma qualquer, purissima embora, sempre limitada, o Ser infinito e increado, que enche os universos com a sua irreductivel grandeza, e com a sua sabedoria e omnipotencia os anima e faz viver.

Não é nosso intuito discutir aqui essa pretenção, filha principalmente do orgulho, em que o ensino dogmatico se inspira, tanto mais que por outros de maior competencia o assumpto já tem sido sufficientemente esclarecido, provando-se, com os proprios textos dos Evangelhos, que Jesus jamais se disse outra coisa que não um Enviado do Pae, em cujo nome formulou todos os seus ensinos.

Agora mesmo vemos novamente a questão debatida pelo nosso collega d'*O Spirita Alagoano*, que com excellentes argumentos vai destruindo aquelle ensino, defendido pela folha clerical *A Cruz*.

Outro é o nosso fim, que entende unicamente com o confrade mencionado, a quem solicitamos venia para oppôr algumas observações a certos conceitos externados em sua edição de 1 de abril, os quaes discrepam da verdade conhecida, segundo a Revelação, acerca da personalidade de Jesus.

Na ausencia de capacidade pessoal, a que alludimos pouco acima, para o conhecimento d'essa personalidade, sómente na revelação podemos effectivamente haurir as instrucções de que necessitamos, submettendo-as, todavia, como, de resto, é nosso direito, ao exame da razão, com cujos dictames precisa sempre se harmonizar a nossa crença.

Segundo, pois, a Revelação, sabemos que Jesus, cuja perfeição se perde na vastidão dos tempos, é um d'esses espiritos que, tendo sempre feito um uso prudente do seu livre arbitrio, jamais falliram, não tendo, pois, luctado, como ao collega se afigura, «com todas as necessidades e miserias da nossa vida» e sentido, «como nós, todas as instigações lascivas inherentes á nossa carne grosseira.» Não. Evoluindo, desde o seu estado de simplicidade e ignorancia — ponto de partida de todas as creaturas de Deus, — sempre no sentido do bem, docil aos conselhos dos seus guias, jamais elle experimentou as vicissitudes grosseiras da materia, e poude assim attingir gradualmente essas eminencias scintillantes de espirito puro, e não purificado, graças ao que lhe foi outorgado a direcção de um mundo, — o nosso — presidindo á sua genese, e acompanhando e impulsionando o progresso, moral e intellectual, da sua humanidade, até agora, como pelo futuro adiante. E de que, ao tempo da formação do nosso globo, já elle era um espirito puro, em communhão de pensamento com o Creador, nos dá elle proprio o testemunho na tocante invocação que precedeu de poucas horas a sua entrega aos quadrilheiros — inicio da tragedia do Calvario:

«Tu, pois, agora, Pae, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquella gloria que eu tive em ti antes que houvesse mundo» (*João, XVII*, 5).

Se, pois, a anterioridade da sua pureza espiritual remonta para alem d'essa remotissima epoca, onde effectuou Jesus as incarnações e reincarnações que ao collega se afigura ter elle tido, para «corrigir-se de todas as fraquezas» e chegar «a adquirir aquelles eminentes dotes com que se apresentou á humanidade do seu tempo?»

Essa apreciação, ao demais, que citamos entre aspas, está em desaccordo com a propria opinião do collega, emittida, linhas antes, no mesmo artigo em torno do qual tomamos a liberdade de bordar estes commentarios. Queremos falar da sua affirmativa: «Jesus é o Verbo divino e *eterno*» (o grypho é nosso). Não vemos, de facto, como conciliar essa *eternidade* da sua condição de Verbo, ou pensamento, de Deus, com as fraquezas ulteriores que lhe são attribuidas. E digamos de passagem que ahi o collega foi mais longe do que a propria Revelação o autorizaria. A expressão de João (I, 1°) «no principio era o Verbo» não se deve entender no sentido de eternidade, mas de precedencia ao nosso mundo, no principio de cuja formação já elle occupava, na hierarchia espiritual, a eminente posição que lhe assegurava a categoria de Verbo do Creador, em relação a esse mesmo mundo.

Sentimos que ao esclarecido confrade houvessem escapado esses descuidos. E porque o sabemos um estudioso, como alem de tudo o attesta esse mesmo artigo que commentamos, e cuja argumentação, exceptuados os pontos arguidos, é muito criteriosamente formulada, é que nos animamos a fazer as observações acima, que outra coisa não visam senão contribuir para rectificar e completar o seu juizo acerca do Divino Mestre.

O assumpto exigiria um desenvolvimento que, porem, o espaço de que dispomos não comporta. Limitamo-nos por isso a estes commentarios superficiaes, reservando para outra occasião a analyse de dois pontos importantes, a saber: a natureza do corpo que revestiu Jesus para a sua missão na terra — corpo compativel com a sua immaculada pureza espiritual, com que jamais o nosso organismo grosseiro offereceria affinidade — e a reserva que, a esse respeito, manteve o nosso mestre Allan Kardec em face da Revelação da Revelação, dada a Roustaing, na qual se encontra o assumpto ampla e cabalmente desenvolvido.

Não perderá, todavia, o collega por antecipar esse estudo, que a contradição evidenciada em seu escripto revelou não haver feito, e para isso não terá mais que consultar as collecções da nossa folha, em que, ha alguns annos já, vimos publicando, sob a epigraphe *Os Quatro Evangelhos*, a traducção — infelizmente a unica — feita d'essa transcendente revelação.

Se d'ahi resultar a uniformidade de vistas que a esse respeito visamos entre os nossos irmãos em crença, julgar nos-hemos vantajosamente compensados d'este dissabor de contrariar em publico o pronunciamento de um collega, que por mais de um titulo prezamos.

Este, porem, era o nosso dever. Seja-nos, pois, tambem a attenuante, quando não a absolvição da irreverente intervenção.

NOTICIAS

Segundo communicação que gentilmente nos transmittiu, temos a satisfação de avisar aos leitores que o nosso confrade Luiz de França (*Uvias*) trabalha actualmente em um livro, com cuja publicação não tardará a ser enriquecida a litteratura spirita, e que, de maior folego que as «Cartas Spiritas», cuja edição está quasi esgotada, representará mais um testemunho da sua dedicação á santa causa da nossa doutrina.

«Esse livro, nos diz elle, tem por titulo *Revelações sobre pontos dos Evangelhos*, e parece que muita luz levará aos spiritas, como aos catholicos e protestantes que o quizerem compulsar. Está sendo recebido por uma medium vidente, ouvinte e mecanica, no pequenino grupo «Alliança,» que presido e que funcciona em minha casa.»

Ahi fica, pois, o aviso aos confrades estudiosos.

OS LIBERTADOS

VISCONDE DE TORRES-SOLANOT

A 24 de janeiro preterito recebeu em seu seio a patria espiritual, cujas felicidades trocara momentaneamente pelos deveres, santos e nobres, ao demais, que n'este mundo preencheu, o intrepido espirito, cujo nome inscrevemos ao alto, e que foi uma das mais eminentes e prestigiosas figuras do novo apostolado na cavalheiresca Hespanha.

Extensa é a sua folha de serviços á sacrosanta causa que, com o seu passamento, perde um dos mais activos e esclarecidos elementos de propaganda n'aquella parte do planeta. E é com verdadeiro pezar que, coagidos pela escassez de espaço, deixamos de submetter ás vistas dos leitores os brilhantes traços biographicos em que esses serviços vêm relacionados,

inclusive o seu testamento — derradeiro attestado da sua elevação de vistas e da sua identificação com os salutares principios da nossa doutrina, graças aos quaes poude elle nos dar o edificante exemplo de encarar tranquillamente essa augusta transição, que impropriamente se denomina a morte, e que foi um pretexto para nos dar um dos mais bellos ensinos de sua vida.

Como homenagem, todavia, á sua memoria veneranda, solicitamos venia aos nossos collegas do *Luz y Unión*, «Revista de Estudios Psicológicos», para transcrever a «Conclusão» com que encerraram a noticia do seu trespasso, e que contém, em synthese, a apologia da sua missão terrestre e das peregrinas virtudes do seu espirito.

E' a seguinte:

«Se considerassemos a vida apenas sob o seu aspecto material, forçoso seria convirmos em que o visconde de Torres-Solanot nenhum proveito positivo auferiu de sua existencia na terra.

De facto, nascido na opulencia, era possuidor de predicados de intelligencia nada communs, e de uma vasta illustração e perseverança, orçando pela tenacidade, propria do caracter aragonez, as quaes poz em evidencia em todos os emprehendimentos a que prestou o seu concurso pessoal. Taes aptidões, desenvolvidas na esphera em que se movem e agitam os egoismos humanos, ter-lhe-hiam assegurado grande copia de honras, riquezas e novos titulos a accrescentar ao seu nome illustre.

Elle, porem, preferiu assomar aos humbraes de alem-tumulo, limpo de toda vaidade; as suas relações, na ultima decada da sua existencia, foram as que lhe grangearam o seu assiduo contacto com os seres humildes, sobre os quaes entornava toda a ternura do seu grande coração, com elles repartindo os thesouros de sua caridade inesgotavel, em um convivio d actos e palavra, de tal modo que não serão as classes elevadas que s poderão ufanar de haver cultivado a estima de um titulo que o bondoso visconde se comprazia em democratizar, pondo-o, com a sua fortuna e actividade pessoal, ao serviço das classes populares, dos humildes e necessitados.

A Caridade e o Amor foram a sua divisa, impressa em todos os seus actos.

Com esse patrimonio de boas obras emprehendeu o nosso amigo e mestre a jornada aos mundos de ultra-terra. Quão grato não terá sido o seu regresso á vida espiritual!

Como, entretanto, no seio da sociedade egoista e materializada em que vivemos, não se apreciam o merito, o talento, a honra e a gloria senão atravez da formula *tanto tens quanto vales*, muitos entenderão que o nosso irmão, ao terminar esta sua ultima existencia, terá encerrado as operações com um balanço desastroso.

Se, porem, considerarmos as coisas sob um outro aspecto, dentro dos ensinos da doutrina spirita, apreciando a vida planetaria simplesmente como uma pagina da real e verdadeira e eterna existencia do espirito, quão differente resultado nos apresenta o balanço da conta que o visconde de Torres-Solanot acaba de encerrar! Abnegação, altruismo, desinteresse, lucta incessante pelo ideal, objectivo dos seus affectos; a melhor parte da sua vida e a maior dos seus bens consagradas á regeneração moral e material do ser humano,—taes são os seus titulos. Campeão do progresso, como politico, elle uniu as suas forças ás dos demolidores de um estado social decadente e oppressor; apostolo da Boa Nova, militou na vanguarda do exercito que procura elevar o grandioso edificio da Religião Universal. Progressista, republicano e revolucionario em politica; maçon e spirita em philosophia; universalista em sciencia e religião, collaborou com maxima amplitude, com generoso esforço e com sacrificio de sua vida e interesses, prodigalizados sem receio nem consideração de especie alguma, n'essas manifestações que enfeixavam a grandeza de seus sentimentos e a magnitude do seu coração.

Quão ditoso terá sido o seu despertar na vida do espaço! Como se ha de elle agora rejubilar, contemplando a sua obra e recebendo o galardão a que fez jus n'esta ultima estancia da sua vida!

Espirito de Torres-Solanot: tu sabes quanto sentimos a nostalgia do espaço. Sê nosso mensageiro junto dos seres amados que partiram antes de ti. Transmitte-lhes a pureza do nosso affecto: elles sabem quanto os amamos. Trabalhai, uns e outros, sem descanço, na obra do nosso progresso espiritual: sêde o pharol que illumina a rota da nossa vida, e todos, incarnados e desincarnados, imploremos e nos tornemos dignos da protecção de Deus.»

Refere o *Progressive Thinker*:

«Factos registrados pela historia provam que nós recebemos premonições em sonhos. Calphurnia sonhou que via Cesar cahir mortalmente ferido a seus pés, na noite que precedeu o seu assassinato; e o poderoso triumphador ficou tão fortemente impressionado pelo sonho de sua mulher, que não teria ido ao Senado, n'esse dia, se um dos conspiradores não houvesse excitado o seu orgulho, rindo-se por elle ligar importancia ao sonho de uma mulher.

Christovão Colombo, segundo uma tradição consignada por Humboldt, ouviu em sonho estas palavras: «Deus te dará as chaves do oceano»; e isso lhe deu nova coragem para realizar o seu vasto projecto.

No somno, nós vivemos em um outro mundo.

Vamos com outros olhos e fal mos outras linguas que não conhecemos quando acordados. O proximo e o longinquo nos são igualmente familiares. «Nós viajamos, fazemos negocios, entramos em emprezas singulares, amamos, odiamos, luctamos, commettemos crimes: os mortos nos procuram, os seres ainda não nascidos vivem, os milagres são banalidades e o impossivel torna-se real».

Tal é o mysterio do somno.

O espirito trabalha com lucidez e logica no somno. Gœthe recolhia com cuidado os pensamentos e as expressões que se lhe apresentavam nos sonhos. Franklin affirma que achava, dormindo, a solução das difficuldades publicas as mais complexas; Condorcet, não sómente resolvia problemas difficeis, como tambem levantava-se e ia redigir as soluções sem acordar.

O notavel fragmento poetico de Coleridge, intitulado «Kubla Khan» foi composto em sonho. Ao despertar, n'um surto de memoria, elle o escreveu, mas foi interrompido, antes de o completar, por um visitante. Quando voltou á sua escrevaninha, para concluir o que faltava, a memoria lhe faltou completamente.

A actividade do espirito continúa, portanto, durante o somno. Accrescentaremos que elle é principalmente activo em outros planos, sem que d'isso tenhamos conhecimento ao despertar, e mesmo em nossos sonhos, que muitas vezes são um emmaranhado de absurdos.

Não podemos acceitar inteiramente certas vistas do autor, que quer que nos sonhos sejamos privados de senso moral e não possamos fazer a distincção entre o bem e o mal, e que isso seja um facto de atavismo, etc.

Pode ser verdade em certos casos, porem todos os nossos sonhos não são atavicos. Accrescentemos que muitas vezes os sonhos, revelando-nos as nossas más tendencias, são um estimulante moral.»

PUBLICAÇÕES

Como uma alviçareira portadora da Boa Nova, mais uma folha acaba de ser lançada á circulação na nossa capital, tendo por titulo *Fraternização*, e apresentando-se como «orgão do Congresso Spirita Caridade e Instrucção.» O primeiro numero, publicado no dia 5 de maio vigente, em homenagem ao espirito de Agostinho, guia do referido grupo, traz, alem do artigo de apresentação, bem elaborados escriptos apologeticos do grande apostolo do christianismo, e promette ser um precioso auxiliar na divulgação dos ensinos moraes da nossa doutrina, cuja causa tem tudo a lucrar com esses testemunhos de desinteressada e esclarecida dedicação.

O formato do nosso collega é identico ao do *Reformador*, sendo mensal a sua publicação e gratuita a sua distribuição.

Longo e prospero tirocinio é o que de coração lhe desejamos.

—

A Verdade é o titulo de um novo collega, dito de propaganda spirita, e publicado em S. Paulo, como orgão do Centro Luz e Fraternidade, de cujo pensamento é naturalmente o vehiculo. Sentimos, todavia, que nos não pareça a melhor a sua orientação, porquanto, posto não tenhamos recebido o primeiro numero, que decerto nos faria conhecer o seu programma, no seu numero 2, unico que temos á vista, deparamos com ensinos e theorias muito pouco compativeis com os da Nova Revelação, oppondo-se-lhes mesmo algumas de um modo flagrante e absurdo.

Para exemplo, basta-nos destacar, das «Communicações do alto,» trechos como os seguintes, colhidos a esmo:

«... o primeiro homem era ignorante, apezar de ser puro, e pela sua ignorancia commetteu a falta da desobediencia ao mandamento do Creador: *e eis a razão porque nós todos soffremos.*» (O grypho é nosso.)

E mais adiante:

«O Amor, ou melhor, o Pae desceu á terra e incarnou, para nos ensinar os seus mandamentos,» etc.

E', sem tirar nem pôr, o ensino e a linguagem da igreja romana. E se isso, publicado nas columnas de um jornal que se diz de propaganda spirita, não é uma perversidade propositalmente engendrada para desmoralizar a nossa doutrina, é pelo menos uma pilheria de mau gosto.

Que taes coisas se escrevam e publiquem, vindas ou não do mundo espiritual, não importa senão aos que assim se deixem, ou queiram, grosseiramente ludibriar; que, porem, se lhes dê curso em nome e á sombra do spiritismo, é o que não pode passar sem um vehemente protesto, em nome da razão e do bom senso.

E aqui fica o nosso brado de alerta, formulado em beneficio dos que porventura estejam de boa fé.

—

Estatutos da Sociedade de Propaganda Spirita do Amazonas.—Em um folheto de 18 paginas, de que fomos gentilmente brindados com um exemplar, fizeram os nossos confrades do extremo norte publicar a sua lei basica, acompanhando-a da relação dos accionistas da Sociedade, cujo capital é de Rs. 10:000$000, dividido em 100 acções de 100$ cada uma.

Contêm esses estatutos, dentro dos quaes se acha moldado o largo programma da florescente instituição, disposições que recommendam o esclarecido criterio dos seus organizadores; outras, porem, reclamam modificações, que decerto a experiencia spirita lhes aconselhará.

—

Estatutos do Grupo Spirita Amor, Caridade e Fé, de Uberaba, Estado de Minas Geraes.

—E' tambem, como o precedente, e como o titulo o indica, um folheto, mas de mais modestas proporções, contendo as disposições organicas da conceituada associação mineira, a cujos dedicados membros enviamos, com o testemunho do nosso reconhecimento pela bondade com que nos distinguiram, os mais cordiaes votos por que perseverem no caminho encetado, estudando sempre, e sempre melhorando as condições da sua agremiação, de modo a tornal-a o solido esteio em que, para a nossa causa, a podem tornar os seus esclarecidos esforços.

—

Do envenenamento ophidico e seu tratamento—é o titulo de uma interessante monographia, publicada pelo Dr. Vital Brazil, illustrado director do Instituto Serumtherapico do Estado de S. Paulo, na qual se acha reproduzida a sua conferencia, realizada na Escola de Pharmacia, a proposito do thema que serve de epigraphe ao folheto mencionado.

No ponto de vista da sciencia que tão familiar lhe é, revela o esclarecido medico um seguro tacto de observador e uma copiosa erudição, com que soube amenizar o assumpto, tornando-o attrahente e, pela clareza da sua linguagem, comprehensivo aos menos entendidos.

Não fossemos, todavia, d'este ultimo numero, e não se nos dava de provocar-lhe um sorriso de incredulidade, atrevendo-nos a affirmar-lhe que, na inesgotavel fonte de recursos, que, a todos os respeitos, offerece o spiritismo, não será difficil encontrar alguma coisa de mais efficacia que as immunizações serumtherapicas de qualquer natureza, mesmo as antiophidicas.

Mas nós somos uns visionarios; e a sciencia possue um singular prestigio. Não o dizemos, comtudo, seja-nos licito affirmar—no intuito de desapreçar o magnifico trabalho do eminente scientista. Esse trabalho ao contrario,— repetimos— no ponto de vista da sciencia humana, constitue um valioso subsidio para o conhecimento da questão tratada, e é digno dos mais francos elogios, pelo esforço que representa e pela competencia que revela o seu autor.

E não é menor o nosso reconhecimento pela obsequiosa offerta do exemplar com que fomos brindados.

O seguinte caso de «Sonho denunciador» é referido pelo *Zeitschr. für Spiritismus*:

Segundo o «Pester Sloyd», o armazem de um Sr. Prager foi violado durante a noite e roubado em charutos, sellos, etc., no valor de 2.000 corôas. O que torna o facto interessante é o sonho do Sr. Prager.

Na noite do roubo sonhou elle que um ladrão entrava em seu armazem e levava charutos. Ao mesmo tempo que dormia, soltava gemidos; sua mulher o acordou, e perguntando-lhe o que sentia, elle contou o seu sonho, e ambos riram francamente e adormeceram de novo.

De manhã cedo, porem, bateram á porta do Sr. Prager: disseram-lhe que o seu armazem tinha sido arrombado.

Elle levantou-se ás pressas e encontrou uma sentinella de policia diante da porta do negocio. Deu os

signaes do individuo visto em sonho, e por elles se reconheceu um malfeitor com o qual a policia já muitas vezes tinha lidado.

Elle reconheceu, alem d'isso, a sua photographia entre as de outros delinquentes.

—

Do *The Progressive Thinker* transcreveu o nosso collega *La Lumière* o seguinte caso, sob a epigraphe «Sonho realizado» :

O Sr. Leighton residia em Haverhill (Massachussetts), em 1885, e duas de suas irmãs, as Sras. Tilton e S. P. Leighton, viviam juntas em Newtonville, perto de Boston.

Esta ultima estava doente desde alguns dias. Uma noite o Sr. Leighton sonhou (exactamente á meia-noite, ao que suppõe) que estava occupado em cavar um caminho subterraneo, quando ouviu uma voz dizer-lhe:

—Emquanto trabalhais, nós vimos buscar (waft away) o espirito de vossa querida irmã.

E, quando levantou os olhos, viu elevar-se um bando de pombos brancos, tendo as pennas de uma alvura tão immaculada, como se jamais houvessem pousado na terra. Pela manhã, ao levantar-se, disse á sua mulher que ia tomar o trem para Newtonville, com receio de que sua irmã tivesse morrido. Já tinha sahido de casa, quando ouviu uma voz dizer-lhe:

—Contai o sonho á vossa mulher; será uma boa prova. Dizei-lhe que vossa irmã morreu justamente á meia noite.

Elle voltou e contou tudo á sua mulher.

Quando chegou a Boston, encontrou um dos seus irmãos e uma outra irmã que seguiam tambem para Newtonville. Chegando lá, diante da casa em que residia S. P. Leighton, viram a porta guarnecida de preto. O irmão do Sr. Leighton lhe disse:

—Nossa irmã morreu !

—Sim, replicou elle, morreu exactamente á meia-noite; os espiritos m'o vieram dizer.

A Sra. Filton confirma que a morte teve logar á meia noite precisa; que alguns minutos antes ella dirigira esta prece a Deus: «Oh ! Deus, envia os teus bons espiritos, para me ampararem, e manda os teus bons anjos buscar (*waft away*) o espirito de minha querida irmã.»

O que ha de particular é que a voz que falou ao Sr. Leighton, em seu sonho, se servira da mesma expressão (*waft away*) que a Sra. Filton empregou em sua prece; ora, nem um nem outro tinha o costume de servir-se d'esse termo.

UM APPELLO

Do nosso presado collega *Perdão Amor e Caridade*, da Franca (S. Paulo), reproduzimos, em cumprimento de um grato dever, o seguinte pedido que lhe foi endereçado, e para o qual solicitamos a attenção dos confrades que porventura a elle possam attender :

«O nosso irmão em crença Sr. Manoel Lopes Trigo Junior, residente em Mineiros, n'este Estado, escreveu-nos, pedindo a publicidade do que se segue :

Mineiros 2 de março de 1902.

Caros irmãos do *Perdão, Amor e Caridade*.

Rogo-vos publicardes na vossa folha o pedido seguinte :

A dolorosa posição em que me vejo obriga-me a recorrer aos irmãos, implorando-lhes um emprego em que possa trabalhar como administrador de fazenda agricola ou industrial, qualquer cargo publico, sendo humilde, — tomar conta de enfermarias, ser enfermeiro, ou qualquer trabalho que algum irmão possa encontrar. O irmão que puder fazer-me a caridade de conseguir algum dos serviços acima indicados, pode avisar ao Sr. João Manoel Malheiro, director do *Perdão Amor e Caridade*.»

COMMUNICAÇÕES

Instrucções espirituaes

(*Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*)

A VIDA INVISIVEL

Pedis, caros amigos, que vos expliquemos a vida de alem-tumulo.

— Porque essa curiosidade? Em que a sua satisfação seria proveitosa ao vosso adiantamento? E — vós o sabeis — não vos podemos instruir senão com esse fim...

Antes de tudo, deixai que vos digamos que o conhecimento da vida e das occupações dos invisiveis, não sómente vos seria inutil, mas poderia ser prejudicial ao cumprimento dos vossos deveres terrestres. E, por fim, estariamos na impossibilidade, mesmo com o concurso do medium mais maleavel, de vos transmittir informações um pouco exactas acerca do nosso genero de existencia.

•

Poderieis explicar a um selvagem, que jamais houvesse abandonado as suas florestas, os mil detalhes da vossa vida civilizada?

—Poderieis, por exemplo, lhe fazer comprehender o modo por que viajais em terra, sôbre as aguas e mesmo pelos ares?

— Poderieis lhe fazer comprehender a existencia que levais em vossas cidades, o genero de vossas occupações, dos vossos trabalhos e prazeres? Não, — não é verdade?

Pois bem, a difficuldade seria para nós ainda maior.

•

Não deis, por conseguinte, grande credito ao que vos poderia ser dito a esse respeito,

O conhecimento de alem-tumulo não é permittido senão aos que aqui se acham.

Não devemos prodigalizar ás vossas almas senão os clarões necessarios e proprios a facilitar a vida terrestre, a comprehendel-a e a praticar em seu pleno desenvolvimento.

Não peçais outra coisa á sciencia que denominais psychologica : antes de tudo, contornarieis precipicios, em que se poderiam abysmar a vossa razão ou a vossa fé — talvez ambas—, e esquecerieis o dever capital da vossa vida, que não é tanto procurar o que ha na luz dos céos, como a rota que deveis seguir ahi na terra,

*

Eis aqui os unicos ensinos que vos podemos transmittir.

O mundo que denominais *astral* não é mais que uma passagem; n'elle ninguem permanece definitivamente. E' uma estação em que, mais ou menos rapidamente, *nos revestimos ou nos despojamos*, para novamente entrar na vida terrestre, ou para sahir d'ella.

— Os espiritos maus e os que chamais soffredores, habitam mais ou menos tempo essas regiões; n'ellas passamos e repassamos incessantemente, até que o espirito tenha dominado completamente a materia e os seus instinctos.

•

Os caracteres geraes do corpo material do homem se encontram em seu corpo fluidico. Assim, o homem que tiver tido ás suas ordens, na terra, um organismo nervoso, encontrará do lado de cá um organismo quasi analogo; donde se segue que o soffrimento physico poderá existir para elle. Esse soffrimento, porem, já não é semelhante ao vosso: e vêdes que já se torna difficil nos fazermos comprehender.

•

As almas inferiores, ainda encerradas em um grosseiro perispirito, experimentam muitas sensações materiaes, quasi semelhantes ás vossas; mas se tomarmos as palavras no sentido que lhes attribuis, poderemos dizer : « nós não vemos, não falamos, não tocamos. O tempo e o espaço não existem...» Seria inutil proseguir; e deveis comprehender que abysmo existe entre a nossa e a vossa vida.

•

Basta que saibais que o *Eu sobrevive ao tumulo*; que amamos sempre os que havemos amado; que os podemos envolver no nosso affecto e assistir com os nossos conselhos; que as grandes leis do trabalho e do progresso pelo Amor existem aqui, como entre vós; que aqui, como no vosso mundo, ha quem as comprehenda e defina, mas que a grande m[illegible] in[illegible] e frivola, fluctua, como na differença, entre as paixões e os desejos, e não se decide a enveredar pelo caminho do progresso senão depois de

FOLHETIM (24)

A PEROLA NEGRA

POR

MAX

XVII

Simeão foi, ainda d'esta vez, o centro da conspiração contra o perverso Maciel, que representa, com a mais perfeita exactidão, o typo immundo do mercador de carne humana.

O desgraçado preto tinha confiança em Honorina; mas não se podia resignar a perder para sempre a menina de seus olhos—a sua adorada Lucrecia.

Resistiu quanto poude á tentação, e lograria vencer, pelo impulso das considerações feitas pela Perola Negra, se outro fosse o senhor a quem coubesse.

Maciel, porem, desfazia, n'um momento, todo o cabedal de boas resoluções accumulado em longa noite de insomnia.

Praticado o acto de desespero, o pobre preto reconheceu sua falta, e, mais por pezar de ter offendido a Deus, que Honorina ensinou a amar como o doce pae dos opprimidos, do que por medo do castigo humano, chorou, e fez chorarem os companheiros.

Como se transforma a dura rocha em branda cera, ao mais tenue raio da luz da verdade !

O que podia dar Honorina áquellas almas embrutecidas, ella que bem pouco tinha para si ?

Prodigio do amor do Pae, que multiplica a offerenda da pobre viuva !

Quem a faz, fica tendo mais !

Quem a acolhe de boa vontade, a tem em dez dobros !

Só a virtude produz tão estupendo milagre !

—Está lançada a sorte, disse Simeão aos companheiros. Praticámos um acto de fera; só podemos viver em companhia das feras. Na sociedade, espera-nos a forca, ou a morte por açoites. No deserto, povoado de bichos, teremos a liberdade que elles têm, e a lucta constante contra elles. Aqui mesmo começa a grande *catinga* (*) que tem no centro a serra e rio Bonabuiú, e que se estende para um e outro lado d'aquelle rio, pouco para o norte, e muito para o sul. Assim como vivem ahi milhares de animaes, em que os homens não põem os olhos, assim podemos nós viver, desconhecidos d'elles, até que chegue a cada um de nós o dia da verdadeira liberdade.

«Eu conheço perfeitamente estas brenhas, porque andei muitas vezes com o ultimo gentio que houve n'estas terras, caçando semanas inteiras, a pretexto de apanharmos capivaras, para lhes tirarmos a banha, de que o senhor fazia grande uso. Mesmo no alto da serra, onde nem o demonio pode se lembrar de subir, ha uma chapada, onde se pode fundar maior cidade, dez vezes maior, que a de Quixeramobim. Ahi podemos estabelecer nossa habitação, seguros de que ninguem surprehenderá nem o fogo, nem o fumo de nossas coivaras. Existe ahi uma lagôa que nunca secca, e que tem excellente agua. Toda a especie de caças vai beber alli, e, em torno, abunda prodigiosamente toda especie de abelhas, desde as que trabalham debaixo da terra, como a capuchú, até as que trabalham ao ar livre, como a exú e a exui, não falando das que habitam o ôco dos paus. Para vivermos, temos o melhor que se possa desejar: boa agua, boa caça, bom mel, e o mais que formos plantando. As pelles nos servirão de roupa, emquanto não tivermos semente de algodão; pois todos nós sabemos fiar e tecer. Se um dia quizermos peixe, descemos até o rio; e se quizermos carne de vacca ou de ovelha, chegamos ao campo. Porque não domesticaremos algum casal d'essas raças, que dar-nos-hão leite e o mais que do leite procede? Mais tarde colheremos aves do terreiro, e, bem que seja muito arriscado, poderemos trazer para o deserto mulheres que o alegrem. Seremos, em todo caso, homens senhores de si—e não mais escravos de seus senhores !

Todos os companheiros de Simeão, não sómente accolheram o plano de vida que lhes expoz elle, como o acolheram com enthusiasmo.

—

(*) Os sertanejos chamam catinga as mattas cerradas que não são povoadas senão por animaes.

Adiante de si tinham a liberdade—atraz de si tinham a forca !

Foram ás canastras de Maciel, e tiraram d'ellas tudo o que continham : roupas, e uma grande lata de polvora e outra de chumbo.

Foram ás malas da bagagem, e arrumaram em trouxas a carne secca, o feijão, o milho, a farinha, e uma abobora (girimum) já partida.

—Já levamos algumas sementes, disse Simeão : as demais tel-as-hemos mais tarde. Agora, demos liberdade a estes pobres cavallos, nossos irmãos em captiveiro, levando-os para a catinga, donde só sahirão, se forem tolos; e pé ligeiro, meus amigos, que os camaradas de Maciel podem vir por ahi com gente.

—Aqui está uma peça de que precisamos, disse um dos negros, revistando a cangalha de um dos animaes.

—Que é ?

—E' o machado novo, que o senhor comprou para fazer-nos rachar lenha, quando eramos obrigados a pousar no matto.

—Excellente; mas deve estar por ahi o facão de roçar matto. Procurem depressa.

—Aqui está, pendurado n'esta outra cangalha.

—Bravo ! E a bonita faca do senhor ? Deve estar presa ao collete d'elle.

—Vão buscal-a, que é traste indispensavel.

Todos ficaram em pé, temendo cada um ir tocar no cadaver.

Não era propriamente o respeito que o homem culto vota aos mortos, nem mesmo effeito do remorso, mas sim a superstição, que é a peor lepra das almas.

Era, porem, urgente colher aquelle instrumento, e foi o proprio Simeão quem o foi buscar.

Encontrou-o, e apanhou-o com tal pavor, que suppoz-se agarrado pelo defunto, só porque o cabo da faca embaraçou-se no gibão.

—Se não a safo tão depressa, bradaria por soccorro.

Estavam feitos os preparos, e os cinco negros se embrenharam no matto, silenciosos, marchando um atraz do outro, em procura da serra, para onde os guiava Simeão, que ficou tacitamente acclamado chefe da nova colonia.

Iam ser homens entre brutos, os que tinham sido brutos entre homens ; mas a força da natureza é tal, que, parando para descançarem n'uma elevação, donde se descobriam as casas ao longe, os desgraçados suspiraram e verteram lagrimas !

O que sentiam aquelles corações, condemnados desde o berço, condemnados por toda a vida deixando a sociedade que lhes fôra tyrannica madrasta ?

Sentiam saudade do meio em que vieram á vida, para exercerem as altas funcções do ser creado á imagem de Deus.

Sentiam o que sente o passarinho, creado na gaiola, quando vê, no prado, esvoaçarem chilreando os de sua especie.

Oh ! como é triste pensar—e principalmente ver—que uma parte da humanidade é tolhida no uso do mais precioso dom que Deus fez á especie !

Os miseros quasi retrocederam; mas o dilemma: a morte ou a liberdade ?

Liberdade para o ser social não é sómente o livre uso da vontade, é principalmente, essencialmente, aquelle exercicio em todas as relações sociaes.

Livre é o desterrado, no logar de seu desterro ; mas a plenitude do gozo de seus direitos sociaes ?

Aquelles infelizes iam ser livres, tão livres como o rei dos bosques ; mas sentiam que lhes faltava alguma coisa essencial, que o amplo exercicio da vontade não dá; e eis porque suspiravam, vendo os logares em que foram captivos, porem onde sómente se poderia encontrar aquillo que lhes faltava.

A imagem do cadafalso sustentando seus corpos inanimados e balançando-os no ar ao sopro do vento, fel-os prescindir do mais e contentar-se com o menos.

Subi, filhos desherdados da fortuna—subi o novo Golgotha, para onde vos arremessam as faltas de uma vida impura !

Permitta o Pae de amor que, d'essas alturas mundanas, possam vossas almas descobrir as risonhas planicies, onde gozam venturas excelsas os que já souberam limpar-se das impurezas carnaes !

Que essa vista vos dê força e vontade para vos vencerdes !

Simeão levou dois dias a guiar seu povo pelo deserto, até o ponto em que devia fundar a colonia.

Era encantador o sitio !

Todos respiravam aquelle ar livre e perfumado; mas todos sentiam que faltava... o movimento humano.

Era como uma flôr de rara belleza, mas sem perfume.

Não nos incommodemos, que o costume creará uma nova natureza,

(*A seguir*)

haver soffrido por muito, por muitissimo tempo.

•

Os maiores das nossas regiões procuram, como entre vós, fazer adiantar os mais pequenos ; e quando para cá vierdes, os encontrareis, promptos a receber-vos, a vos encorajar, a ensinar-vos a vos servirdes dos vossos novos orgãos, a abrirdes os olhos, pouco a pouco, á nossa luz, a vos fazer saborear gotta a gotta a nossa vida fluidica, como, ahi no mundo, fazeis tomar os recemnascidos o leite —gotta a gotta. Eis tudo quanto vos é util saber acerca das nossas occupações e dos nossos trabalhos. Não peçais outra coisa :— serieis enganados. A grande Revelação, para que somos enviados, não tem outro fim senão accelerar o vosso adiantamento moral, mediante os nossos conselhos e *a certeza do Alem*.

•

E essa certeza, nós vol-a offerecemos nas manifestações de todo genero que estamos autorisados a produzir.

Sómente quando essa grande verdade fôr a acquisição do maior numero é que o progresso tomará completamente o seu surto, e que a humanidade, desembaraçada das faixas infantis, se encaminhará com firme passo á realização dos seus destinos.

Não procureis alhures a solução dos grandes problemas sociaes que vos preoccupam: esses problemas não serão resolvidos senão quando o homem tiver aprendido a se conhecer, e quando se houver compenetrado do *porque da vida e do objectivo que deve attingir*.

•

Esse conhecimento do futuro que vos está reservado, não sómente vos auxiliará a bem preencher vossa tarefa sobre a terra, mas vos preparará para reentrar, sem hesitações e sem temor, na verdadeira vida.

(*A seguir*)

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apostolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o *espirito que virifica* ; a carne de nada serve : as palavras que vos digo são *espirito e vida*.»

(João, VI, v. 64).

«*A lettra* mata, e o *espirito* vivifica.»

(Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6)

MATHEUS, V. vv. 38 —42—LUCAS VI, vv. 29—30

N. 86. A epoca do cumprimento dos evangelhos, de todas as palavras de Jesus, é aquella em que, com o tempo e as reincarnações successivas dos espiritos culpados e o concurso de espiritos incarnados em missão, e a influencia occulta e incessante dos espiritos do Senhor, a terra terá sido esclarecida por toda a parte pelo spiritismo, pela acção sempre progressiva da revelação nova, e ter-se-ha TORNADO, depois da separação dos maus e dos bons, dos *bodes* e das *ovelhas*, pelo afastamento dos espiritos conservados *até então* rebeldes e culpados, que serão repellidos para os planetas inferiores, a morada *exclusivamente* de bons espiritos, uma morada de paz e de felicidade ?

«Sim; será o tempo em que o homem terá deixado *as vestes de impureza*, para tomar a de innocencia que nós lhe tecemos com amor.»

N. 87. Para essa realização dos evangelhos, de todas as palavras de Jesus,—a revolução moral, lenta e sempre progressiva, será acompanhada por uma revolução physica, tambem lenta e sempre progressiva, quanto á nossa humanidade, por meio de raças novas no estado de corpos differentes, cada vez menos materiaes, depois fluidicos,—quanto a todos os reinos da natureza, e quanto á constituição do nosso globo ?

«A revolução physica, como devendo executar-se *em relação* com a revolução moral, (mostrar-vol o hemos e o explicaremos quando fôr chegado o momento), foi predita por Jesus no tempo da sua missão terrestre, foi dita e posta *debaixo de véo*, pela sua palavra evangelica e pela revelação feita a João na ilha de Pathmos.»

«O progresso physico far-se-ha ao mesmo tempo que o progresso moral; as necessidades da natureza mudarão, quando as necessidades da alma estiverem depuradas ; e, pouco a pouco, por uma transição que vos seria difficil apreciar, a constituição physica do homem e do seu globo, que já se tem modificado, transformado progressivamente, como o attestam as phases geologicas diversas *já* effectuadas, depurar-se-ha ainda, modificar-se-ha progressivamente—para offerecer um asylo humano, *em relação* com a sua pureza, aos espiritos que se tiverem despojado de todos os seus vicios e de todas as suas fraquezas.»

«Essa marcha ascendente na via do progresso effectuar-se-ha, ao mesmo tempo que para o homem, para os animaes, para os vegetaes, e em todos os reinos da natureza, para a harmonia do vosso planeta.»

«Podeis, desde já constatar que animaes reputados ferozes ou indomaveis começam a soffrer o jugo do homem : é um encaminhamento: tudo se deve resentir d'essa ascensão para o bem ; mas ella será longa e penosa ; poupai, pois, as vossas forças ; concentrai-as, afim de chegardes e de descançardes venturosamente no amor do Senhor, isto é, concorrerdes, na medida de vossa elevação moral e intellectual, para a execução de suas vontades e de suas obras, na vida e na harmonia universaes.»

N. 88. Estas palavras da antiga lei «*olho por olho, dente por dente*», não se applicam, *despojando* o ESPIRITO DA LETTRA, segundo o seu verdadeiro sentido, em espirito e verdade, á justiça de Deus, revelada *debaixo d*[illegible] pelo Antigo Testamento, e exercendo-se, pela lei de Talião, em relação ao espirito culpado, para sua purificação e seu progresso, PRIMEIRO com o concurso da expiação no estado de erraticidade, por soffrimentos ou torturas moraes, apropriados e proporcionados ás faltas ou aos crimes commettidos ; DEPOIS mediante novas provações, pela reincarnação ?

«Sim, certamente; no Antigo Testamento, todos os factos relatados têm um caracter allegorico que reconhecereis, avançando na sciencia spirita.»

(*A seguir*)

Da transmissão do pensamento á distancia normal e provocada

(*Moniteur des E'tudes Psychiques*)

(*Continuação*)

Quanto á questão do transporte, atravez do ether, das ondas vibratorias, vem em nosso apoio o telegrapho sem fio, provando-nos que as ondas magneticas não têm necessidade de conductores metallicos. Mais ainda, a luz negra, os raios X nos provam que as ondas vibratorias são susceptiveis de atravessar corpos opacos, impressionando uma placa photographica.

Estes dois exemplos nos bastam para fazer admittir que o transporte das ondas telegraphicas pode se fazer atravez do espaço, pela mesma razão que o das ondas electricas ou luminosas.

A terra pode igualmente nos servir de conductor. Não se acaba de descobrir o telephone sem fios, servindo a terra de linha ? Essa descoberta, devida ao Sr. Maiche, nos permittirá fazer uma idéa de muitos phenomenos.

Assim as correntes não se estendem, como as ondas hertzianas, em redes circulares e concentricas, mas caminham em linha recta, e, para as utilizar, é necessario estar-se em seu caminho. Ellas são comparaveis a esses feixes de luz, que podem ser dirigidos, por meio de um reflector, para qualquer lado, deixando na sombra o que está incluido no cone da illuminação.

A telephonia tellurica orienta e canaliza, pois, suas mensagens á vontade, visando, por assim dizer, o seu destinatario ; seu alcance theorico é illimitado.

Que deducções d'ahi não poderiamos tirar para a telepathia !

Examinemos agora por que meio pode esse foco telepathico ser posto em acção, ou, se o preferem, como se deve communicar.

Deve-se começar pela concentração do pensamento, isto é, não pensar em outra coisa. Basta esse facto só para se entrar no primeiro estado de hypnose.

Essa hypnose se produz tão bem na transmissão normal, como na transmissão provocada.

Os dois casos, de que vos falei no começo da minha palestra, vol-o provam.

No primeiro caso a Sra. L., pelo seu estado de indisposição, achava-se em ligeiro estado inconsciente ; todo ruido lhe era indifferente, e o seu pensamento se concentrava sobre a idéa de ser soccorrida.

No segundo caso, que provoquei, verifiquei perfeitamente, sobre mim mesmo, um ligeiro estado de somno, quando formulei a communicação.

Para receber a transmissão, produziu-se um estado de hypnose igual.

Quando fui impressionado pelas palavras da Sra. L., o movimento de despir o meu sobretudo foi supprimido, e parecia-me que sahia de um sonho.

Quando a Sra. D., de Luneville, recebeu a minha ordem de comparecer, o vestido lhe cahiu das mãos involuntariamente.

O estado de hypnose natural ligeiro é, pois, necessario para communicar. Mas é necessario tambem pensar lentamente, isto é, solettrar as palavras, syllaba por syllaba, para dar, por assim dizer, tempo ao foco de produzir ondas vibratorias muito nitidas.

Todos tendes falado pelo telephone, e deveis ter observado que, se falais apressadamente, a pessoa a quem vos dirigis não comprehende e vos pede para repetir as palavras.

Facto identico aconteceria com a communicação telepathica ; as ondas mal formadas seriam mal registradas.

Em nosso primeiro caso, a Sra. L. devia ter foçosamente pronunciado «como me sinto mal» etc., bem nitidamente : seu estado de fraqueza a isso a obrigava.

Na communicação de um agonizante dá-se facto identico.

Finalmente, tenho feito experiencias que me levaram a concluir que as pessoas em questão luctavam com difficuldades para apanhar claramente uma idéa formulada com rapidez.

Passemos agora aos phenomenos auditivos.

Muita gente affirma, sob palavra de honra, que tem recebido communicações, com phenomenos auditivos; que a voz ou o ruido, certamente partiram de um canto da sala, e que não eram victimas de uma illusão : essas pessoas, apezar dos argumentos em contrario, estão firmes nas suas convicções. Pois bem, todos esses ruidos são entretanto ficticios.

Voltemos mais uma vez á physiologia, para explicar esses ruidos, occupando-nos sómente dos phenomenos auditivos : os da visão explicar-se-hão de maneira identica.

Que é a orelha ?

E' um apparelho registrador, não de sons, mas de ondas vibratorias, que são recolhidas pelo pavilhão, para serem transportadas ao ouvido interno, pelo tympano e seus orgãos adjacentes, e pelas partes visinhas.

Essas ondas põem em vibração, na orelha interna, a membrana basilar estriada, que é uma verdadeira harpa humana, cujas cordas estão dispostas por ordem de grandeza, exactamente como na harpa. Ellas podem registrar até 6000 sons ; cada fibra, ou corda, communica com o foco auditivo por um fio nervoso, encarregado de transportar o influxo.

Essa harpa humana vibra, pelas ondas recebidas, em commum com o som exterior, tal como uma corda de violão, vibrando, faz vibrar uma corda de piano da mesma tonalidade.

Por esta descripção, e pelo que vos disse no começo, isto é, que havendo uma causa interna e externa, uma cellula poderia produzir o mesmo effeito, comprehendereis facilmente que essa harpa humana pode vibrar sob uma excitação, quer do pensamento, quer de uma causa externa, e produzir o mesmo resultado, isto é, um som.

Eis, pois, um primeiro ponto adquirido : mas porque pertenceria esse som á voz da Sra. L. ?

A memoria desempenha aqui um papel importante ; a physiologia tem reconhecido que ella fica registrada, sempre pelas ondas vibratorias, nas cellulas da camada cortical do cerebro.

O melhor exemplo que d'isso posso dar, é o phonographo : como este, sob a influencia de uma excitação, a cellula reproduzirá aquillo que n'ella se acha registrado.

Ora, eu conhecia a voz da Sra. L.; uma cellula a tinha registrado. Quando recebi sua communicação, essa cellula, excitada pelo reflexo, fez vibrar a harpa do meu ouvido, produzindo o som d'essa voz, que o meu cerebro adaptou, naturalmente, ás palavras recebidas ; a illusão d'essa forma tornou-se completa.

A memoria desempenha tão bem esse papel, que o ruido percebido pela queda da doente, sobre a cadeira, era o ruido da minha propria *chaise longue*, sobre a qual ella se havia sentado, e que minha memoria teria registrado muitas vezes.

Fui alguns dias depois, e pela primeira vez, á casa da Sra. L., e pude convencer-ma da verdade ; o comprido *fauteuil*, sobre o qual ella se deixou cahir, era fofo, sem molas, e não produzia ruido.

Em communicações d'essa ordem, todos os ruidos são, pois, ficticios.

Notem bem que, emittindo esta theoria, não tenho pretenção de combater nenhuma theoria, dos occultistas, e não quero pôr em duvida os ruidos reaes que elles poderiam ter verificado, mas penso que, entre vivos; não se podem produzir ruidos senão ficticios ; em todo caso o que acabo de expender pôr-vos-ha de sobre-aviso e, quando tiverdes, quer entrevivos, quer *ante* ou *post mortem*, communicações sensitivas, ou mesmo spiritas, devereis examinar, com todo o cuidado, se o que vistes e ouvistes não deve ser classificado na ordem dos phenomenos ficticios.

Só um apparelho registrador poderia ser concludente em taes casos, porque duas ou tres pessoas podem ser influenciadas de igual forma, o que não constituiria ainda uma prova de realidade.

Em todas as circumstancias, rodeando-se mesmo das maiores precauções, fica-se muitas vezes exposto a ser victima da sua propria illusão.

(*A seguir*)

DR. BALME

Typ. BESNARD Frères—138 Rua do Hospicio

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL
Brazil. . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA
ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL
Estrangeiro . . . . 7$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XX — **Brazil — Rio de Janeiro — 1902 — Junho 1** — **N. 459**

Um largo plano

— —

O artigo que se vai ler, publicado no *Lumen*, de Barcelona, pelo esclarecido confrade, que o subscreve e que o intitulou simplesmente «Minhas aspirações,» encerra tão alevantados e justos conceitos, desdobra um plano tão vasto de acção e organização spiritas, que julgamos um dever transmittil-o ao conhecimento dos nossos leitores, assignando-lhe este logar que, por taes titulos, lhe compete, embora nos pareça que as suas idéas por muito tempo devam permanecer no dominio de simples aspirações, como propriamente as denomina o autor. E' que para as realizar por completo, como o deseja elle, se fazem mister condições moraes, não só de tolerancia e humildade, mas de disciplina e amor, como de culto do dever, que difficilmente reunirá, em uma collectividade, a nossa imperfeita natureza. De facto, uma associação spirita, theorica e militante, calcada sobre taes bases, não será talvez possivel senão dentro de meio seculo e com o concurso de espiritos mais adiantados que os da geração presente. Não é isso, entretanto, motivo para que recusemos agazalho ao pensamento do seu autor, certos como estamos de que essa boa semente, lançada embora, como nos parece, prematuramente, não deixará de germinar, florescer e resolver-se em fructos na epoca propicia.

E como nada se perde, não percamos tambem o ensejo de dar-lhe curso, franqueando o seu accesso a todos os espiritos que amam a nossa doutrina e que não desejam senão servil-a com o melhor da sua dedicação e da sua boa vontade.

Eis aqui o artigo, devidamente traduzido:

«Não me proponho apresentar aos leitores o quadro completo de minhas aspirações; quero apenas externar os desejos ardentes de minha alma, relativamente ao que os spiritas poderiam fazer em Barcelona, ou em qualquer outro logar em que fosse factivel o meu pensamento.

Em Barcelona creio que existem elementos spiritas sufficientes para tentar a realização dos meus intuitos, — intuitos que tenho, ha muitos annos, acariciado e que nem sequer me atrevi a propôr aos irmãos com quem até agora tenho compartilhado os trabalhos spiritas, porque o ambiente que me rodeava não era o mais apropriado a que prosperassem, nem as circumstancias as mais propicias a estabelecer competencias e empenhar-me em luctas que a nada de pratico poderiam conduzir.

Hoje, porem, o caso é outro. Encontro-me livre, completamente desligado de compromissos, sem ter que dar contas dos meus actos senão a Deus e á minha consciencia; e, como não hei de subtrahir-me aos mandamentos d'Aquelle nem aos dictames d'esta, posso expôr, sem artificios, o meu pensamento á consideração dos meus irmãos em crença.

O spiritismo domestico, isto é, o spiritismo que, por preoccupações sociaes, por interesse material ou por circumstancias especiaes, não ultrapassa os ambitos do lar, pode contribuir para a tranquillidade e purificação das almas que o professam, mas pesa pouco na balança social e exiguo concurso presta á acção propagandista. Com essa classe de spiritismo não se podem conformar os spiritas que amam verdadeiramente o seu credo, sentem a necessidade da sua divulgação, e desejariam que o seu ideal exercesse no mundo a influencia a que é destinado.

Os grupos familiares e centros, publicos ou não, cujo principal, senão unico, trabalho consiste em receber communicações por via de mediuns, mais ou menos anthenticos, e semear o fanatismo e o erro entre os concurrentes, não podem merecer o nosso applauso, e prestariam grande beneficio á causa, se desapparecessem.

Os circulos privados bem dirigidos que se dedicam ao estudo e ao cultivo de um ou varios aspectos do spiritismo, preenchem uma louvavel missão e, por conseguinte, estão longe de incorrer em igual censura, merecendo, ao contrario, o nosso apoio. Como, porem, esses circulos tampouco correspondem, com a amplitude que se requer, ás necessidades hoje reconhecidas no spiritismo militante, sem reclamar o seu desapparecimento, — longe d'isso, desejando o seu incremento, — julgo, entretanto, necessario que, nos logares onde seja possivel, se fundem organizações spiritas segundo as minhas aspirações, que são as de muitos e que exporei succintamente.

Aspiro — é o meu sonho dourado — ver uma sociedade spirita composta de adeptos convictos, de todos os graus de saber, que, sentindo de véras o spiritismo e respeitando todos os criterios, estejam dispostos a trabalhar pelo ideal, formando um conjuncto solidario de boas vontades, e que, constituindo uma verdadeira familia, dêm uma prova evidente de que a fraternidade é possivel na terra, e de que ao spiritismo está reservada a elevada missão de a alcançar.

Desejo uma collectividade em que se cultivem todos os aspectos do spiritismo, estando a cargo dos mais competentes o cultivo da sciencia e das investigações psychicas, e a cargo dos restantes membros as demais tarefas, occupando cada um o logar que lhe corresponda, segundo a classificação feita de todos os associados, em virtude de suas aptidões, vocação ou possibilidade de bem preencher o seu mister.

Quero uma sociedade spirita em que, considerando-se os seus membros como irmãos, se portem como taes, instruindo-se reciprocamente e auxiliando-se com amor nas necessidades; em que, em logar de o opprimir ainda mais, como é moeda corrente n'este desgraçado mundo, se levante o abatido, e todos façam suas as desventuras de seu irmão, não ponderando meio nem sacrificios, moraes como materiaes, para lhe acudir na desejada forma e em relação á magnitude das suas desditas.

Quero uma sociedade em que se estude de véras, se investigue, se trabalhe com proveito no campo spirita; uma sociedade em que o mais alto em cargo, e por sua virtude e saber, se considere obrigado a ser o ultimo, o servidor do mais humilde e infeliz de seus irmãos; uma sociedade em que se pratique, com a protecção mutua, extensa, sem restricção entre os associados, a caridade moral e material com todo ser humano, sem distincção de crenças, uma sociedade em que se attenda ao pobre ancião desvalido, á viuva enferma e desolada, com prole numerosa, ao orphão sem amparo, á creança abandonada e a toda creatura humana que neccessite agazalhar-se sob o amoroso manto da caridade bemdita; — n'essa tarefa, que formosa missão não está reservada á mulher spirita! —; uma sociedade cujos membros estivessem sempre dispostos a honral-a com sua conducta exemplar em todos os momentos, mas sobretudo nas grandes calamidades publicas (guerras, epidemias, catastrophe de toda a ordem), occupando sempre o posto de maior perigo e dispostos a perder sua existencia material para prestar conforto e auxilios ás pobres victimas.

Quero uma sociedade que, sem desattender a nada do que fica exposto, exerça com o maior empenho a propaganda dos seus ideaes e divulgue estes incessantemente, empregando todos os meios dignos e apropriados, e não desprezando circumstancia nem opportunidade alguma, que se lhe apresente, para fazer chegar um raio de luz spirita até as multidões, os palacios dos potentados, a tenda do operario e o lar em que se chora a perda de seres queridos; uma sociedade que preste especial attenção á instrucção popular, que estude as mais palpitantes questões sociaes, economicas, legislativas, pedagogicas, religiosas, etc., sob o ponto de vista do spiritismo, e que apresente soluções quando, onde e a quem convenha; uma sociedade que trabalhe pela liberdade e pela paz dos povos, que não encare com indifferença nenhuma manifestação do entendimento humano, que tenha iniciativa acerca do mais conveniente ao progresso, que procure, para a obtenção dos seus fins, o concurso alheio e o não recuse a outras iniciativas, em concordancia com as suas aspirações.

Quero, finalmente, uma sociedade que seja spirita em toda a accepção da palavra, que significa: estudo, progresso, liberdade, actividade, caridade, paz, bondade, amor, sacrificio, investigação, verdade, — sociedade de largas e alevantadas vistas, que seja respeitosa para com todos e se saiba captar o apreço e sympathias de proprios e estranhos, que se distinga por sua rectidão e sensatez e que fuja de tudo o que possa desnaturar o spiritismo, o qual é preferivel que se ignore a que se conheça adulterado.

Inspiradas na synthese que deixo exposta, penso que muito proveitoso ao spiritismo seria que se fundassem sociedades em todos os logares em que se encontrem elementos para isso apropriados». — ANGEL AGUAROD.

NOTICIAS

O Spiritualisme Moderne, de 30 de março d'este anno, nos dá a noticia de haver desincarnado, no dia 8 de fevereiro ultimo, a Sra. Kate Jencken, filha de Kate Fox, uma das pessoas da celebre familia, em cujo seio occorreram os primeiros factos spiritas, e que tão bons serviços prestou á nossa doutrina, concorrendo para o seu rapido desenvolvimento na America do Norte. Foi precedida na sua partida para a patria espiritual por dois de seus filhinhos, parecendo terem sido estes incumbidos pelo Pae celestial de illuminar-lhe o caminho.

O mesmo jornal crê terem concorrido para esse desenlace as privações de toda sorte, por elles soffridas.

Se assim foi, pode isto servir de exemplo, para que nos occupemos de concorrer, na altura de nossas forças, para dar o devido conforto a esses pobres missionarios, que desprendendo constantemente o seu fluido vital em beneficio, não só da nossa causa, como da humanidade, anniquilaram o corpo, ficando privados de, por si mesmos, angariarem os elementos materiaes necessarios ao seu sustento.

Que Deus, na sua infinita misericordia, acolha esses espiritos esforçados e lhes augmente a luz que já os circumda, são os nossos ardentes votos.

Assistencia aos Necessitados

Sob a presidencia do nosso collega presidente da Federação, installou-se no domingo 25 de maio a Assistencia aos Necessitados, que entra assim em via de completa reorganização, de conformidade com o disposto no capitulo especial dos novos estatutos.

Animadora foi a concurrencia de confrades, que affluiram a essa reunião, cujo objectivo, segundo os intuitos dos seus promotores, foi apenas arregimentar forças, fixando o ponto de partida para acquisição dos elementos que se fazem necessarios á existencia d'esse ramo da nossa sociedade, de modo que, no mais breve prazo, se

possam iniciar os beneficios que se propõe prodigalizar aos necessitados.

Como resultado pratico d'essa primeira reunião, temos a satisfação de registrar a inscripção de 43 contribuintes, sendo de esperar que esse numero se multiplique rapidamente, pela adhesão de quantos, sympathizando com os intuitos da Assistencia, comprehendam a necessidade de cumprir esse dever primordial que se nos impõe — a caridade.

N'essa primeira reunião verificou-se ainda o seguinte recebimento:

Donativos em dinheiro ....20$000
2.000 propostas impressas
3.000 circulares
1.000 recibos impressos

Estes objectos representam generosa dadiva dos Srs. Besnard Frères, em cujo estabelecimento typographico inprimimos a nossa folha, e da conceituada Papelaria União, dos Srs. Fernando Freire & C.

Congratulando-nos com os nossos irmãos em crença pelo auspicioso facto que ora nos occupa, promettemos, mais de espaço, a elle voltar com a amplitude que requer, pelo seu alcance e significação.

O *Light*, de Londres, narra o seguinte caso de «advertencia de morte»:

«O Sr. F. B. tinha uma irmã com 16 annos de idade. Emma; era tratada por um medico habil e de grande renome, que não parecia ter idéa alguma da gravidade de sua molestia. Emma dormia no quarto de sua mãe, e o Sr. F. B. no andar superior, n'um quarto que occupa em commum com seu pae. Uma noite, seu pae o accordou para lhe dizer que batiam á porta; F. B. levantou-se, abriu a porta e a ninguem viu; desceu, para escutar á porta do quarto de sua mãe: nada se ouvia. Tornou a subir e deitou-se; um instante depois soaram duas pancadas. F. B. precipitou-se para a porta: não havia pessoa alguma; foi ainda escutar á porta do quarto onde estava deitada sua irmã, porem só ouviu os movimentos respiratorios. Não desejando incommodar ninguem, tornou a subir para deitar-se, apezar de que seu pae lhe exprimira o receio de que Emma estivesse moribunda. Apenas se deitou, tres pancadas se fizeram de novo ouvir. D'esta vez o pae levantou se: F. B. correu, acordou sua mãe, e verificaram que Emma estava morta.»

O imperador da Allemanha e o Spiritismo

O imperador Guilherme acaba de expedir um decreto, prohibindo aos seus aulicos as praticas spiritas.

Para que elle assim procedesse, é forçoso convir na existencia de uma causa, e esta realmente existe no incremento assombroso que ultimamente tem tido a nossa doutrina n'aquella parte do planeta. O imperador Guilherme, temendo que a nova doutrina fosse prejudicar a sua religião, cioso da amizade papal, entendeu d'esse modo tornar-se agradavel a Leão XIII.

Felizmente, ha males que concorrem para o bem, e estamos certos de que o imperial zelo religioso dará maior impulso á causa spirita.

Convença-se Sua Magestade de que, oppondo embaraços á marcha da verdade, elles se desfazem ao menor choque, e ella mais se affirma. A perseguição de uma idéa pode eliminar os que a propagam, pode reduzir a cinzas os documentos que d'ella tratam, porem jamais poderá destruil-a. Serena e calma, ella proseguirá na sua rota, flanqueando os obstaculos que lhe possam obstruir o caminho, e, chegado o momento opportuno, fará irradiar sobre a humanidade soffredora os vivificantes raios de sua luz.

Emquanto os divinos mensageiros d'Aquelle que tudo pode forem os arautos da nova revelação, ella não receará os decretos imperiaes.

Refere o *Archivio de Psichiatria*:

Giovani Villani (*Cronache* 7,131) conta:

A noticia d'esta victoria (a de Campaldino, da qual provavelmente participou o Dante e de que fala elle em seu *Purgatorio*, 5°,91 e seguintes) chegou á Florença no mesmo dia e á mesma hora em que foi ganha; tendo os priores ido repousar depois da refeição, subitamente gritaram com força á porta da residencia:

«Levantai-vos: os Aretinos estão derrotados!»

Levantaram se, abriram a porta e não viram ninguem; os amigos de fóra nada tinham ouvido, e foi uma coisa extraordinaria; — a boa nova só chegou do exercito á noite. E a verdade é que eu ouvi e vi; e todos os florentinos perguntavam como isso se dera, e aguardavam a noticia.»

Trata-se aqui evidentemente de um caso de telepathia. Acham-se exemplos nas historias mais antigas, como, por exemplo, em Tito Livio, a proposito da batalha de Cannes.

Pertence ainda ao *Archivio de Psichiatria* o seguinte caso de *telepathia*, narrado por Lombroso:

C. Bruzo, com 37 annos de idade, muito delicado, tysico e nevropatha, tomava a sua refeição, n'uma villa de Soperga, onde trabalhava como alfaiate; era no dia 3 de agosto de 1900, ao meio dia; repentinamente cessou de comer e começou a chorar, exclamando em desespero que via morrer sua mãe, que residia em Assi e gozava saude até essa data. Não houve possibilidade de o acalmar. Seguiu para Assi, e verificou que sua mãe tinha realmente fallecido de appoplexia, ás 12 horas d'esse mesmo dia.

FACTOS

Visão telepathica (*)

Corria o anno de 1864 em paz e harmonia, entre o Imperio do Brazil e as Republicas limitrophes, motivo por que o nosso governo, descançado n'essa paz, olvidou de alguma sorte as necessidades de armamento e de segurança da provincia de Matto Grosso, que limita ao sul com a Republica do Paraguay e ao poente com a Bolivia, duas republicas que, de continuo, se achavam em commoções politicas, o que nos devia trazer sempre prevenidos.

Por motivos que já são conhecidos, e que por isso aqui não vem ao caso recordar, a Republica do Paraguay declarou, de uma maneira insolita, a guerra ao Brazil, levando suas armas á provincia de Matto Grosso.

Era então presidente da provincia o Exm. brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho e commandante das armas o coronel Carlos Augusto de Oliveira, ambos distinctos militares, valentes nos combates e prudentes nos conselhos, mas incredulos sobre o poder armado dos nossos visinhos, julgando improvavel qualquer aggressão da parte d'elles.

Cuyabá acha-se na margem esquerda do rio do mesmo nome, o qual deslisa sem empecilhos por um percurso de 90 leguas, até sua juncção com o S. Lourenço, seu emulo em tamanho: estes dois rios, reunidos por uma navegação de 45 leguas, lançam suas aguas no magestoso Paraguay. No rio Paraguay, descendo, temos, ou tinhamos, tres povoações florescentes — os Dourados, Corumbá, com alfandega, e Albuquerque. As duas primeiras povoações se prestam excellentemente para praças de guerra fortificadas.

Da foz do rio S. Lourenço ao forte de Coimbra, que foi levantado para defeza da capitania de Matto Grosso, pelo coronel de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, em tempos que o Paraguay (rio) e suas margens não eram conhecidos senão como aldeias de indios ainda não chegados a nós, medeiam cem ou mais leguas, de maneira que de Coimbra a Cuyabá contam-se 255 leguas, se não mais.

D'esse forte para o sul, estende-se um paramo extraordinario. E' mais um mar do que uma planicie, e no meio serpenteia o rio Paraguay.

Um horizonte de 40 leguas se observa do forte.

Foi ahi que se feriu o primeiro combate com a força de mar e a esquadra do Paraguay, no dia 25 de dezembro de 1864.

Vamos, porem, ao facto que motivou a pequena descripção incompleta que acabo de fazer.

O presidente da Republica, Francisco Solano Lopez, já tinha aprisionado o nosso vapor *Marquez de Olinda* que subia para Cuyabá, conduzindo o novo presidente que ia substituir o brigadeiro Manoel Albino de Carvalho.

A essa noticia, o commandante das armas, coronel Carlos Augusto de Oliveira marchou, com a pequena força de 200 homens que tinhamos, para soccorrer o forte de Coimbra, ficando em Corumbá, a 45 leguas do forte, á espera de transportes para descer.

O coronel Hermenegildo de Porto Carreiro commandava o forte e tinha por ajudante o major Francisco da Costa Rego Monteiro.

No dia 24 o forte estava em festas, vespera de Natal; á tarde d'esse mesmo dia, as sentinellas que estavam de vigia no alto do morro deram aviso de muitos barcos a vapor, que se desenhavam no horizonte. O commandante, porem, pouca attenção prestou a isso, porque não esperava aggressão sem as preliminares de guerra.

No dia 25, ao romper do dia, o forte estava cercado, vindo logo uma embaixada intimar a entrega do forte em menos de seis horas. Eram 5.000 homens e 6 vapores de guerra que vinham bater 66 praças que apenas havia, quando, entretanto, a defeza do forte devia constar de 500 homens.

Infelicidade ou dedo de Deus — não sei.

A's 7 horas da manhã do dia 25, rompeu o fogo com furor de lado a lado.

Eu estava em Cuyabá, e de manhã fui ao porto do rio, a ver se comprava algum peixe. Estava em casa de um negociante por nome Porfirio, quando pela barranca do rio subia uma preta, trazendo na cabeça uma gamella de peixe, gritando, gesticulando e apontando para o sul, a dizer:

— Estão muito contentes; só querem festas, olhem e ouçam: os paraguayos estão atacando o forte de Coimbra. Ouçam os tiros de artilharia e de espingarda, tiros de muitas peças. Meu Deus! Como as pobres mulheres estão gritando! O Sr. Rego Monteiro está apontando uma peça.»

E a preta não cessava de gritar.

Algumas pessoas presentes taxavam-na de louca, visionaria, etc. Dirigi-me, porem, a ella e interpellei-a:

— Que estás dizendo?

— Olhe, senhor, respondeu ella: não ouve tiros? Não ouve gritos de gente que briga?... Olhe, porque eu vejo e ouço!... Uma bala bateu na casa do forte!... Que confusão!

Montei a cavallo e, retirando-me para a cidade, encontrei o chefe de policia, Dr. Hollanda da Costa Freire; narrei-lhe a visão da preta, com o que elle muito riu, admirando-se de que eu a tomasse a serio.

Fui para a cidade e falei ao Exm. presidente Alexandre Manoel Albino de Carvalho, que igualmente não deu a isso o menor credito.

No dia 25 de janeiro de 1865, á tarde, chegou um vapor fugido do logar do combate, *dando a noticia da tomada de Coimbra, com os pormenores da visão da negra, e nos dias* 25 *e* 27 *a tomada de Corumbá* e Dourados e a fuga do commandante das armas atravez dos ermos pantanaes do Paraguay e S. Lourenço. — *Pedro Dias Paes Leme*, major de engenheiros.

(*) Facto occorrido na cidade de Cuyabá, Estado de Matto Grosso, em 1864, por occasião da guerra do Paraguay e á primeira invasão.

COMMUNICAÇÕES

Instrucções espirituaes

(*Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*)

A VIDA INVISIVEL

(*Continuação*)

Quando o espirito, *ignorante do alem-tumulo*, abandona o vosso mundo, experimenta um grande mal-estar, de envolta com uma profunda angustia e, muitas vezes, com uma penosa decepção.

Um momento antes sentia-se viver, moral e physicamente.

— Bruscamente, o coração parou, o sopro se extinguiu, o corpo jaz inerte; nenhum esforço o pode pôr em movimento.

E' a morte: e entretanto, no meio das trevas moraes e physicas que o envolvem, o espirito tem uma vaga consciencia do seu eu.

— Elle, portanto, ainda vive!... Mas que se passa então? Que medonho pesadello lhe anniquila as forças e obscurece o pensamento?

*

Se elle foi crente de uma religião, em vão procura o que lhe fôra promettido, e recusa acceitar as explicações e os estimulos que lhe são offerecidos por seus guias.

Profundo é o seu entorpecimento, que pode ser comparado ao que experimentais ao sahir de um somno pesado, acompanhado de pesadellos; e esse torpor será mais ou menos longo, mais ou menos completo, conforme o seu grau de conhecimento e a elevação de suas faculdades, conforme fizer mais ou menos esforços por cahir em si e abrir os olhos á luz.

•

Quando o espirito começa a sahir d'esse lethargo, as idéas lhe voltam pouco a pouco, confusas e incoherentes a principio, depois mais claras e precisas: a individualidade, que parecia anniquilada, renasce lentamente.

Se o espirito foi bom, trabalhador e honesto, depressa se orienta e penetra rapidamente na senda que lhe é indicada.

Se foi leviano, descuidoso e indolente, continuará a sua existencia ociosa, inutil, cheia de tedio e sem progresso. A materia em pouco o attrahirá.

Se a sua vida inteira se absorveu nas questões terrestres: se não teve por fim senão a egoistica satisfação do seu bem-estar e dos seus interesses, elle continua a visar o objectivo para o qual tenderam todos os seus esforços, e vai procurar retomar suas antigas occupações.

O seu pensamento, volvido para o

mundo physico, o transporta ao seu meio habitual, e elle erra,—sombra mysteriosa,— cheio de espanto e de surpreza, em torno dos seus antigos companheiros, que elle divisa como em um sonho e dos quaes não se consegue fazer ouvir.

•

Momentos são esses atormentados de dôr e de angustia, emquanto o espirito se não compenetra do seu estado, não comprehende que os seus orgãos habituaes já não existem e que todos os seus esforços são inuteis,— momentos penosissimos que nos esforçamos por abreviar, mediante os nossos conselhos, e que não convem prolongar,— isso é comvosco, os ainda incarnados— fazendo evocações irreflectidas, que *impedem o espirito de esquecer momentaneamente a terra, para se elevar mais alto*.

Não nos referimos a um mau espirito, mas a um espirito de mediana condição, que preencheu, segundo as vossas leis, a sua tarefa sobre a terra, e viveu sem se interessar senão pelas questões materiaes, sem nenhuma aspiração para o Ideal, descuidoso e indifferente ao seu futuro.

•

Quanto aos espiritos malfazejos, viciosos ou culpados, quanto aos que desertaram do seu posto por uma morte voluntaria,— o seu despertar do outro lado é dos mais dolorosos.

As suas más acções e os seus crimes lhes estão sempre presentes ao pensamento, e os vicios e paixões, que foram o seu tormento na terra, são aqui implacaveis justiceiros que os acabrunham, até que reconheçam os seus erros e as suas faltas.

O espirito creou o mal por sua vontade :— é só por sua vontade que elle o pode destruir.— Violou a Lei : é pelo soffrimento que aprenderá a respeital-a.

•

E, em certos espiritos maus, esses soffrimentos moraes duram por um tempo assaz longo, do qual não vos podemos dar idéa, e que não poderieis apreciar.

E' bem o inferno, isso ; e muitos d'esses desgraçados acreditam que esse inferno será eterno.

O inferno eterno, porem, não existe. E' uma blasphemia o suppôr. A infinita Bondade reserva sempre ao mais endurecido criminoso uma porta por onde poderá sahir, quando, despedaçado pela dôr, incessantemente renovada, houver reconhecido os seus erros, escutado a voz de sua consciencia e os conselhos que lhe são prodigalizados, e tiver lançado o grito de misericordia e de perdão.

Emquanto aguardam essa libertação, que unicamente depende da sua vontade— porque não esqueçais jamais que o *espirito é sempre livre*— os maus continuam a praticar o mal e a soffrer.

Rebeldes a todos os conselhos, cerrando ouvidos a todos os remorsos, irritados pelos males que suppportam e cujas causas se obstinam em não querer reconhecer, repellem toda idéa de melhorar, incitam-se mutuamente á revolta, e procuram prejudicar o mais possivel, semeando em torno d'elles idéas de odio, de crime e de inveja.

•

E' o grande exercito do mal, temeroso exercito, que se não limita a agir n'este mundo, mas se aproveita de todas as occasiões para intervir no vosso.

•

Nunca procureis communicar com esses espiritos, que já o—dissemos— *nada podem contra vós emquanto os não attrahis*. Se se apresentarem em vossas sessões, supplicai aos vossos guias que os esclareçam, mas fechai-lhes implacavelmente a porta.— Não estais sufficientemente apparelhados para luctar contra elles ; a vossa influencia seria nulla, e só a sua presença ao pé de vós constitue um perigo que deveis evitar.

(*A seguir*)

O verdadeiro é o bem

Entre as cartas vindas ao meu poder, felicitando-me pelo meu recente artigo «Noites de verão», cuja conclusão era que a astronomia eleva a alma, engrandece as idéas, illumina as consciencias e produz melhor effeito no homem, figura uma que impugna essa deducção. N'ella se encontram as seguintes observações: «E' evidente que, se todos fossem astronomos, haveria mais tranquillidade; sem embargo, porém, os factos não provam que a sciencia melhore o espirito. O Dr. Lapommerais, Eyraud, Camp e Prado não ignoravam certamente que a terra é um planeta que gira em torno do sol, e sabiam ainda muitas outras coisas, o que não impediu que fossem terriveis bandidos.»

Convem responder a esta observação, porque não é isolada ; é mesmo frequente, e é repetida seriamente por algumas pessoas.

Sem duvida o saber e a moralidade não têm entre si relação immediata.

Podem existir ladrões e até assassinos, muito instruidos. Quem não convirá, porem, reflectindo sem preoccupações, que as pessoas scientificas entretenham o espirito em uma atmosphera de serenidade e paz, despida dos instinctos brutaes da animalidade, e que já haja n'isto um penhor de segurança, sob o ponto de vista social ? Por outro lado, não foi do saber, da instrucção propriamente dita, que eu quiz falar, e sim do espirito scientifico e, em particular, do espirito astronomico.

Objectam-me que o Dr. Lapommerais, assassino pela sêde de riquezas, devia saber que a terra é um planeta girando em torno do sol. Assim o admitto.

Mas o que prova isso ?

Não basta saber. E' preciso comprehender e sentir.

Recordarei uma phrase memoravel, que diz : «A lettra mata, e o espirito vivifica». Detendo-nos na pequenez da phrase, nada comprehendemos. Eu digo que aquelle que fôr animado do espirito philosophico da astronomia, não pode ser mau.

Escutemos um instante a voz do céo. O infinito nos cerca por todos os lados.

Cada estrella na immensidade é um sol immenso, irradiando de toda a sua superficie focos de luz, de calor, de electricidade e vida. O globo que habitamos pertence ao pequeno systema de uma estrella,— o nosso sol.

O universo se nos apresenta como um espaço eterno e sem limites, povoado de myriades de mundos, uns actualmente habitados em todos os graus do progresso intellectual, outros extinctos, outros ainda em principio, e sentimos que a epoca em que vivemos não tem importancia especial, que não é superior ás que nos precederam, ou ás que nos seguirão ; que a duração de uma humanidade inteira passa como uma sombra, e que o nosso planeta nada mais é que uma minuscula provincia no conjuncto dos mundos. Nossa especie humana terrestre mostra se a nossos olhos mediocre e imperfeita como a sua habitação planetaria: com as suas imperfeições e as suas miserias mostra-se, todavia, ao mesmo tempo em evolução secular, que a eleva gradualmente, mediante um progresso incontestavel de suas faculdades e de seu poder.

Ao mesmo tempo tambem sentimos, comprehendemos, que o valor real de um homem não consiste na fortuna que tenha recebido dos seus antepassados, nem n'uma particula ou um titulo qualquer que lhe ornamente o nome, nem na posição social que occupe, nem no traje ou adornos exteriores que o possam decorar, mas unicamente no valor intellectual ou moral do seu espirito.

Temos o mesmo sentimento, as mesmas convicções sobre a grandeza dos povos, e julgamos que seu verdadeiro valor é o intellectual, e não a sua força material.

Ha precisamente cem annos, Francia e seu chefe militar regiam o universo. O que resta d'elles hoje ? E no emtanto, o que são cem annos na historia da humanidade ? Um segundo, um instante fugitivo e rapidamente dissipado !

Por tudo isto podemos dizer que, se os governos se inspirassem no espirito philosophico da astronomia, não teriam enviado soldados á China, nem os campos da Africa do Sul se teriam en[illegible]cido com o [illegible] dos boers e inglezes. Somos barbaros, loucos que tomam as apparencias como realidades ; somos principalmente escravos, como nos tempos em que Estevão da Beocia escrevia o seu

FOLHETIM (25)

A PEROLA NEGRA

POR

MAX

XVIII

A escola começou, sob as vistas de Honorina; mas negros e negras nenhum caso fizeram do estudo.

—Que lembrança ! diziam, quando estavam sós. Para que nos serve saber ler e escrever ? Quem nasceu negro, não se mette a rabequista. Estas coisas são invenções dos brancos, e pois que fiquem lá com ellas.

Jacob combatia aquellas idéas e procurava plantar n'aquellas almas degradadas a consciencia de sua igualdade aos brancos perante Deus; mas alli não se realizava o rifão; *agua molle em pedra dura, tanto bate até que fura*.

Só o creoulo aproveitava, mas aproveitava admiravelmente, o pouco ensino que dava o professor.

Honorina ria de contentamento, vendo diariamente crescer intellectual e moralmente aquelle espirito a que já tão affeiçoado era o seu.

E José Gomes, que já tinha percebido a mutua inclinação dos dois rapazes, exultava de ver que Jacob promettia vir a ser em breve um digno par para Honorina.

— O que hei de fazer d'este rapaz ? — pensava elle em suas horas vagas, e á noite, quando as tristezas do seu coração espancavam o doce somno. Gozarei da sua felicidade—e já não é isso pequeno favor do céo.

Lembrou-se de mandal-o cursar uma Faculdade; porem acudiu-lhe ao pensamento a idéa de ser elle escravo, mal que podia remover dando-lhe a carta de liberdade, mas que deixava sempre o cunho ignominoso aos olhos da sociedade.

—Os defeitos humanos tornam-se mais visiveis na razão directa da elevação de quem os tem. Ninguem cogitará do que foi Jacob, se não subir elle de posição humilde, que não faça sombra a outros. Todos saberão que elle foi escravo, e farão d'isso estigma para lhe atirarem ás faces, se por seu merecimento subir alto e obscurecer aos que só puderem subir guindados. Uma arte, um officio, pode melhor convir; porem o que lhe dá, n'estes logares, tal profissão ?

José Gomes estava monomaniaco, á procura de um meio de vida para Jacob, que lhe desse honrosa posição na sociedade, afim de a poder compartilhar sua adorada Honorina.

—Temos tempo—temos tempo, eram sempre as palavras com que encerrava aquelle quasi continuo trabalho imaginativo.

A' medida que Jacob ia reassumindo os fóros de homem, pelo cultivo da intelligencia e pelo estudo dos principios moraes, que são a luz d'alma para a conquista do destino humano, Raphael se esforçava com desespero por descer mais e mais na pratica do mal.

Os dois pretendentes á Honorina, de hora em hora, se distanciavam, aproximando-se um da rapariga com movimento accelerado, e afastando-se o outro ainda mais acceleradamente.

Tambem Jacob já só via em sua união a mystica fusão de dois espiritos, pelo amor que se nutre de gozos immateriaes; ao passo que Raphael só aspirava a satisfação de desejos materiaes, de que se repasta o amor grosseiro dos animaes.

Um queria o espirito, com seus dotes e virtudes. O outro queria o corpo, com sua belleza e attractivos.

Se fosse possivel separar a dualidade humana, vivendo cada uma de sua vida propria; se se pudesse ter uma Honorina exclusivamente corporea, e a mesma Honorina exclusivamente espiritual, a rapariga daria para satisfazer aos dois rivaes, tão immaterial era o desejo de um, tão material era o do outro.

Conversava José Gomes com um visinho que viera visital-o, achando-se presente Honorina, que ensinava a lição a Tancredo, e por encher tempo falou-se no assassinato de Maciel.

—Descobriram-se os assassinos ? perguntou o dono da casa.

—Qual, meu capitão ! Os patifes dos negrinhos fizeram-na bem feita. Acabaram com a casta do sujeito, que dizem ter sido um perverso, e passaram ao mundo da lua.

—Então nem indicios da sua fuga ?

—Nada, nada. Soube-se que foram elles os autores do assassinato, porque os camaradas assistiram á scena. D'ahi para diante ficou tudo escuro como breu.

—Pois olhe: as autoridades trabalharam desesperadamente. Não houve casa, nem pedra, nem pau que não fossem revistados.

—Foram ou não para a lua ? Um dos camaradas, que poude fazer relações com elles, disse que o chefe, um tal Simeão, tem uma filha no Quixadá, por cuja causa talvez tenha praticado o crime. Pois mandou-se espiar a casa do senhor da tal negrinha, e a ella propria, sem o menor resultado, apezar de se esperar um mez inteiro. Confirmo-lhe, capitão, que este facto lançou por terra o edificio de todo o meu saber.

—Como assim ?

—Muito simplesmente. Eu tive sempre por fundamento de toda a sciencia humana o ditado que diz: *nada se faz sobre a terra que não venha a ser descoberto*. Ora, se com as coisas é assim, quanto mais as pessoas ! Entretanto os pretos fizeram a obra—tem-se empregado todos os meios de descobril-os—e nada vezes nada ! Já vê que a sciencia humana é falsa.

José Gomes riu-se da argumentação—e para bulir com o philosopho da roça, disse-lhe :

—Não desanime, porque o ditado não garante a descoberta immediata, e sim que os factos *hão de vir a ser descobertos*. Se, pois, no fim de um anno, de dois ou de mais, se descobrirem os pretos, estão restabelecidos os fóros da sciencia humana.

—Homem, esta não me occorreu ! Tem razão. O Sr. é mais forte do que eu !

Não teve mais interesse a conversa, porque, até sahir, o bom visinho de José Gomes só fez repetir: —esta não me occorreu !

Honorina é que, do seu canto, tomou o mais vivo interesse em toda ella; primeiro, porque ardia em desejos de conhecer a sorte de seus desgraçados companheiros; segundo, porque veiu ella lembrar-lhe a promessa jurada, que fez a Simeão, de olhar para Lucrecia como para uma irmã sua.

A boa rapariga exprobrava-se agora de ter esquecido por tanto tempo o desgraçado Simeão.

Sua posição não era ainda definida; mas nenhuma duvida podia nutrir de que José Gomes a tinha muito bem garantida; alem de que sabia quanto valia para o excellente amigo um desejo seu.

Fazendo comsigo estas considerações, a rapariga sentia tanta dôr, que as lagrimas lhe cahiam de quatro em quatro.

Despedida a visita, notou José Gomes a commoção da rapariga, e, solicito, inqueriu da causa que a determinara.

—Eu me accuso de não lhe ter dito o que se passou commigo, antes de chegarmos a Quixeramobim, e que talvez tenha sido causa de Simeão ter tentado contra a vida do senhor.

—Mas, então, o que houve ? Conta-me.

Honorina referiu o episodio do conluio dos escravos para acabarem com o Maciel, a necessidade que tinham de seu auxilio, como não sómente recusou formalmente partilhar tão negra acção, mas empenhou todo o esforço por demover seus companheiros de semelhantes idéas, e, finalmente, a promessa que fez, e que valeu pelo famoso *quos ego*, para serenar a tempestade, de velar por Lucrecia, como por uma irmã, se Deus permittisse que um dia pudesse valer-lhe.

—Esse dia chegou muito cedo, e eu, só embebida em meu bem-estar, esqueci as torturas do infeliz Simeão. Quem sabe se elle, sciente de que nenhuma alteração soffreu o estado de sua querida filha, não voltou por isso a seu antigo plano, perdendo a boa resolução que eu tive a felicidade de lhe incutir na alma ?

—Deixa-te d'isso, creança, que a razão d'aquelle crime é sabida ; foi o desespero a que Maciel levou os escravos, tratando-os barbaramente.

—Bem. Estou tranquilla por esse lado....

—E podes ficar tambem pelo outro ; porque já amanhã parto para Quixadá, a fazer o que estiver em minhas forças, por adquirir e trazer para aqui a tua irmã. Se fôr ella como tu, ou, ao menos, a tua sombra, ligar-te-hei a ella, e prepararei para as duas o mesmo futuro. Se não fôr digna de tua convivencia, o que lhe posso dar aqui é a liberdade.

—Oh ! Mas isso excede minha ambição a respeito d'ella.

—Pois podes contar com isto.

Tendo falado assim, José Gomes chamou Raphael para dar-lhe as ordens necessarias, á viagem que ia fazer.

O negro olhou para Honorina, olhou para o senhor, e ficou sem dizer palavra.

—Não ouviste ?

—Ouvi, sim, Sr. ; porem eu queria dizer a meu senhor que estou com uma nascida que me impede de montar a cavallo.

(*A seguir*)

bello discurso sobre «O serviço voluntario.»

Homens animados do espirito astronomico não seriam nem barbaros, nem loucos, nem escravos. Jamais teriam commettido a falta de revogar o edito de Nantes, de ordenar as matanças de S. Bartholomeu, de guilhotinar Lavoisier, Bailly, André Chenier, Romme, Fabre d'E'glantine e tantos outros homens illustres.

A philosophia astronomica é a luz que jamais empallidecerá. Responder-me-heis que as sciencias em geral, e a astronomia em particular, não são accessiveis a toda a gente. E' outro erro.

Basta discernir as noções astronomicas elementares, conhecer as verdades essenciaes d'esta sciencia sublime, saber onde se está e o que se é na immensa harmonia da creação. Os maus instinctos não podem germinar em uma terra tão cultivada. Sorria-se ante as ambições, as vaidades e as riquezas humanas, e viver-se-ha em uma atmosphera luminosa e tranquilla, sem se poder admittir que um homem tenha de explorar a outro, quer abusando de sua credulidade, quer impondo-lhe o jugo da força. Os que, porem, assim pensam, constituem a excepção. Os politicos não estão de seu lado. Basta ler os discursos de soberanos e estadistas, para se ver que o espirito astronomico é estranho ás suas crenças. Datam de Napoleão e ainda de Carlos V.

O verdadeiro e o bem são os dois ramos de uma mesma arvore. Nenhuma sciencia, nenhuma contemplação nos colloca, como a astronomia, em face da verdade; nenhuma nos põe como ella em communicação com o infinito.

Se, no silencio da meia noite, nos voar a alma até ás plagas estrelladas da via lactea, comprehenderemos que a immensidade é sem limites, e que uma viagem de cem mil annos, com a velocidade da luz, não nos faria avançar um só passo no infinito; se a vertigem do infinito e da eternidade tivesse uma vez invadido, ella veria o nosso planeta errante gravitar, como os seus irmãos, em torno do sol, que tambem por sua vez vagueia no deserto estrellado; veria a historia das nações correr como uma onda e perder-se no nada; buscaria as conquistas de Alexandre e as dos Pharaós, o imperio de Augusto e o de Carlos Magno, e assistiria á dissolução gradual de todos os sonhos da ambição; as estatuas de pés de barro cahem umas após as outras, e nada mais fica do que o espirito, do que as verdades adquiridas, do que as conquistas do pensamento. De todas as nações desapparecidas, só uma brilharia ainda a seus olhos, como uma estrella inextinguivel: a Grecia minuscula, o archipelago microscopico, a patria de Homero, de Pythagoras, de Platão, de Phidias; a terra do bello, do verdadeiro e do bem, que os maiores imperios dos tempos modernos não conseguiram eclypsar jamais. Aquelle que se acha penetrado d'essas idéas, d'essas convicções, vê na humanidade uma só familia, — nas fronteiras, divisões arbitrarias e funestas, na historia inteira, um só fim: *o progresso do pensamento*. Esta philosophia scientifica sente-se extreme de toda preocupação e de todo interesse material, e seus adeptos vivem na luz, na harmonia e na verdade.

CAMILLO FLAMMARION

Da transmissão do pensamento á distancia normal e provocada

(*Moniteur des E'tudes Psychiques*)

Conclusão

Agora que penso ter podido fazer admittir theoricamente a existencia de um foco telepathico e seu modo de funccionar, seja-me permittido comparal-o a um sentido, e dizer-vos que, pelo exercicio, podemos augmentar-lhe a sensibilidade; esta opinião já não é uma hypothese.

Se lançarmos um golpe de vista sobre os sentidos que conhecemos, havemos de convencer-nos de que está em nosso poder augmentar-lhes a sensibilidade.

Em um cego o sentido da vista é substituido pelo da audição, que é notavelmente desenvolvida, e que lhe permitte orientar-se sósinho na rua.

Nos cegos o tacto é igualmente muito delicado; tente-se ler, sómente, uma das suas cartas com os dedos e sentir-se-ha a difficuldade de distinguir se o papel é perfurado ou não, emquanto que elles percorrem paginas inteiras com grande rapidez.

No surdo, a sensibilidade da vista é augmentada a tal ponto, que, unicamente pelo movimento dos vossos labios, elle pode comprehender o que dizeis; é, porem, muito provavel que para isso concorra tambem a leitura do pensamento.

Eis aqui, finalmente, um exemplo da prova do desenvolvimento da sensibilidade telepathica.

Quando eu era estudante de pharmacologia, tinha, por diversas vezes, hypnotizado uma joven, e como ella era um bom sensitivo, pretendia fazer com ella experiencias de transmissão do pensamento, em estado de vigilia.

Posto que uma sympathia mutua nos ligasse, nada, entretanto, nos foi possivel obter logo no começo.

Continuámos, porem, as experiencias todos os dias, e isso por muito tempo.

Os pensamentos recebidos eram frequentemente tão contrarios aos emittidos, e muitas vezes tão comicos, que nos divertiam immensamente.

Mas um dia, uma palavra foi adivinhada, e isso continuou tão bem, que, no fim de alguns mezes, já comprehendiamos phrases de quatro a cinco palavras.

Experimentámos então a communicação á distancia, fixando uma hora certa durante o dia; a experiencia surtiu bom effeito.

Por fim chegámos ao ponto de nos communicarmos a qualquer hora do dia, batendo, porem, antes da communicação, algumas palmas com a mão.

Durante seis annos praticámos a transmissão do pensamento. Eu era então estudante de medicina, quando a morte arrebatou essa joven, interrompendo assim o curso dos nossos estudos.

Accresce que nunca pude obter, após sua morte, uma communicação com ella.

Referir-vos-hei ainda o caso citado por Flammarion no seu livro *L'Inconnu* (pag. 352).

Trata-se de um menino que, desde a idade de 5 annos, fazia calculos *a Inaudi* e chegava a repetir palavras, ou mesmo phrases inteiras, que sua mãe marcava em um livro que tinha na mão.

O pae do menino percebeu logo que o filho não calculava, mas repetia simplesmente a solução indicada pelo livro, do qual sua mãe tirava o problema.

Concluiu d'ahi que se tratava d'uma leitura de pensamento: com effeito, a presença da mãe era necessaria para o bom exito da experiencia, e ella devia ter sempre sob os olhos, ou no pensamento, a solução exigida.

Se se examina mais de perto este caso, pergunta-se como podia o pae declarar tão rapida e nitidamente que seu filho praticava a leitura do pensamento; elle devia certamente, outr'ora, ter-se occupado com o pensamento á distancia.

Não seria permittido ver n'este caso uma faculdade que elle houvesse transmittido a seu filho, uma modificação hyperesthesica, por atavismo, do foco telepathico? Isso entra absolutamente no nosso modo de ver.

Em todo caso, podemos desenvolver em nós a sensibilidade na communicação entre vivos, e é de presumir que essa sensibilidade possa, por atavismo, ser transmittida aos nossos descendentes, augmentada na medida da successão das gerações.

Conclue-se d'ahi que seria bom recommendar a todos a pratica da transmissão do pensamento.

Pela multiplicidade das observações recolhidas, pelas theorias emittidas, e, em consequencia das experiencias physiologicas, poderemos, talvez, um dia formular leis telepathicas, á semelhança das leis que regem a physica e a chimica.

N'esse dia a telepathia terá dado um grande passo, e vós todos, que acabais de fundar esta Sociedade de Estudos Psychicos, sentireis um nobre orgulho, por ter contribuido para tão elevado fim.

DR. BALME.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apostolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o *espirito que vivifica*; a carne de nada serve:
as palavras que vos digo são *espirito e vida*.»

João, VI, v. 64).

«*A lettra* mata, e o *espirito* vivifica.»

Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6

MATHEUS, V; vv. 43-48; — LUCAS VI; vv. 27—28;32—36

Amor aos inimigos.—Amor e caridade para todos. Via para a perfeição

MATHEUS: v. 43. Ouvistes que foi dito: Amarás o teu proximo e odiarás o teu inimigo: —44, e eu vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; orai pelos que vos perseguem e calumniam,—45, afim de que sejais os filhos de vosso pae, que está nos céos, que faz nascer o seu sol sobre bons e maus, e faz chover sobre justos e injustos.—46. Porque, se não amais senão os que vos amam, que recompensa tereis por isso? Não o fazem tambem os publicanos?—47. E se não saudais senão vossos irmãos, que fazeis n'isso mais do que os outros? Não o fazem tambem os pagãos?—48. Sêde, pois, perfeitos como vosso pae celeste é perfeito.

LUCAS: v. 27. Mas eu vos digo, a vós que me escutais: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam;—28, abençoai os que vos amaldiçoam; orai pelos que vos perseguem e calumniam;—32, e se não amais senão os que vos amam, que merecimento tereis com isso? Porque os peccadores amam tambem os que os amam.—33. E se fazeis bem aos que vos fazem bem, que merito tereis com isso? Pois que os peccadores o fazem tambem.—34. E se emprestais áquelles de quem esperais receber,—que merito tereis com isso? Porque os peccadores emprestam tambem aos peccadores, afim de que se lhes faça outro tanto.—35. Amai, pois, os vossos inimigos; fazei bem a todos, e emprestai, sem nada esperardes; e então a vossa recompensa será muito grande, e sereis filhos do Altissimo; porque elle faz bem mesmo aos ingratos e aos maus.—36. Sêde, pois, misericordiosos como vosso Pae é misericordioso.

N. 89. «Segui a lei de amor e caridade, por toda a parte e sempre, para com todos, conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos.»

«Todo o ensino está encerrado n'estas palavras; porque a pratica da lei de amor e de caridade implica a pratica de todas as virtudes e de todos os deveres.»

«Se Deus concede os beneficios da natureza a toda a humanidade, porque recusaria o homem partilhar com seus irmãos o que elle tem de seu Pae commum?»

«O julgamento só pertence a Deus; julgamento integro e despido de todos os interesses privados, que inquinam tantas vezes os vossos; sêde, pois, bons para todos os vossos irmãos, e deixai a Deus o cuidado de julgar aquelles que elle formou e cujos corações elle sonda.»

«Nunca façais coisa alguma em vista *sómente* da recompensa; as vossas acções, sejam quaes forem, devem ser praticadas por amor do dever, por amor e reconhecimento para com Deus; porque, se as vossas acções não são senão um emprestimo que fazeis a Deus, em vista *sómente* do que elle vos dará, — homens, que podeis tão pouco, vós praticais *a usura* em relação á eternidade; e emquanto estiverdes sob a influencia d'esse sentimento de egoismo, não sereis *os filhos do Altissimo*; a *recompensa* não a adquirem senão os actos que, pelo pensamento e pelo coração, são o fructo do desinteresse e do amor.»

«A vossa fraqueza assusta-se, e o vosso orgulho se revolta diante d'estas palavras de Jesus: «Amai os vossos inimigos.»

«Para praticar esse amor, não basta não ter contra elles nem odio, nem rancor, nem desejo de vingança, abster-se, por *palavras e acções*, de tudo o que lhes pode ser prejudicial ou mesmo desagradavel, — perdoar e esquecer o mal que vos fizeram, que vos fazem; — É NECESSARIO fazer-lhes, em tudo, por toda a parte e sempre, o bem em troca do mal, por todos os meios, sob todas as formas e em todas as occurrencias, *com sinceridade*, pelo pensamento e pelo coração; — trabalhar ASSIM, sem cessar, para os reconduzir a si; é necessario, *com sinceridade* e com *esse sentimento de amor universal*—que DEVE incessantemente crescer no coração do homem,—que o aproxima cada vez mais de Deus,— fazer bem aos que vos odeiam; É NECESSARIO — não com os labios, mas com o coração,—abençoar os que vos amaldiçoam, orar pelos que vos perseguem ou calumniam.»

«Aquelle que ASSIM faz bem, abençoa e ora, tem o sentimento e a posse do amor para com os seus inimigos.»

«Trabalhai, pois, por vos desembaraçardes das influencias da materia, pela pratica da lei de amor e de caridade,—pela prece; — e vereis desenvolver-se em vós, cada vez mais, sob a influencia e a acção de vossa purificação moral, a bondade, a misericordia, a beneficencia, que vosso Pae celeste exerce para com os ingratos, — para com os justos e injustos, os bons e os maus.»

«Jesus disse: *Sêde perfeitos, como vosso Pae celeste é perfeito*, isto é, exercei, praticai, *com sinceridade*, todas as virtudes que vos são ensinadas, para vos conduzirem A'quelle que é perfeito.»

(*A seguir*)

Typ. BESNARD Frères—138 Rua do Hospicio

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL
Brazil. . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA
ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL
Estrangeiro . . . . 7$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XX | **Brazil — Rio de Janeiro — 1902 — Junho 15** | **N. 460**

LIBERTAÇÃO DE UM JUSTO



Mais um peregrino, destacando-se d'esta pequena caravana da Federação Spirita Brazileira, acaba de depôr o seu bordão á margem do caminho e recolher-se ao seio da immortalidade. Ha dois annos, era o nosso querido Bezerra de Menezes, deixando vaga a sua cadeira de presidente, em que jamais se veria digna e visivelmente substituido; agora tocou a vez ao vice-presidente, nosso venerando companheiro Dr. Maia de Lacerda, cuja desincarnação, após uma curta enfermidade, teve logar a 4 d'este mez, abrindo novo claro nas nossas fileiras e na sua direcção, para, em compensação, o restituir, nas alegrias da verdadeira resurreição, á patria espiritual que, amorosa, aguardava o filho ausente, afim de o galardoar por mais essa jornada, atravez das inhospitas paragens d'este mundo, e que elle soube meritoriamente conduzir a feliz termo.

Não é nosso intuito tecer aqui o panegyrico d'aquelle alevantado espirito, cujo sulco pela terra se acha traçado sobre centenas de corações agradecidos, que tiveram a fortuna de sentir o seu amoroso contacto. — De que valeriam pobres testemunhos de palavras, quando mesmo — e é o nosso caso — oriundos do sentimento, a quem só de actos de verdadeiro spirita-christão se preoccupou e viveu, immortalizando-se, e por elles, sómente, hoje vive e viverá?

Tambem não vimos desferir as nenias da saudade sobre o seu tumulo recente. Semelhantes tributos são unicamente proprios dos que desconhecem a verdadeira vida, dos que ignoram que, para alem dos estreitos ambitos da terra, novos e illimitados horizontes se descerram ás vistas e á actividade do espirito liberto, e que entre o nosso mundo e essa vastidão infinita do espaço nenhuma barreira se eleva, que impeça esta doce communhão em que permanecemos com os seres amados que lá nos precederam. Os que assim cremos, os que, por misericordia do céo, já possuimos esta consoladora certeza, não sómente da immortalidade, mas d'essa perpetua communhão, d'essa permuta, invisivel mas constante, entre os que cá ficamos envolvidos no pó e os que se afastaram, irradiando na luz, mas que temos a faculdade de attrahir pela sinceridade do nosso sentimento, não podemos ter a incoherencia das lagrimas, nem nos é licito, quando a lei de finalidade nos arrebata ao contacto visivel um dos seres caros, pagar-lhe outro tributo que não seja o das benções, entoando hosannas ao Creador, por essa feliz libertação do companheiro de presidio.

Eis porque não tem sequer a Federação que deplorar a perda do seu querido vice-presidente. Porque, subtrahido ás nossas vistas, não o foi elle senão para se tornar mais assidua e valiosa a sua assistencia, muito mais do que na terra, em que, tolhido pelos cuidados que a sua saude reclamava, com frequencia nos viamos privados do seu conselho, sempre avisado e esclarecido, ao passo que hoje podemos ter a certeza da sua inspiração em todos os nossos trabalhos, com o conforto moral que nos podem transfundir as novas potencialidades adquiridas pelo seu espirito, desembaraçado dos empecilhos da materia.

Que vimos então fazer, divulgando esta noticia da desincarnação do nosso companheiro? Que homenagem lhe podemos render, que d'elle seja digna, e que corresponda á veneração em que envolvemos a sua memoria, e traduza o amor e a gratidão que lhe votamos?

Amor! Gratidão! E porventura os miseros vermes que rastejamos na terra, mal desprendidos da grilheta das iniquidades, e que apenas agora, a poder de titanicos esforços, nos ensaiamos nos sentimentos christãos, somos capazes de, com o coração — que não dos labios — penetrar a essencia d'essas divinas eclosões?

Não. Ao ver partir para a grande jornada do infinito, envolto na sua propria luz, um d'esses peregrinos da caridade evangelica, como o foi Maia de Lacerda, ainda tocados do assombro que nos deixou o espectaculo do seu desprendimento, rodeado de uma serenidade magestosa, a unica coisa que, sem affectações exteriores, nos é licito fazer é estacar diante d'essa vida exemplar, para n'ella haurir os elevados ensinamentos que contém. E ahi, mirando esse evangelho vivo, pontificado dia a dia atravez de todas as amargas vicissitudes da existencia, resignadamente supportadas, demos graças a Deus se o desejo nos vier de, renunciando definitivamente ás paixões revoltas que nos infelicitam, aprender, n'essas sabias e generosas lições, a viver como esse apostolo viveu e, como elle, morrer dignamente.

Que foi a vida de Maia de Lacerda? — Acabamos de o indicar: um apostolado de virtude. Homem publico, consagrado aos interesses da sua patria, nos cargos com que o distinguiu a confiança popular, — cidadão, immolado aos espinhosos deveres da sua profissão, tendo muitas vezes, dependentes da sua hierarchia de chefe, sob a autoridade que a sua posição lhe conferia, o destino e os interesses de innumeras creaturas, — homem do lar, irmão e filho extremosissimo, — spirita militante, medium de todas as faculdades, postas sempre e incessantemente ao serviço da caridade, — em todas as orbitas em que se exerceu a actividade da sua intelligencia, ou se evidenciaram os primores do seu coração, em todas deixou impresso o cunho da bondade, caracteristica predominante do seu espirito de eleição. Se houvesse uma filiação espiritual, como, por lei physiologica, ha uma filiação hereditaria, poderiamos dizer que Maia de Lacerda era bem o filho, que espiritualmente se considerava, de Bezerra de Menezes, de quem, ao demais, recebeu effectivamente os meios necessarios, mais que á sua [illegible] na vid[illegible]ção do seu caracter, identificado que com elle sempre viveu desde a sua mocidade.

O discipulo honrou dignamente o mestre. Por isso hoje, reunidos na luminosa espiritualidade, a que felizes ascenderam, quão grande não terá sido a sua alegria, ao reunirem novamente os seus esforços, para lá continuarem a obra de bem, que tão amorosamente na terra começaram! As suas duas existencias, aqui, foram como as duas paginas de um mesmo livro, traçadas á luz por um mesmo autor. E' que esse autor era Jesus, de quem ambos se souberam fazer dignos apostolos no mundo, reflectindo no prisma de suas immaculadas consciencias os raios emanados do Divino Nazareno. A sua obra é, por esse motivo, imperecivel, e os seus exemplos ficarão pontilhando a sua trajectoria no planeta, como scintillantes marcos a assignalar aos viandantes o caminho direito que os pode conduzir ao seio da verdadeira felicidade.

Será necessario, ao que fica dito, accrescentar a narrativa dos factos que tornaram edificante a existencia do nosso companheiro? — Mas seria preciso reconstituir, dia por dia, essa existencia abençoada, toda ella votada á pratica do amor, esmaltada da benevolencia que sabia ter para com todos, fazendo sempre ouvir a sua palavra persuasiva e carinhosa, e que era como um generoso manto a encobrir a imperfeição dos seus ir-

mãos. E ainda que nos propuzessemos detalhar essa commovente historia, quantas lacunas não apresentaria ella, desenvolvidos que foram no segredo das boas obras, segundo o evangelico preceito, os seus innumeros episodios! Como reuniriamos então o testemunho de todos os corações que d'elle receberam occultamente a acção compassiva e bemfazeja?

Ha, todavia, um facto—o facto culminante da sua vida—que, por nós testemunhado, bem merece a divulgação que lhe passamos a dar, para edificação dos crentes, e que, posto que seja adiante tratado por um dos nossos mais bem orientados e esclarecidos collaboradores, não perde de interesse por esse duplo commentario, antes ganha em evidenciação e em relevo.

Queremos nos referir á desincarnação do nosso amigo. E, se é verdade que bem sabem morrer os que souberam dignamente viver, o desprendimento de Maia de Lacerda constituiu o reflexo vivo, a synthese perfeita da sua existencia exemplarissima.

Quando penetrámos no aposento em que o nosso amigo docemente agonizava, um silencio augusto dominava, e a familia reunida aguardava, n'um recolhimento verdadeiramente christão, o esperado desenlace. Um ambiente fluidico dos mais puros, como o spirita experimentado sabe immediatamente distinguir, espalhava em torno uma serenidade, uma doce paz que penetravam até ao intimo da alma.

Dir-se-hia—e não é uma supposição gratuita, temos para nós que era [illegible] de espiritos escolhidos envolvia os assistentes, preparando a suave transição.

O enfermo, que desde o começo da crise, isto é, desde que adoecera, não proferira um queixume, não tivera um movimento de impaciencia, retribuindo sempre com um sorriso affectuoso os desvelos de sua idolatrada mãe e de suas extremosas irmãs e que—mais do que isso— com piedosa solicitude, por evitar-lhes sobresaltos, emquanto lh'o permittiram as forças, se levantava do leito e afastava-se de suas vistas, para ir deitar sangue, que ás vezes perdia em grande quantidade pela boca — consequencia, ao que parece, da affecção cardiaca que tanto contribuiu para lhe deprimir o organismo—revolvia-se lentamente, e ninguem diria que a afflictiva oppressão da dysnéa lhe tolhia os haustos, tão brandos eram, como tinham sido até alli, os seus esforços.

Preces silenciosas subiam dos corações emocionados.

....

A necessidade de nos afastarmos momentaneamente nos impediu de assistir ao desfecho, que, posto que esperado para breve, não o era, todavia, dentro de tão curto espaço—menos de uma hora.

Os leitores, entretanto, encontrarão adiante a narrativa da edificante scena, no trabalho do nosso collaborador, a que já nos referimos.

Voltando ao aposento, tornado então em camara mortuaria, reinava no ambiente a mesma paz religiosa tosa. No meio de alguns amigos fieis e de familias com a do nosso amigo relacionadas, e que velavam piedosamente o corpo, a veneranda mãe do nosso companheiro completava, ao lado de suas virtuosas filhas, o emocionante quadro, todas revestidas da resignação evangelica a cujo sentimento as habituara elle. Graças a isso e á assistencia invisivel, que mantinha aquella doce atmosphera, que penetrava—repetimos — até á alma, mas que senão pode descrever, o seu desprendimento se poude effectuar suavemente, sem esforço e sem ruido, extreme d'essa afflictiva perturbação que produzem ao moribundo os intempestivos clamores e lamentações com que a pobre humanidade, na sua ignorancia do alem-tumulo, costuma receber esse facto, tão natural, tão santo e, ao mesmo tempo, tão solemne.

Havia, indubitavelmente, dôr n'aquelles corações affectuosos; alanceava aquellas almas compassivas a lembrança de tantos dias felizes gozados em commum na terra, e que, na terra, nunca mais haviam de voltar. Sentiam decerto a mutilação da sua felicidade, cuja cadeia, que as prendia docemente, acabava de perder o mais forte dos seus elos. Perpassava-lhes no espirito, como a sombra de uma angustia, a certeza de que jamais veriam, occupando o seu logar habitual, associando-se aos seus prazeres predilectos, aquelle vulto sympathico do seu «querido João», de cujos labios não tornariam a receber em seu coração as amorosas expressões com que lhes fôra, na existencia, o conforto abençoado, o guia previdente e esclarecido.

Mas essa dôr, essa pungente evocação dos dias felizes do passado, eram de tal modo suavizadas pela esperança de se tornarem a ver, transpostas as fronteiras d'este mundo, n'aquellas almas verdadeiramente christãs havia—e ha—tanta certeza d'essa outra vida e da communhão que poderiam continuar a manter com aquelle idolatrado espirito,— o qual não se afastava senão para pairar mais solicito sobre a sua felicidade, de que continuaria a ser o vigilante guia— que n'essa fé christa, n'essa edificante resignação encontravam forças para recalcar a sua magua, offerecendo-a em holocausto áquelle cujo tranquillo despertar a essa alvorada da verdadeira vida não se julgariam no direito de perturbar com inopportunas explosões.

Grandioso e edificante exemplo! Quizeramos que fosse possivel fazer desfilarem diante d'aquelle verdadeiro templo todos os nossos irmãos em crença, para que aprendessem, afim de o ensinar ás suas familias, do mesmo modo que Maia de Lacerda o transmittia á sua, como morre o spirita-chistão e como, n'essa solemne conjunctura, se deve a sua familia conduzir.

E o que diremos dos profanos, dos que hostilizam a nossa doutrina, dos que nos attribuem o gratuito mister de sectarios do demonio? Seriam elles capazes de se subtrahir á emoção d'aquelle espectaculo sem par? Não se sentiriam tocados de respeito diante d'esta doutrina que produz taes fructos, e não comprehenderiam que só os que se abrigam sob o amoroso manto de Jesus, e praticam a sua divina lei, são capazes de encarar a morte com essa impavida tranquillidade?

Abençoada a vida que teve tão abençoado desenlace! Abençoado o espirito que tão alto exemplo nos legou! Possa elle nos servir de estimulo, como de tanto conforto, n'aquelle momento, nos penetrou a alma! E em que melhor glorificação poderemos envolver a sua memoria, que tomando-o por modelo dos nossos passos n'este calvario da existencia?

Imitemos, pois, o melhor que a nossa fraqueza o permittir, esse peregrino apostolo, façamo-nos como elle spiritas-chistãos, e sómente então lhe poderemos offerecer o testemunho de sentimentos que apenas desabrocham agora nos nossos corações, e em que o seu apostolado nos deve cada vez mais fortalecer. Será esse o unico meio de com elle nos identificarmos, enchendo de alegria o seu espirito, que assim verá a sua obra, na terra, por nós aproveitada.

Até lá, não ha remedio senão nos contentarmos com a obscura e pallida homenagem que hoje aqui lhe tributamos, e de que a melhor parte, — a unica que terá, aos seus olhos, verdadeiro valor e significação— é a de que nos occupamos em uma local do nosso noticiario, alem da sessão commemorativa pela Federação dedicada ao seu espirito.

——

Registremos agora, a titulo de informação, o que a respeito do nosso querido companheiro, como cidadão e como homem, disse a imprensa profana d'esta capital, que do seu trespasso unanimemente se occupou. Na impossibilidade, todavia, por carencia de espaço, de aqui reproduzir todas as apreciações sobre elle emittidas, solicitamos venia para, d'entre as noticias de todos os jornaes, escolher a que mais expressiva nos parece, por esboçar as linhas principaes da sua physionomia moral, e que foi a do collega vespertino *A Tribuna*. Eis aqui, pois, os seus termos:

«Fomos, infelizmente, os unicos a dizer, hontem, que o estado de saudo do estimavel e distincto patricio Dr. João Baptista Maia de Lacerda inspirava serios cuidados.

Horas depois tivemos a dolorosa noticia de que tinha exhalado o derradeiro alento o digno membro do conselho municipal, o republicano sincero, filho extremosissimo, que vivia para sua mãe virtuosa, com dedicações illimitadas.

O Dr. Maia de Lacerda era bastante estimado, e por mais de uma vez o seu nome foi suffragado para cargos publicos.

Pela primeira vez representou o 3°. districto no conselho municipal, do qual foi seu presidente, e na vaga aberta no 2°. districto, pela morte do Dr. Mattos Rodrigues, o illustre extincto foi eleito com grande maioria de votos.

Em diversos cargos publicos o Dr. Maia de Lacerda demonstrou a lhaneza do seu trato, a pujança da sua intellectualidade, com grandes louvores de seus chefes hierarchicos, como na estrada de ferro Central do Brazil, onde deixou em cada empregado um affeiçoado, um amigo.

O estimado intendente deixou no conselho municipal sinceras sympathias, porque sempre foi o advogado das boas causas, o defensor da justiça, do fraco, do desprotegido.

Caritativo, esmoler, o que ganhava despendia com os desafortunados. Era um desapaixonado em todas as questões, e poucos terão tido tantos admiradores como elle.

O Sr. Dr. Maia de Lacerda conservou-se sempre solteiro, porque, dizia elle, tinha uma mãe que precisava de todo o seu coração, de todo o seu desvelo, de todo o seu amparo.

Foi o exemplo vivo do amor filial o illustre mineiro, fallecido hontem aos 51 annos, cheio de vigor, e que promettia ainda prestar relevantes serviços á Republica, que sempre defendeu com amor extremado.

A' desolada progenitora do digno cidadão, D. Francisca da Rocha Maia de Lacerda, ao conselho municipal, que elle soube honrar, apresentamos as nossas sinceras condolencias.

A inhumação do Dr. Maia de Lacerda será feita no cemiterio de S. Francisco Xavier, ás 4 1|2, sahindo o feretro da rua Santos Rodrigues n. 43.»

——

Cedamos, finalmente, a palavra ao prezado collaborador, que tão bem soube pôr em relevo a lição contida na desincarnação do nosso amigo, enfeixando-a nas seguintes linhas, que são o melhor fecho com que poderiamos encerrar este humillimo tributo:

Tal vida — tal morte

Deus, bom e misericordioso, permittiu, em sua misericordia sem limites, que o ultimo servo de Jesus tivesse a ventura de assistir á partida para a verdadeira vida de um dos seus eleitos.

E' o facto de ter eu tido a felicidade de assistir aos ultimos momentos d'aquelle que na terra se chamou Dr. João Baptista Maia de Lacerda.

Cheguei á sua residencia justamente no momento em que esse espirito de escol desligava as ultimas moleculas do seu perispirito das do seu corpo carnal, que tão utilmente lhe servira de instrumento docil, para galgar os degraus da escala immensa do progresso moral.

Ao entrar no aposento, onde essa epopéa se passava, senti a minha alma toda invadida de um goso indescriptivel. A paz que ali reinava era até então para mim desconhecida, e o ambiente em que o meu espirito se sentiu envolvido era tão subtil que logo denunciava a grandeza d'aquelle santuario.

A' cabeceira do moribundo estava ajoelhada uma virgem, cuja attitude tão bem traduzia a placidez do seu espirito, que lembrava a Virgem Santissima nos seus momentos de angustia, na tragedia do Calvario. Era a alma da sua alma, producto da educação evangelica que, com rara felicidade, elle soube dar aos seus, era a sua discipula querida que tão dignamente soube honrar o seu preclaro mestre,— era a sua querida irmã mais velha.

Tudo n'elle era serenidade, tudo era calma, resignação e crença profundamente spiritas.

Em seu semblante não se notava uma contracção provocada por alguma dôr : elle não soffria !

Aos pés do leito estava sentada sua outra irmã, a mais moça, que lhe servia de enfermeira; a um dos lados achava-se sua idolatrada mãe, testemunha santa de facto tão extraordinario n'este mundo de provações, e que, resignadamente, sentia que o producto do seu ser se despedaçava ! Talvez que n'aquelle momento lhe passassem pelo cerebro as dôres que por aquelle filho, o seu querido João, tivesse outr'ora sentido, desde a sua concepção.

Este mundo é mesmo assim : o reino da dôr !

Um pouco mais atraz estava o seu extremoso irmão, o companheiro de 40 annos. Sempre juntos e inseparaveis, nunca entre os dois houvera uma desavença. Quando, em virtude de algum desvio, o seu fiel companheiro necessitava de conselhos, dava-lh'os o João, o chefe do lar, com uma brandura e com um amor de que só elle sabia o segredo. E então, de dia para dia, de hora para hora, de minuto para minuto mais se estreitavam os laços do amor, mais se apertava o elo da amizade fraternal: cada vez mais amigos.

O amor, não ha que duvidar, produz sempre bons fructos.

Eis, pois, o quadro sublime que tive a ventura de presenciar, mas cuja sumptuosidade nem pallidamente poderia descrever n'um succinto escripto de jornal.

Pleno de respeito santo, e cauteloso, aproximei-me do leito transformado em altar.

Ao ver-me, sua irmã primogenita lhe disse : «João, não era pelo Discipulo de Max que esperavas ? Elle ahi está.»

João, despertado pelos meus sentimentos de amor e gratidão, que n'esse momento determinara uma prece muda, mas intimamente ungida d'esses sentimentos — pois partia de um coração summamente grato por tantos beneficios que aos meus, como á humanidade, prestara — quiz falar, mas apenas poude balbuciar alguns sons incomprehensiveis, pois já faltavam as forças para transmittir os seus pensamentos.

Terminava, então, o ensaio e começava, bella, sublime e commovente, a symphonia evangelica em honra áquelle espirito de luz ! Que belleza ! que mansidão ! que placidez, meu Deus !

Como é bom morrer-se assim !

Foi então quando sua irmã me disse : «A isto só se assiste de joelhos.» E todos, como um só, nos ajoelhámos de um e do outro lado do leito.

Colloquei a dextra sobre aquelle coração sem macula e orei.

Aos poucos foi diminuindo a respiração e desappareceu, com o ultimo suspiro, o homem justo e puro que jamais a nossa sociedade soube comprehender e apreciar. E então, *consummatum est*: morreu o homem: mas da lucta sahiu vivido, pujante e bello o espirito que, celere, foi receber o premio do seu heroismo.

Levantei-me e disse, a um tempo, alegre e saudoso: «Partiu!» Então, sua irmã, o anjo tutelar, afagando-lhe o rosto com caricias de amor e de saudade, assim lhe falou : «João, eu não chorei; cumpri a minha promessa. Eu não chorei, nem choro, João.»

Entrementes, penetra no aposento uma creada banhada em lagrimas, e a heroina d'essa scena grandiosa advertiu-a : «Rosa, aqui não se chora: João não o quer: não perturbes a paz que aqui reina.»

E assim foram os ultimos momentos do homem justo e bom, austero e affectuoso, que se chamou J. B. Maia de Lacerda.

O meu espirito ficou assombrado de tudo aquillo que presenciava.

Nos meus momentos de profunda meditação eu idealizara um lar spirita, onde a grandeza do amor evangelico sobrepujasse o amor egoista; mas estava longe de suppôr que tão cedo teria de contemplar esse grandioso quadro, e teria de ver, na pratica, o meu sonho de crente sem tergiversação.

Ante tanta sublimidade não me pude conter e exclamei : « Minha senhora, a maior obra de Maia de Lacerda eu não conhecia; vim vel-a hoje aqui : Maia de Lacerda educou um lar primorosamente evangelico. Deixou o exemplo para ser seguido pelos spiritas. Imitemol-o».

Em vida elle pedira aos seus que não deitassem luto, não chorassem e não mandassem dizer missas por elle, e que a importancia pecuniaria que teriam de gastar com tudo isso, dessem-n'a aos pobres.

E assim partiu um spirita com obras.

Não vos admireis, bom leitor: porque Maia de Lacerda foi o espirito creado e educado por Bezerra de Menezes, seu tio carnal e seu pae espiritual. Foi Bezerra quem o fez spirita, e n'aquelle coração tão meigo e candido derramou todo o seu amor, corporificado nos exemplos incessantes das virtudes christãs.

Jesus os ajuntou e d'elles fez dois espiritos iguaes.

Na vespera d'aquelle memoravel dia, havia eu sido chamado para ver um outro irmão, tambem spirita, que ha quatro dias agonizava.

Fui, e, chegando junto ao seu leito, lhe falei : «F., é o sacerdote que te vem visitar : é o indigno servo de Jesus, que te vem trazer remedio, não para o teu corpo, que esse já deu o que podia dar, mas para a tua alma, que talvez necessite de quem lhe traga conforto. Vim ajudar-te a desprender o teu espirito da carne, para voar serenamente para Jesus,—o porto de salvação. Vamos orar; vamos pedir a N. S. Jesus Christo que te liberte d'esse fardo tão pesado.»

O moribundo, fazendo um esforço sobrehumano, balbuciou : «Não...! Não...! Não quero !»

«Não queres orar, disse-lhe, oro eu:» e, collocando a mão sobre a sua cabeça, orei : pedi ao Bom Pastor que se compadecesse d'aquelle trabalhador indolente, que disse que ia, mas não foi, e que entre os thesouros do céo e os da terra preferiu os ultimos !

Seu coração era d'este mundo, com o qual se familiarizara e que não desejava abandonar! Era um spirita sem obras, que recebeu a luz, mas escondeu-a debaixo do alqueire !

E assim partiu um espirito sem obras. Emprehendeu, pobresinho, tão longa e penosa viagem sem provisão; foi imprevidente!

Que contraste, santo Deus! Um, todo de Jesus, todo espiritual; o outro, todo do mundo, todo carnal !

Meditai, caro leitor, commigo sobre esses dois quadros que fui chamado a presenciar...

DISCIPULO DE MAX

NOTICIAS

REFORMADOR

A exiguidade de espaço de que dispomos no presente numero, consagrado em grande parte —e como de justiça— á memoria do nosso inolvidavel vice-presidente Dr. Maia de Lacerda, nos obriga a adiar para a proxima edição alguns artigos de interesse e de collaboração, como a interromper a serie das interessantes «communicações», que ha muito vimos publicando, alem de restringir outras secções habituaes, do que pedimos benevola excusa aos leitores.

No numero vindouro, todavia, verão preenchidas taes lacunas e satisfeito o interesse com que acompanham e distinguem a nossa folha.

No *Constancia*, de Buenos Aires, encontramos a noticia de que em Porto Rico se realizara recentemente um *meeting* spirita, com intuito de propaganda, causando a mais viva sensação.

Não estando a nossa doutrina ainda bastante divulgada alli, era de esperar que o resultado não fosse satisfatorio; no emtanto elle excedeu toda espectativa, devido á palavra fluente e abalizada do Sr. Reys Calderon, que n'esse dia conquistou mais algumas sympathias para a nossa causa.

O distincto conferencista demonstrou em seu discurso que o spiritismo, como sciencia, é um capitulo da psychologia e da physica, e, como religião, um ramo importante do christianismo. Evidenciou a existencia de Deus e a immortalidade da alma, provando aos seus ouvintes que o spiritismo, com taes bases, pode enfrentar todos os escolhos e fazer com que um dia os homens se convençam de que têm todos uma mesma origem e, portanto, todos são irmãos, erigindo-se assim n'essa epoca o verdadeiro reino da fraternidade.

As pessoas que assistiram ao *meeting* retiraram-se agradavelmente impressionadas, fazendo sobre a nossa doutrina os mais lisonjeiros commentarios.

Por mais esse triumpho da nova revelação, d'aqui enviamos sinceras saudações aos nossos irmãos de Porto Rico, desejando que esse exemplo seja imitado, como um dos melhores meios de propaganda.

DR. MAIA DE LACERDA

No intuito de render á memoria d'este venerando companheiro o tributo que melhor —nos parece— agradará ao seu espirito, deliberámos expôr á venda parte da nossa edição de hoje, impressa em melhor papel, revertendo o producto, que se arrecadar, em beneficio da Assistencia aos Necessitados.

Consta apenas de 1.000 exemplares essa tiragem extraordinaria, cujo preço, desde o limite minimo de 200 réis, fica ao arbitrio do publico, que a encontrará nos estabelecimentos dos reputados livreiros H. Garnier e Laem-

FOLHETIM (26)

A PEROLA NEGRA

POR

MAX

XIX

«Quem mal não usa, mal não cuida» diz o adagio: e acrescentaremos nós: os annexins populares são sempre a formula rasteira de alto principio.

Este que citamos transforma-se natural e logicamente n'este outro: «cada um julga os outros por si», que é principio firmado no mais perfeito conhecimento da psychologia das paixões.

O homem, dominado por uma paixão, acredita que todo o mundo tem o mesmo fraco—e é por isso que interpreta as acções alheias consoante com o modo de seu procedimento em iguaes casos.

O que é limpo de coração, leal e verdadeiro, suppõe que todos o são, emquanto não tem as provas de não o serem este e aquelle, e é por isso que são geralmente victimas de sua boa fé e sinceridade os que são dotados d'essas distinctas qualidades.

Mais positivamente:

O mentiroso não acredita na palavra de ninguem, e o verdadeiro acredita em tudo o que lhe affirmam.

José Gomes, cujo caracter já conhecemos, nem por momento duvidou do que lhe disse seu pagem, embora fosse elle um ser degradado.

Alem de tudo era-lhe impossivel admittir que o moleque lhe faltasse ao respeito, negando-se, sob mentirosos pretextos, ao serviço que lhe commettera.

E porque negar-se, quando tal serviço não passava de uma viagem recreativa !

—Pois chama cá um dos teus companheiros para ir commigo, foi a resposta que deu ao pedido de excusa do pagem.

Sahiu este muito a rir por dentro, porque logrou seu fim, e muito alem do que planejava.

Ficava na fazenda, em ausencia do senhor, e mandava passear o Jacob, de quem tinha muito receio.

Sahiu, pois, nadando em jubilo, e foi direito ao rival, por lhe annunciar a vontade de José Gomes.

Manifestou, porem, tanta satisfação, quando transmittiu a ordem do senhor, que Jacob ficou desconfiado.

Este não estava no caso de José Gomes: de não cuidar em mal, por mal não usar, e, pois, dirigiu-se para a sala, procurando a razão da alegria do parceiro.

—Dá-se alguma coisa que favorece o plano de Raphael, scismava o moleque. Que será ?

Por mais que parafusasse, porem, não podia atinar com a ponta da meada.

—Vosmecê mandou chamar-me ? disse, chegando para junto do senhor, para lhe receber as ordens.

José Gomes, absorto em arranjar um meio de satisfazer o desejo de Honorina, olhou para o rapaz, sem o ver, e respondeu, sem consciencia do que dizia :

—Manda apromptar os cavallos, que partimos de madrugada.

—Posso saber para onde ? perguntou Jacob com a alma perturbada.

—Para o Quixadá, respondeu o senhor.

Jacob apanhou pelo ar, n'aquella ordem de José Gomes, a razão da alegria de Raphael.

—Vai pôr em pratica seu damnado plano, certamente adiado á espera de uma monção d'estas ! E eu impossibilitado de cortar-lhe as vasas ! Não—não pode ser, não ha de ser como pensa ! Custe o que custar, é preciso que eu fique, já que não pode o senhor ficar, por não lhe poder eu revelar o que ha ! Honorina é que ha de arranjar tudo !

O abalo que sentiu foi tão grande, que não percebeu a inconveniencia, que praticava, de ficar na sala, quando era seu dever correr a dar cumprimento ás ordens recebidas.

—O patife não conta commigo, e até, muito provavelmente, acredita que serei seu auxiliar! Não, estou enganado. Elle sabe que eu tambem não estarei presente, pois que o senhor me chamou para acompanhal-o! Como tudo lhe corre á feição ! Espera—espera, que nem tudo o que é bem começado, é bem acabado ! Tem-se visto ir a pique navio que sahiu do porto com vento e mares fagueiros !

Estava a fazer estas considerações, quando entrou Honorina.

(*A seguir*)

mert & C., que a isso obsequiosamente se prestaram, tendo em vista aquelle fim caritativo.

Afim de não retardar a impressão do presente numero, somos obrigados a, só na proxima edição, dar conta aos leitores da sessão commemorativa pela Federação realizada no dia 13, em homenagem ao seu vice-presidente.

Refere o *Zeitschr: für Spiritismus*:

Um negociante de Hamburgo, carregado de familia e pouco abastado, via os seus negocios declinarem cada vez mais, por causa de uma longa enfermidade de sua mulher. O medico, que a tinha tratado, enviou-lhe por diversas vezes a conta de seus honorarios, á ultima vez ameaçando o até de o perseguir judicialmente.

Para poder desembaraçar-se d'essa divida, o negociante decidiu-se a vender uma antiga biblia de valor. Folheando o livro, achou uma carta com este endereço: «Para o que a achar.»

Essa carta era do punho do pae do negociante, e eis aqui o seu conteudo:

«Como sei positivamente que o homem não toca na biblia e não lê a palavra de Deus senão em casos desesperados, e quando não sabe mais o que fazer, colloquei 2 bilhetes de 1.000 marcos entre as paginas 141 e 142. Hamburgo, 17 de junho de 1879.»

A quantia alli se achava e o negociante poude pagar o seu medico e restabelecer os seus negocios.»

Sob a epigraphe «Força hypnotica transmittida pelo telephone», refere o *Progressive Thinker*:

— Esta experiencia foi feita pelo professor Mc. Laughlin, sobre um Sr. Hughes Drury, entre duas estações telephonicas afastadas, Evansville e Henderson. O professor Mc. Laughlin só annuiu a tental-a com a condição de ter previamente hypnotizado o sensitivo, o que foi feito alguns dias antes da experiencia. Dois minutos depois de ter Drury segurado na mão o receptor do telephone, começá a dormir, como o verificaram as pessoas presentes, convocadas para a experiencia; e quando o professor Mc. Laugklin chegou, uma hora depois, elle dormia ainda, e o professor o acordou.

Drury calculou ter dormido sómente 5 minutos. Pelo telephone, o professor tinha recommendado ao sensitivo que fixasse os olhos sobre a campainha; depois lhe dissera:

— Tendes somno: se puderdes segurar o receptor, dormireis. Quando eu tiver contado 3, haveis de dormir. Uma, duas, tres! Durma!»

E o sensitivo largou o apparelho, e cahiu, dormindo, nos braços dos assistentes.

PUBLICAÇÕES

Nuctemeron é o titulo de um novo periodico, de distribuição gratuita, consagrado á propaganda do espiritualismo scientifico, e publicado em S. Manoel, Estado de S. Paulo, sob a direcção do nosso confrade Raul da Silva, de cuja esforçada boa vontade muito ha a esperar para a propaganda, n'aquella florescente cidade.

No seu artigo-programma, epigraphado «Nossa razão de ser,» diz o joven collega:

«Desejando ardentemente concorrer para que se espalhe entre nossos semelhantes, n'esta zona, o conhecimento dos sanissimos principios do spiritismo, resolvemos publicar um periodico que venha, como simples arauto da verdade, trazer ao nosso meio social os ensinamentos da sciencia spirita, apprehendidos todos nos varios e multiplos trabalhos publicados por nossos irmãos que, pesquizando, estudando, e constatando, chegaram ás conclusões surprehendentes e evidentissimas da verdade spirita.»

E mais adiante accrescenta a seguinte promessa, que consubstancia o seu programma:

«Procuraremos trazer nossos leitores ao corrente dos progressos do espiritualismo e suas relações com o mundo occulto; e, sobretudo, em uma serie de artigos, desvendaremos os perigos a que estão sujeitos os que, sem o preparo indispensavel, suppõem-se aptos para o exercicio das temerosas forças do desconhecido, provocando phenomenos cujas consequencias podem se tornar terriveis para os ignorantes, principalmente nos individuos de fraca organização cerebral.»

Vida longa e prospera, com o maximo proveito para a doutrina e para os seus corajosos evangelizadores — são os nossos votos. E que jamais lhe falte, na inspiração dos seus guias, a assistencia do Alto, dando-lhes a verdadeira orientação das sublimes verdades, n'este canto do planeta.

Paul Bourget e o Spiritismo

O nosso collega *Le Progrès Spirite* reproduziu, em sua edição de 20 de dezembro do anno findo, a seguinte interessante entrevista obtida do notavel litterato francez P. Bourget, pelo redactor do *Le Matin*, Jules Bois, que n'essa folha lhe deu curso nos seguintes termos:

« Todos conhecem a aversão que os *interviews* inspiram ao Sr. Paul Bourget.

— « Sómente a importancia do assumpto de que tratais no *Matin*, disse-me o eminente psychologo, e a sympathia que dedico ás vossas obras, seriam capazes de me resolver a uma palestra que vai tornar-se publica.

Eu creio nos presentimentos e na clarividencia, posto que algumas vezes se os possa explicar pela coincidencia.

O professor James me dizia, em Boston, em 1893: «Nós vivemos na superficie do nosso ser.» Esta simples phrase é muito profunda.

Na vida ordinaria de todos os dias, só utilizamos, effectivamente, uma parte bem restricta de nossa personalidade, a casca do nosso «eu». Existiriam acima, ou antes, abaixo de nós, forças inexploradas e obscuras como o oceano....

Vivemos em uma estreita ilha batida por desconhecidas ondas.

Essas forças não dirigiveis, e não suspeitadas, podem se manifestar subitamente e revelar-nos o futuro.

D'esse modo a adivinhação é possivel. Ella consiste sómente na leitura das causas despercebidas.

Tocamos ahi no *sobrenatural*, ou antes no *supranormal*.

Fui levado a esta theoria, particularmente, depois de duas sessões que tive com Mrs. Pipers, na America.

O relogio revelador

Colloquei nas mãos da vidente, que havia adormecido, uma pequena pendula de viagem; ella me disse a quem esse objecto tinha pertencido, o que fazia outr'ora o seu possuidor e o seu genero de morte (um suicidio por immersão, n'um accesso de loucura). Não poude indicar exactamente o paiz em que o suicidio se dera. Disse sómente que fôra: «in a foreign country» (n'um paiz estrangeiro), o que era exacto em relação ao artista de que se trata, que poz termo a seus dias durante uma viagem.

Mrs. Pipers não poude dizer-lhe o nome. Tentou fazel-o com visivel esforço, sem o conseguir.

Descreveu tambem, com uma exactidão notavel, o compartimento que eu então occupava, na rua Monsieur, em Paris; declarou o andar e mencionou uma escada interna que conduzia ao meu gabinete de trabalho. Ahi ella viu, á parede, um objecto que pareceu admiral-a e que descreveu sem o poder determinar: era uma parte de um esquife egypcio, que um amigo me tinha trazido do Cairo, e que estava pregado por cima da porta.

Viu tambem, sobre o fogão, um retrato que suppoz ser o de um moço. E'uma photographia de mulher, com os cabellos curtos.

Seja qual fôr o valor dos dons psychicos de Mrs. Pipers, é certo que são acompanhados de um curioso caso de desdobramento; ella imagina ser um tal Dr. Finuit, fallecido em Lyon, e cujo caracter se mostra nas suas respostas, como bastante differente do seu.

Estando nos Estados Unidos esbocei Mrs. Pipers, para o meu livro *Outre-mer*, porem os detalhes acima e que vos reservo, alli não se acham.»

O Sr. Paul Bourget cre na sobrevivencia

—Eu não vos digo novidade, intervim eu por minha parte: a Sociedade de investigações psychicas de Londres e da America examinou, depois, Mrs. Pipers; e foi forçada a tirar a conclusão de que, em muitos casos, não se podiam explicar as revelações da vidente, a não ser pela intervenção dos mortos que a ella se communicariam directamente. Vós, porem, crêdes na sobrevivencia da alma?

O Sr. Paul Bourget me respondeu sem hesitar:

— *Sim, mas isso não pertence mais á sciencia, é um artigo de fé* (estas palavras são textuaes).

Eu repliquei:

— Quando não aceitaveis ainda as doutrinas da igreja, e que vossos mestres eram «Mr. Taine» e Renan, acreditaveis na immortalidade da alma?

O Sr. Bourget tomou nervosamente o meu livro de notas e, do seu proprio punho, como se quizesse inscrever uma confissão exacta a um confessor, traçou o seguinte:

« *Sempre acreditei na immortalidade da alma, do modo o mais invencivel — á meu pezar, se assim me posso exprimir — quando apresentava razões contra.* »

— Pensais que o Spiritismo diga a verdade, pretendendo que os vivos e os mortos podem estar em communicação constante?

— Isso não sei: peço que m'o provem, mas não sei. No emtanto, eu contei nas *Voyageuses*, sob o titulo de *Neptunevale*, a historia bem singular de uma premonição, da qual constatei a veracidade. Na Irlanda, encontrei um casal francez, que foi salvo d'um naufragio, porque a mulher suppoz ser avisada em sonho pelos antigos senhores do Castello, em que residia, do accidente que os esperava. Com effeito, o navio em que elles deviam embarcar, se não tivessem attendido a esse presentimento, soffreu uma colisão no mar e 40 vidas foram sacrificadas.

Nos *Recommencements*, notei, no desenvolvimento de uma novella intitulada *O adversario*, um outro presentimento dos mais tragicos, que foi verificado.»

A morte do chronista Chapron, prevista em sonho por Paul Bourget

Perguntei ao Sr. Paul Bourget se elle mesmo não tinha recebido um d'esses avisos mysteriosos, que nos vêm das regiões desconhecidas de nossa alma.

— Sim, e em circumstancias bem curiosas. Eu devia ir, com Guy de Maupassant, visitar o hospital de Sourcine, onde leccionava o Dr. Martineau. Disse a Maupassant:— Estou ainda sob a impressão de um sonho d'uma intensidade quasi insupportavel: vi, n'esse sonho, o nosso confrade Léon Chapron agonizante, sua morte, e todas as consequencias d'ella, a discussão de sua substituição nos jornaes, as circumstancias de suas exequias, com uma exactidão tão horrivel que, ao despertar, esse pezadello me perseguia como uma obsessão.

Maupassant ficou algum tempo attonito e perguntou me:

— Sabes como elle vai?

— Então elle está doente? redargui.

— Moribundo. Não o sabias?

— Absolutamente não.

E era verdade.

Ficámos um momento perplexos da singularidade d'esse presentimento, que devia realizar-se alguns dias mais tarde. (E' o unico phenomeno d'este genero, do qual, por minha parte, não posso duvidar). Porem a admiração de Maupassant pouco durou:

— Ha uma causa, disse elle com o seu bom humor de outr'ora: é preciso procural-a.

Eu tinha, effectivamente, recebido uma carta de Chapron uns quinze dias antes. Maupassant fez-me ver, estudando-a, que algumas lettras estavam um pouco tremulas.

— E' uma escripta de doente, insistiu elle; notaste-o, sem o saber; e eis ahi a origem do sonho..

Maupassant talvez tivesse razão: mas eu devo dizer que nada observei, nem mesmo as lettras tremulas.

As visões de Maupassant

— O grande romancista meu amigo, continuou o Sr. Paul Bourget, contou-me, a proposito, os dessocegos de que elle era victima, e que deviam terminar por esse doloroso suicidio.

— O que seria, me dizia elle, se soffresses o que eu soffro? Uma vez sobre duas, entrando em casa, vejo o meu duplo... Abro a porta e vejo-me sentado na minha poltrona. Eu sei que é uma allucinação. N'este momento eu a tenho,—não é curioso? E se eu não tivesse um pouco de senso, não teria medo?...

E elle olhava, dizendo isso, com os seus olhos claros, nos quaes brilhava a chamma do seu lucido pensamento, e em que, com effeito, não havia medo.»

A fronte do Sr. Paul Bourget franziu-se um pouco, o monoculo cahiu-lhe, e com a modestia dos homens d'um verdadeiro valor, o nosso maior romancista psychologo, que conservou toda a sua juventude de espirito com a experiencia que dão os dias e um longo e leal trabalho, terminou suas confidencias com estas palavras melancolicas, que resumem, mais ou menos, todo o saber humano sobre o mysterio:

— A sciencia humana e a razão têm estreitos limites. Ha muitos annos já que o maior dos contempladores da vida humana o proclamou:

« Ha mais coisas no céo e na terra, que as que sonha a nossa philosophia».

Jules BOIS.

Typ. BESNARD Frères — 138 Rua do Hospicio

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL
Brazil. . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL
Estrangeiro . . . . 7$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XX — Brazil — Rio de Janeiro — 1902 — Julho 1 — N. 161

Federação Spirita Brazileira

REUNIÕES NO MEZ DE JULHO

Reunião da Directoria — Segunda-feira 7, ás 7 horas da noite em ponto;

Sessões privativas dos socios (para estudo dos Evangelhos e do *Livro dos Mediuns*, alternadamente)—Terça-feira 1, 8, 15 22 e 29, ás 7 horas da noite:

Sessões publicas (para estudo do *Livro dos Espiritos* e d'O *Céo e o Inferno*)—Sexta-feira 4, 11, 18 e 25, ás mesmas horas.

Assistencia aos Necessitados

Receita até 15 de Junho:

DONATIVOS

Diversos	4$000
D. Elvira	10$000
D. Dulce Esposel	10$000
D. Maria Esposel	10$000
Fiel d'Oliveira	10$000
Januario Sampaio	10$000
João Nunes	10$000
Dois spiritas	35$000
Antonio Navarro	20$000
D. Umbelina Fragoso	10$000
Juvenal Coelho	10$000
D. Maria e Feliciano	2$000
D. Carolina Salles	10$000
Manoel Guimarães	10$000
João Torres	10$000
José Fonseca	10$000
D. Emilia	2$000
D. Anna Maria	10$000
D. Mathilde Venerando	2$000
D. Maria Eugenia	10$000
D. Tullia Solon Ribeiro	10$000
D. Anna Gama	10$000
Francisco Garcez	10$000
João C. A. de Siqueira	10$000
Albino Teixeira	6$000
Manoel Cardoso	10$000
D. Luiza Aguirre	10$000
Rs.	271$000

CONTRIBUIÇÕES

Recebido de diversos	90$000
Rs.	361$000
Quantia publicada	26$000
Total... Rs.	387$000

PELOS DESVENTURADOS

No numero dos urgentes encargos de que á Federação cumpre, sem perda de tempo, se desobrigar, avulta o do funccionamento da Assistencia aos necessitados, cuja installação, a 25 de maio preterito, já tornámos publica, mas cujos trabalhos, no sentido de constituir o fundo inicial, indispensavel á distribuição dos beneficios, correm com demasiada lentidão, em virtude d'esse espirito de inercia que, no nosso meio social, immobiliza as mais nobres iniciativas, quando não têm por effeito o galardão pessoal, ou a aureola da admiração publica. Não fazemos recriminações: assignalamos unicamente um traço da physionomia moral do nosso tempo, indicio da inferioridade das sociedades humanas, que não apenas do nosso povo, contra a qual, porem, é aos spiritas que cumpre reagir, por todos os meios de actividade postos ao seu alcance, pois que a elles, mais que a quaesquer outros, cabe a generosa tarefa de caminhar na vanguarda de todo movimento que tenha por objectivo alliviar os soffrimentos alheios, influir na regeneração dos costumes, melhorar a ordem social existente, promover, em uma palavra, a realização pratica dos seus ideaes de amor e de fraternidade.

Quando, pois, dizemos que á Feração cumpre estender, vicejante e carregado de fructos, sobre os desafortunados, esse ramo incipiente da arvore de bem que representa, plantada no seio da nossa terra abençoada,—rebento que se chama a Assistencia aos necessitados, tornamos extensiva a todos os nossos irmãos em crença a imposição d'esse dever sagrado, em cujo cumprimento não temos o direito de nos conduzir com esse espirito de inercia a que acabamos de alludir, e que seria imperdoavel aos que, esposando a causa spirita, assumimos o compromisso de honrai-a por todas as formas da abnegação e do desinteresse. Porque, não será apregoando formosas theorias, proclamando dos labios as excellencias da caridade, «fóra da qual não ha salvação», e immobilizando-nos, quando se trate de as pôr em pratica, que faremos amada a nossa doutrina e attrahiremos sobre ella as bençãos d'aquelles que facilmente poderiamos fazer attingir pelos seus beneficios.

Falámos em caridade... Certo não temos a pretenção de emprestar essa virtude, de que com tanta eloquencia falou o apostolo dos gentios, fixando-lhe os verdadeiros caracteristicos, aos actos de mera philantrophia que vão constituir os primeiros passos da Assistencia.

Verdadeira instituição de caridade será ella, quando conseguirmos reunir-lhe em torno spiritas, abrazados do ideal christão, em numero sufficiente para formar a brilhante legião do amor, indo levar aos lares orphanados, mais que o pão material, o conforto e a assistencia moral, que retemperem os corações desfallecidos, curando as dôres d'alma, mais duradouras e profundas que as do corpo.

Esse, porem, é o ideal longinquo. O que, por ora, se trata de fazer, o que é preciso fazer, com sacrificio de todas as commodidades, que ameaçassem porventura entibiar os impulsos de boa vontade, é trabalhar sem descanço na proposição de associados, na obtenção de donativos, sem exclusão das contribuições pessoaes, de modo a que, dentro do mais breve prazo, possamos iniciar a distribuição de soccorros ás innumeras creaturas que, á simples noticia da organização da Assistencia, já nos têm vindo repetidamente bater á porta, a supplicar o amparo que lhes tarda.

E o numero d'esses desventurados ha de forçosamente augmentar, augmentando o nosso dever de dilatar a acção bemfazeja da Assistencia. Como, ao demais, não ser assim, na situação augustiosa que opprime em geral — excepção feita da mais alta —todas as classes da nossa sociedade, mas que principalmente se faz sentir sobre as familias que já não têm chefe, sobre as creanças, os velhos e os enfermos indigentes? Poder-se-ha fazer uma idéa do que por ahi vai de miseria, sob os tectos a que se acolhem envergonhados os que se não animam a affrontar a indifferença, quando não o repudio publicos?

Certamente, na nossa privilegiada terra ainda não se morre propriamente á fome; mas nem por isso a tuberculose pulmonar, um dos resultados da alimentação insufficiente, deixa de multiplicar as suas victimas...

Vamos, pois, amigos! irmãos!

A Federação Spirita Brazileira incorporou ao seu programma a reorganização da Assistencia, que tantos beneficios distribuiu, até ha poucos annos, a essa pobreza envergonhada, que de novo reclama a nossa solicitude. Segundo o espirito da sua lei organica, cada um dos socios da Federação é implicitamente um contribuinte da Assistencia: resta fixar o quantum d'essa contribuição, que fica ao arbitrio da generosidade e das forças pessoaes de cada um, sem outra obrigatoriedade, todavia, que não seja o impulso de sua propria consciencia e a possibilidade limitada pelos proprios recursos de que disponham. Aquelles que, porem, não possam contribuir com a minima parcella, alem da sua mensalidade de socios, têm, para favorecer a Assistencia, o recurso de propôr associados para esta, recurso amplo e illimitado, pois que para isso — o caso foi criteriosamente previsto — não é exigivel sequer a condição de spirita. E, no circulo de suas relações communs, qual será o socio da Federação que não encontre um ou alguns amigos dispostos a fazer uma pequena contribuição para concorrer á obra philanthropica que a Assistencia se propõe?

Bem pouco é, pois, o que se pede ao esforço e á iniciativa pessoaes. Com um impulso de boa vontade, entretanto, muito se poderá conseguir, accelerando a organização dos soccorros, que urge começar a distribuir, mas que tão cedo não serão uma realidade, a continuar a lentidão com que vão affluindo os elementos de que carece a Assistencia para esse fim, e de que hoje, na secção propria, damos, e continuaremos a dar, contas aos leitores. Releva ponderar que a commissão eleita para a dirigir se acha actualmente desfalcada, pela renuncia de dois dos seus membros, cuja substituição, todavia, se fará na proxima assembléa geral, convocada para tal fim e para preencher o cargo de vice-presidente, vago pela desincarnação do nosso excellente companheiro Dr. Maia de Lacerda.

Essa providencia, porem, não basta, só por si, para imprimir á Assistencia o impulso e a vitalidade de que carece e que só lhe pode advir, principalmente, do concurso dos nossos consocios e dos spiritas em geral. A todos, pois, nos dirigimos invocando o seu auxilio, no appello que, pelos desventurados, tivemos em vista formular aqui, fazendo votos por que, n'esta mesma columna, possamos em breve prazo registrar, com o seu pressuroso acolhimento, os beneficos resultados d'essa cruzada que tantas bençãos attrahirá sobre elles, como sobre a generosa causa que personificam.

NOTICIAS

Federação Spirita Brazileira

E' com verdadeira satisfação que tornamos publico haver a nossa sociedade preenchido devidamente as exigencias da lei n. 173 de 10 de setembro de 1893, que rege as associações da sua natureza e outras, graças ao que é agora a Federação uma entidade juridica, com capacidade para exercer todos os direitos que lhe assegura a nossa legislação. Para isso fizemos a necessaria inscripção no registro geral de hypothecas, satisfeitas todas as formalidades legaes, conforme o exemplar dos estatutos que guardamos em archivo, convenientemente rubricado e com os devidos termos, cujo theor é o seguinte:

«N. 5.938—Pagina 235, verso, do Protocollo n. 1 B. Apresentado no dia 22 de maio de 1902, das 12 ás 6. — Subscrevo e assigno—O official, Paulo José Pereira de Almeida Torres.»

E logo em seguida:

«Registrado no livro 9º da Inscripção de associações religiosas e outras, de que trata o Dec. n. 173 de 10 de setembro de 1893, sob o numero de ordem 65, á pagina 33, verso.—Subscrevo e assigno.—Rio de Janeiro, 22 de maio de 1902. — O official, Paulo José Pereira de Almeida Torres.»

Congratulamo-nos com os nossos consocios por esse auspicioso facto, que nos vai permittir uma acção mais desassombrada na propaganda spirita, a cujo exercicio, de ora em diante, nenhuma perturbação nos pode ser opposta por quem quer que seja.

E isso é apenas o inicio da serie de medidas que se impõem á Federação, para bem preencher todos os sagrados encargos que assumiu perante Jesus e em relação á sua santa doutrina.

O *Constancia*, de Buenos-Aires, transcreveu da *Revue Spirite*, de Paris, duas cartas dirigidas a Mme. Leymarie, pelos spiritas de um centro constituido em Constantinopla.

Uma d'ellas, entre outras coisas, diz o seguinte:

«Ignoramos, e ser-nos-hia agradadavel saber, se em vossas conversações com os espiritos, tendes obtido communicações de algum musulmano.

O islamismo precisa ser estudado. A religião musulmana, que estende o seu imperio sobre mais de...... 300.000.000 de almas, desempenha um papel saliente na historia universal, quer pelos seus prodigios, quer pela sua grandeza.

Por consequencia, ousamos recommendar-vos vivamente que tomeis a iniciativa de evocar, o mais breve possivel, o espirito puro e sublime do maior dos philosophos arabes da Idade Media, cuja influencia susteve em commoção durante a sua vida a todo o povo islamita. Esse philosopho foi o grande Mucchenddini-Arabi, condemnado á morte e executado, na flôr da juventude e da grandeza, por causa das suas doutrinas philosophicas elevadissimas.

Ficar-vos-hiamos muito reconhecidos se publicasseis em vossa revista o resultado que obtivesseis, assim como a presente carta.

Por nossa parte desejamos de todo o coração chegar a uma convicção completa, e quando a obtivermos, promettemos fazer propagar as maravilhas do spiritismo em todo o Oriente, e ainda até os confins da Persia e da Arabia».

A *Revue* solicita de todos os mediuns que evoquem o espirito de Mucchenddin-i-Arabi, e lhe transmittam as communicações que obtiverem, afim de as fazer chegar aos interessados, pedido que, por nossa vez, transmittimos a quantos dos nossos leitores julguem poder satisfazel-o.

Dr. Maia de Lacerda

Com a simplicidade propria das verdadeiras manifestações do coração effectuou-se, na noite de 13 de junho preterito, a sessão commemorativa da desincarnação do querido companheiro, cujo nome inscrevemos ao alto.

O presidente da Federação, justificando os motivos da solemnidade, examinou a largos traços a obra d'aquelle intrepido operario da Nova Revelação, cujos exemplos de resignação, de tolerancia e caridade evangelica poz em relevo, exhortando os spiritas a imital-o e a perseverar n'esta cruzada do bem, em que, se somos provados nas tentações do mal e nos soffrimentos de toda ordem, teremos, em compensação, resistindo áquellas e nos submettendo a estes, a certeza de ganhar o nosso dia, pela redempção do passado e pelo preparo de um futuro melhor.

O facto capital da vida do nosso companheiro—a sua desincarnação, occorrida nas circumstancias que já os leitores conhecem, pela descripção que d'ella fizemos na ultima edição — foi tambem assignalado como um alto ensino, digno de ser imitado pelos spiritas, e para isso — lembrou o referido collega — não é necessario senão que como taes saibam elles viver, realizando a mais fecunda e salutar das propagandas — a do exemplo.

Usaram ainda da palavra os nossos companheiros Pedro Richard e Ignacio Bittencourt, inspirados nos mesmos carinhosos sentimentos, que foram acolhidos pela assembléa com a mais significativa sympathia.

Mencionemos, finalmente, que as duas irmãs do querido libertado, bem como a viuva do nosso inolvidavel chefe Dr. Bezerra de Menezes estiveram presentes á solemnidade, que foi numerosamente concorrida, e que teve por coroamento uma tocante prece, em que todos aquelles corações se fusionaram em um unico sentimento, largo, enternecedor e profundo — o amor.

ASSOCIAÇÕES

Sob a denominação «Grupo Spirita União e Caridade», fundou-se no dia 4 de abril preterito, na villa Castanhal, no Estado do Pará, uma associação spirita, destinada ao estudo da nossa doutrina e á experimentação dos seus phenomenos.

Essa communicação, que nos foi transmittida pelo digno secretario, nosso prestimoso confrade Pompilio Jucá, nos produziu o justo alvoroço que sempre desperta nos corações spiritas a repetição d'esse auspicioso facto, que bem traduz o incremento que por toda parte vai adquirindo a consoladora doutrina, sob cuja bandeira docemente fraternizamos.

Recebam os nossos irmãos do extremo norte o testemunho congratulatorio que d'aqui lhes dirigimos, com os mais sinceros votos por que as bençãos do céo dignifiquem e fecundem os seus generosos esforços, pelo engrandecimento da novel instituição.

La Buena Nueva, o sympathico orgão do Centro privado «La Perseverancia», de Sancti-Spiritus (Cuba), que tão denodadamente se tem batido pela victoria dos nossos ideaes communs, volve agora á liça, iniciando uma terceira epoca, em que é licito esperar o mesmo intrepido brilho que assignalou as duas anteriores, de incontestavel proveito para a propaganda.

São esses, pelo menos, os votos cordiaes que d'aqui lhe enviamos, com as saudações de boas vindas pelo seu auspicioso reapparecimento.

FACTOS

Aviso espiritual

O nosso confrade Eduardo Magnin, de Barbacena, nos transmittiu a seguinte narrativa, que lhe foi enviada pelo confrade que a subscreve, e á qual damos, com todo o prazer, agazalho n'estas columnas, aproveitando o ensejo para, ainda uma vez, lembrar aos nossos leitores que com igual prazer inseriremos n'esta secção todas as narrativas de factos, devidamente authenticados, que nos forem endereçadas, convenientemente redigidas:

« Ha cerca de um mez — escreve o narrador, em data de 21 de maio — viu minha esposa entrar pela porta da sala em que se achava, ás 11 horas do dia, um vulto que não poude reconhecer e cuja presença, naturalmente, a assustou. Contou-me o facto, mas eu duvidei da sua veracidade, attribuindo-o á illusão.

Oito dias depois, á noite, estando deitada, mas desperta, sentiu nas costas a pressão de duas mãos, e, levantando-se sobresaltada, avisou-me do occorrido, que eu ainda puz em duvida. Ao fim de alguns dias mais, levanta-se da cama, chorando, e, inquirida por mim do que acontecera, respondeu-me que, á noite, havia escutado sete pancadas significativas, accrescentando que algum desastre havia occorrido em sua familia, e que alguem decerto fallecera.

Senti-me d'essa vez impressionado, mas, para a tranquillizar, affirmei-lhe que fôra eu o autor do ruido, insistindo ella que não, e que isso era um aviso.

Hoje finalmente tivemos a explicação do caso, em uma carta que acabo de receber de meu irmão, na Italia, e na qual me participa elle a desincarnação de meu pae, á hora em que minha esposa teve a primeira visão.

Ainda sob a impressão d'esse doloroso golpe, escrevo-lhe para lhe pedir»... (o que segue é de interesse privado, dirigido ao mencionado confrade destinatario, Ed. Magnin).— *Gabriel Galante*.

——

Recebemos, ainda, do venerando confrade, que a firma, a seguinte narrativa de

Apparição espontanea

Illᵐᵒ. Confrade director do *Reformador*:

Levo ao vosso conhecimento um facto interessantissimo e, ao mesmo tempo, extraordinario, que se deu commigo, em a rua de S. Pedro, entre a dos Ourives e Uruguayana, em pleno dia, a 1 hora da tarde.

O nosso confrade José Frederico de Freitas Junior, que usava do pseudonymo «Frederico Jofrei,» foi, ha alguns annos, guarda-livros da firma Guimarães, Castro & Rocha, da qual eu era socio gerente, á rua do Rosario n. 68, e, alguns mezes depois, teve de abandonar aquelle cargo, por se sentir sob o dominio tenaz de uma forte obsessão, da qual nunca mais se poude libertar. Assim, n'esse estado, falei com elle muitas vezes, até que desde o mez de junho de 1900 o perdi de vista.

A 10 de fevereiro do corrente anno encontrei-me casualmente (?) com o nosso bom confrade e amigo, Sr. Alfredo Pereira, e lhe fiz sentir quanto me penalizava a falta de recebimento do *Reformador*, desde que me retirara d'esta capital para a fazenda de Santa Thereza, em Irajá, promettendo-me aquelle amigo que dentro de tres dias me enviaria os numeros d'aquelle jornal.

No dia seguinte, 11 de fevereiro, subia, como já disse, a rua de S. Pedro, quando, a certa distancia avistei o confrade Freitas, que vinha em sentido opposto, mas pelo mesmo passeio, caminhando, como nos ultimos tempos, distrahido, alheio a tudo que o cercava, e por esse motivo não me viu, apezar de eu ter parado para o abraçar; e quando me enfrentava, roçou por mim de leve, no momento em que eu, levando a mão ao seu hombro, lhe disse:

— Por onde tem andado, amigo Freitas?

Elle me olhou com indizivel expressão de tristeza, balbuciou algumas phrases que não pude perceber e fez um accionado bem expressivo de quem vai com grande pressa, e seguiu, ficando eu attonito ainda alguns momentos parado, observando seus movimentos, e sentindo dolorosa impressão, por encontral-o assim tão perturbado, até que voltou a esquina da rua dos Ourives.

Dois dias depois, recebendo os numeros do *Reformador*, e tomando o de 1 de janeiro de 1901, deparo com a noticia de que Frederico Jofrei, ou antes, José Frederico de Freitas Junior, havia desincarnado no dia 17 de dezembro de 1900!!

E' este, pois, um caso de materialização espontanea, muito semelhante ao que se passou com monsenhor Monte, perfeitamente individualizado, desenvolvido e manifestado sem auxilio de medium, o que é muito raro.

Parece-me, pois, interessante e digno de estudo.— Sou, etc., confrade e servo — *Agostinho Adolpho de Souza Guimarães*.

COMMUNICAÇÕES

Instrucções espirituaes

(*Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*)

A VIDA INVISIVEL

(*Continuação*)

Os espiritos infelizes e arrependidos, que todos os dias se communicam pelos mediuns, vos têm podido dar uma pallida idéa dos soffrimentos que supportam; esses, porem, já se acham no bom caminho. Acolhei-os com bondade e com a maior benevolencia. Elles são quasi sempre trazidos pelos vossos guias, com o fim de vos servirem de instrucção e para que lhes façais o bem. Muito, com effeito, lhes podeis fazer, induzindo-os a orar e a se compenetrar da sua situação.

Assim nos auxiliais na nossa tarefa; porque certos espiritos, ainda não de todo desprendidos, mas que começam a comprehender o seu estado, dão ás vezes mais credito ás palavras amigas que lhes vêm da terra, que aos conselhos que lhes podemos prodigalizar.

Eis ahi tudo quanto vos podemos dizer sobre o estado em que se encontram os espiritos atrazados, viciosos, fracos ou ignorantes, que durante toda a sua vida se deixaram ficar absorvidos nos gozos e nas preoccupações materiaes.

•

Para a alma que, ao contrario, *possue o conhecimento*, que *sabe que a morte não existe*, não ha surpreza, nem perturbação, nem receio, no momento em que se separa do corpo.

Sente-se fraca, ainda fatigada das suas luctas e soffrimentos, mas é tudo: e aguarda com paciencia que os seus olhos se possam abrir, porque está certa de ver a verdadeira luz, que a vai fazer rejubilar e tudo lhe esclarecer em torno.

Não duvida um só momento: sabe que a vida que vai começar não é nova,— é a que um instante havia abandonado, para a retomar, depois de cumprida a prova ou expiação. E' a hora do abençoado repouso.

•

A alma libertada se retempera n'esta vida, afim de readquirir forças para novos combates. Sabe de onde vem, onde está, para onde vai, e muitas vezes a visão do futuro se lhe entreabre.

Nenhuma decepção, nenhum temor a confrange; e, como a creança, fatigada dos deveres da classe, adormece nos braços de sua mãe, assim a alma pousa e se expande no mundo

em que nos achamos, quando este mundo d'ante-mão *lhe é conhecido*.

•

Cada um de nós, ao demais,— já o dissemos — corre, com os velhos amigos da terra, ao encontro das almas prestes a volver ao nosso meio, e facilita o seu desprendimento.— Cessai, por conseguinte, *vós que sabeis*, de ter apprehensões pelo isolamento ou pelos perigos d'essa peregrinação;— ella não é temerosa senão para os que se não souberam blindar de uma triplice couraça, pela elevação de sua vida terminada, e rodear de solicitos vigilantes, pela sympathia que souberam attrahir.

Desgraçado do mau! Desgraçado do que quiz ficar isolado!

•

Mas quando o espirito soube bem viver e *supportar o seu merecido fardo*, não deve ter senão a satisfação do dever cumprido.

Em consequencia de uma lei, que vos não poderiamos explicar, elle não assiste á continuação do drama em que poude, na terra, desempenhar o seu papel.— Um véo é lançado sobre isso; e é de toda a justiça.— Porque, se assim não fosse, a erraticidade seria um inferno para todas as almas, que veriam com uma dôr pungente os soffrimentos causados pela sua partida:— e ha almas que *já não devem soffrer*.

•

Não tenteis erguer esse véo benefico, que momentaneamente lhe envolve o pensamento; não as attraiais á terra: *deixai-as repousar*. Contende, mesmo, as lagrimas; reprimi o desespero que, quando vivamente accentuado, pode lançar a perturbação n'esses entes amados e os fazer soffrer.— Vêde o que succede ás creanças que chamais, a chorar: ellas choram comvosco.

Sêde, por conseguinte, calmos e fortes:— e que as vossas preces resignadas não sejam senão actos de amor e votos de felicidade.— Esses effluvios affectuosos irão directamente ao seio dos que deplorais, e os envolverão n'um orvalho bemfazejo. E o seu somno reparador será acalentado por sonhos repassados de suaves visões e felizes reminiscencias.

•

Porque esse desespero, quando parte um dos vossos?— Porque essa tristeza tão grande, vendo partir as primeiras andorinhas, em demanda do sol? Não estais certos de em breve as ver novamente reunidas?— Não estais certos de os encontrar de novo na nossa verdadeira patria?

Que ha, pois, de tão atrozmente acabrunhador, n'essa curta separação, para a alma profundamente convencida?

•

Muitas vezes— é certo— o soffrimento physico acompanha, no vosso mundo, o momento da partida, e esses soffrimentos do ser amado constituem para vós uma causa de grande dôr:— o corpo estremece, a materia se revolta e se reveste de toda a sua energia para luctar contra a destruição.

Não vos preoccupeis demasiado com essa lucta: o espirito, na maior parte do tempo, não sente absolutamente essas derradeiras convulsões da materia, de que está quasi inteiramente separado.

Essa separação se opera no meio de uma especie de anniquilamento do ser, dando logar a que o soffrimento da agonia seja nullo, sobretudo para os que estão preparados.

•

Muito pode, effectivamente, a alma, no sentido de tornar esse combate menos longo e penoso.

— Se todos os dias, por um momento, se habitua ella a encarar esse momento supremo; se se recolhe, como se houvesse elle chegado; se se procura apparelhar, por assim dizer, para essa partida, chegada a hora, não se sentirá perturbada; e se a enfermidade parece obscurecer-lhe a lucidez, o seu derradeiro suspiro será isento de angustia.

•

Reflecti detidamente no que vos dizemos: e quando o houverdes bem comprehendido, quando fôrdes capazes de presentir os esplendores de alem-tumulo, os vossos pobres olhos já se não empanarão de lagrimas tão amargas ante os lividos despojos dos que amastes.

— Haveis de pensar n'elles, em piedoso recolhimento, sem egoismo e sem inveja, dizendo comvosco que elles terminaram sua tarefa, que desfructam a verdadeira vida, e que *os tornareis a encontrar*, porque a elles vos prende um laço indissoluvel.

•

N'esse instante solemne, em que a alma começa uma nova vida, a mais completa calma lhe é necessaria. Não o esqueçais.

Sopitai, por conseguinte, o mais possivel a vossa dôr; e que o embate dos vossos pensamentos, em excesso contristados, a não vá dolorosamente despertar no meio do somno benefico que lhe é concedido.

E quando se der o despertar, o ser amado voltará feliz para ao pé de vós, e se associará aos outros amigos do espaço, para vos envolver em seus fluidos bons e vos auxiliar, mediante os seus conselhos, a transpôr sem demasiados tropeços as derradeiras estancias da vossa jornada.

COLLABORAÇÃO

O Spiritismo a seu tempo

Tal qual como os christãos nos ominosos tempos do paganismo romano, os spiritas são hoje, observadas as restricções de tempo e de meio, as conquistas liberaes da civilização, calumniados, perseguidos, mal vistos mesmo por uma grande parte da sociedade que, por ignorancia ou por má fé — não importa — os julga visionarios e herejes.

Outros não eram os argumentos postos na boca de *Hierocles* pelo piedoso cantor dos *Martyres*, diante do Senado romano, quando pretendia arrancar de *Valerius Augustus* um edito de perseguição contra os sectarios da nova doutrina.

«Un culte né dans les derniers rangs du peuple, propagé par des esclaves, caché d'abord en des lieux déserts, s'est chargé peu a peu des abominations que les secrets et les mœurs basses et féroces doivent naturellement engendrer: aussi la cruauté et l'infamie font-elles la partie principale de ces mystères.»

(Chateaubriand — *Les Martyres*, pag. -48).

Em que pese á fragilidade da razão humana, os que se pretendem o governo das sociedades, ao tempo em que vivem, julgam, consciente ou inconscientemente, possuir, elles só, a noção exacta da verdade.

Se para a ordem physica a lucta é a vida, para a ordem moral o mesmo phenomeno se verifica, sejam quaes fôrem suas especulações, com a firmeza de um postulado.

Eis como, em toda parte e em todos os tempos, as conquistas mais sublimes da humanidade encontram obices temerosos, attritos violentos que, parecendo atrophial-as e as aniquilar, são, no emtanto, os instrumentos do seu triumpho, o cadinho em que se retemperam para surgirem tonificadas e imponentes.

N'este particular, pode-se affirmar até que a reacção é maior que a acção.

Mas ainda bem que os homens passam, seu ephemero dominio modifica-se ao influxo benefico do tempo e as idéas ficam, proliferam, se generalizam n'uma concatenação sabia e perfeita, de modo a attingirem seu unico fim — o progresso e a perfeição infinita.

Se a Theogonia nos retrata a civilização dos povos antigos, por ella deduzimos que a idéa de Deus, innata no homem, correspondeu sempre ao seu estado de cultura, fluindo e refluindo sob multiplos aspectos para a unidade de concepção, até desabrochar n'esse fecundo rebento do Christianismo.

A' primeira vista afigura-se que a Revelação Christã se fez quando menos poderia adaptar-se e influir nos destinos da humanidade.

Nunca o mundo apresentara modalidades mais grosseiras, jamais o homem tanto se materializara.

E, comtudo, a sciencia e a philosophia tinham alcançado o maximo esplendor relativo, ao ponto de se denominar, pelos idolatras, esse seculo o *seculo de ouro*... Hoje, decorridos que são, sobre esse, dezenove seculos outros de luctas, a sublime doutrina do *Enviado* fraccionou-se, perdeu seu caracter essencialmente divino e, pelos enxertos humanos n'ella introduzidos clandestinamente, adstrictos sempre aos interesses e prejuizos materiaes, que não espirituaes, não corresponde ás necessidades da epoca.

A sciencia, a industria e as artes parece terem attingido o zenith de grandeza, o que faz com que chamemos o passado seculo — o das luzes.

Mas perguntamos:— bastará ao homem a civilização material?

Cremos que não: e a prova é que, a despeito da autoridade que reveste a sciencia, do conforto, do bem-estar que as artes e as industrias têm desenvolvido, a duvida continúa a esvurmar os espiritos, e a sciencia, por mais profunda, e a religião, por mais pomposa, são impotentes para conter a onda de corrupção que invade as consciencias, arrastando homens e povos na orgia das luctas, sem bussola, entregues ao imperio das paixões, sem outro arbitrio que não o da vontade e da força.

E é n'esta situação que surge o Spiritismo, cumprindo-se a promessa do Divino Jesus, ampliando os dominios da sciencia, dilatando, pela prova tangivel das relações do visivel com o *invisivel*, novos horisontes á Razão,

FOLHETIM (27)

A PEROLA NEGRA

POR

MAX

XIX

(*Continuação*)

— Eis o que se chama: cahir a sopa no mel, pensou o rapaz, lançando á sua amada um olhar que significava: temos mouro na costa.

José Gomes, interrompido pela chegada da querida moça, cahiu em si, e vendo Jacob na sala, perguntou-lhe amavelmente:

— Que queres tu?

A pergunta revelou ao negro a inconveniencia de não ter logo sahido; mas, do pé para a mão, arranjou uma escapatoria, que era ao mesmo tempo um meio de inteirar a Honorina do que havia, e do que era preciso fazer.

— O Raphael me disse que vosmecê me queria falar, e, vindo aqui, soube que vai partir de madrugada e me quer levar comsigo, em logar de seu pagem, que não vai, sem duvida por ter o que fazer em sua ausencia. Recebi sua ordem de aprompter os cavallos e esperava sómente que me dissesse qual quer para a sua sella

— Ah! Já nem me lembrava. Tens razão, eu parto de madrugada, mas não te mandei chamar.

— Pois o Raphael me chamou de sua parte, respondeu, lançando um olhar significativo á Honorina.

— Sim, eu disse que chamasse um, mas não que te fosse chamar a ti. Provavelmente foste o primeiro que encontrou.

— E porque não vai elle? perguntou Honorina.

— Porque pediu dispensa, em razão de estar com um tumor na nadega.

Jacob penetrou no fundo do plano do malvado e communicou, pelo olhar, todo o seu pensamento á Honorina.

Esta percebeu todo o pensamento do rapaz, e com um ligeiro sorriso, deu-lhe a conhecer que não precisava pôr mais na carta.

— Pois eu lhe peço, disse a José Gomes, que dispense tambem a Jacob, que tem em mão um trabalho meu, que não pode ser interrompido.

— Mas eu não chamei Jacob.

— Tanto melhor, porque não lhe causa desarranjo deixal-o; mas quer satisfazer um capricho meu?

— Como! tu tambem tens caprichos?

— Qual é a mulher que os não tem? E não é por um dos meus que o senhor vai dar-se o incommodo d'essa viagem?

— Não, isso não é capricho, é cumprimento de dever, porque a palavra empenhada obriga mais que uma escriptura, salvo para essas almas corrompidas, embora envernizadas para o publico, que não respeitam nem as escripturas.

— Pois bem, se isso não é capricho, o que lhe vou pedir não pode ter outra qualificação, e ser-lhe-ha pesado.

— Dize-me então de que se trata, que estou tremendo de medo, por tantas formalidades.

— O Sr. vai a fazenda com Jacob, mas devolve-o, desde que tenha passado a tranqueira.

— Realmente isso é capricho; e confesso que não lhe comprehendo o alcance.

— E' que o Sr. não sabe que os caprichos das mulheres são impenetraveis como os mysterios.

— Bem. Respeito o mysterio do teu capricho, mas pergunto-te: quem me acompanha n'esta viagem?

— Eis ahi porque lhe preveni logo que o meu capricho ser-lhe-hia pesado.

— E', então, imprescindivel que eu saia com Jacob, em vez de dispensal-o e de tomar outro, que me acompanhe?

— E' esse o ponto capital da questão.

José Gomes riu com gosto do tal ponto capital, e disse, como quem monologa: grande questão ha de ser esta!

— Estou servida?

— Bem sabes que nunca te recusarei senão o que te possa causar damno.

— Obrigada, disse a moça com os olhos humedecidos.

Seria edificante saberem todos os senhores de escravos como um rustico, nascido e creado nos invios sertões de uma remota provincia, tratava com amor paternal uma negra escrava!

Tambem, seria talvez motivo de escandalo, para esses senhores, dizer-se-lhes que o negro não seria o animal degradado, que conhecemos, se elles, aproveitando-lhe embora o suor, lhe dessem, em compensação, um pouco de luz, pelo ensino e pela educação.

Honorina, que parecerá a muitos uma creação imaginaria, mas que, em todo o caso, não sai dos limites do possivel, o que seria, se em vez da Nhásinha, que lhe ensinou tudo o que sabia, que lhe plantou no coração a semente de tudo o que tinha de bom no seu, fosse creada, como o geral dos negros, na senzala, no meio de todos os vicios imaginaveis, na lama da mais desbragada corrupção?!

Seria, como as outras, uma rapariguinha perdida, sem pudor, e applicando para o mal, quasi se pode dizer, innocentemente, todas as forças que nos são dadas para o bem.

Como deve ser tremenda a responsabilidade daquelles que, podendo erguer, abatem seus semelhantes!

Jacob sahiu da sala, nadando em jubilo, como tinha estado, alli, mergulhado em tantas apprehensões.

O plano era magistral!

Não podia elle entrar nas conferencias, para conhecer o que n'ellas tivessem de resolver seus parceiros, porem tinha a vantagem de surprehendel-os na execução.

Suppunha que ninguem o suspeitava, porem era melhor que ninguem contasse com elle.

O que iriam fazer, já sabia elle perfeitamente: assassinar a senhora, e forçar Honorina.

Para que, pois, servia entrar nos conluios?

Sahiu satisfeitissimo, e foi alardeando pelo meio dos companheiros o prazer que lhe dera o senhor de leval-o para uma viagem de recreio.

— Que tempo vai levar por lá o senhor? perguntou-lhe, simulando indifferença, o moleque Raphael.

— Ouvi elle dizer que não estará de volta antes de oito dias.

*

Quando os pretos se deitaram, que a senzala era em trevas, uma das creoulas, que sempre se mostrou affectuosa para com Jacob, chegou-se mansamente ao couro em que dormia o rapaz, e disse-lhe alguma coisa que o fez tremer.

Ninguem ouviu aquella revelação, nem tão pouco o que ajustaram os dois.

O que é certo, é que Jacob não dormiu, e que de manhã ficou contrariado por não ver Honorina.

(*A seguir*)

proporcionando em summa uma idéa de Deus e da creatura, ella propria, mais consentanea, mais compativel com as conquistas realizadas.

E essa doutrina ganha terreno dia a dia, pela adhesão de homens eminentes, que cedem á *evidencia do facto* os preconceitos de todos os tempos; ainda assim, em ser extensa e empolgante a sua acção, mais avulta a reacção, auxiliada pelo apego ás tradições, pelo interesse pecuniario de classes, por toda uma propaganda que tem por melhores elementos de combate a timidez de uns, o indifferentismo de outros, a ignorancia preconcebida e systematica de quasi todos, sobre a natureza e a evolução do Spiritismo em todo o mundo, nos paizes mais adiantados

Esse ambiente de temores, de prevenções, de rancor mesmo, que se antolha ao Spiritismo e seus proselytos é o pedestal em que se ha de firmar sua grandeza ante as vindouras gerações.

Ninguem pode fugir ás leis providenciaes do progresso: — as religiões padecem essa influencia, e por isso que são indispensaveis, acompanham *pari-passu* os vôos da intelligencia, á proporção que se lhes desvendam novos horizontes, sem estacionarem jamais, porque o estacionamento é a morte.

O Spiritismo alcança com vantagem todos os magnos problemas da razão, da philosophia, da sciencia humanas; elle os explica mesmo pela revelação, sem contradizer principios estabelecidos e, confirmando o Christianismo, facilita ao homem o seu aperfeiçoamento intellectual e moral, consciente de seus destinos e fazendo de Deus uma idéa sublime, infinita, como sua obra.

Lamentemos, pois, a guerra que nos movem, procuremos defender nos da pecha de visionarios, explicando e propagando a doutrina da regeneração social e das Verdades Divinas, mas de modo algum forcemos a ordem natural das coisas, porque tudo vem a seu tempo, e o que hoje se afigura utopia a muitos, será amanhã, naturalmente — a verdade acceita, a verdade incontestavel.

Vassouras, junho de 1902.

M. QUINTÃO.

J. B. ROUSTAING

OS QUATRO EVANGELHOS

Explicados em espirito e verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apostolos.

Evangelhos segundo Matheus, Marcos e Lucas

REUNIDOS E POSTOS EM CONCORDANCIA

«E' o *espirito que vivifica*; a carne de nada serve: as palavras que vos digo são *espirito e vida*.»

João, VI, v. 64).

«*A lettra* mata, e o *espirito* vivifica.»

Paulo, 2ª epistola aos Corinthios, c. III v. 6

MATHEUS,—VI.—vv. 1—4

Humildade, desinteresse e segredo na pratica das boas obras.

V 1. Tende bem cuidado em não praticar as vossas boas obras diante dos homens, afim de serdes vistos por elles; d'outro modo não tereis recompensa diante de vosso Pae que está nos céos:—2, quando, pois, derdes a esmola, não façais soar a trombeta diante de vós, como fazem os hypocritas, nas synagogas e nas praças publicas, para serem honrados pelos homens; em verdade, vol-o-digo: receberam a sua recompensa;—3, mas, quando derdes a esmola, que a vossa mão esquerda não saiba o que faz a mão direita,—4, afim de que a vossa esmola, fique no segredo; e vosso Pae, que vê o que se passa no segredo, vol-a restituirá.

N. 90. «Estas palavras de Jesus não precisam de explicação; porque todos as deveis comprehender.

«Obrai o bem, em vista de o praticar e não de recolherdes elogios humanos: não procureis mesmo o proveito espiritual que d'ahi podereis recolher; esforçai-vos por seguir as pegadas de Jesus; porque elle nada tinha que ganhar, dedicando-se pelos homens; foi bom e caridoso até aos extremos limites, e isso em vista de ser util e bom para homens que o mereciam tão pouco!»

«Agi sempre assim: evitai os elogios humanos; *na maior parte*, trazem *um veneno subtil que*, CEDO OU TARDE, *produz os seus estragos no coração que os recebeu com prazer*.»

«Agi, SÓMENTE, de modo a terdes os elogios da vossa consciencia: e quando ella vos disser, no fundo do vosso coração, «está bem», ide, com alegria, agradecer a vosso Pae celeste o ter-vos concedido os meios de obter o seu assentimento: — quanto á recompensa, aguardai-a do seu amor; os espiritos bemaventurados vos dirão o que ella é.»

«*Em todas as coisas*, que a vossa mão esquerda não saiba o que faz a mão direita, — isto é, praticai, *no segredo*, a caridade *material*, como a caridade *moral*, com toda a penetração da intelligencia e todas as delicadezas do coração, que têm unicamente por movel o *desinteresse*, *a sinceridade*, *a humildade*, a *dedicação* e o *amor*.»

«*Segundo o espirito*, no pensamento de Jesus, esta palavra «esmola», que, entre vós, tem um sentido que deprime e humilha, significa caridade *material* e caridade *moral*.»

«O spiritismo, pela revelação nova, a *revelação da revelação*, terceira e ultima eclosão da bondade de Deus entre os homens, é a luz que deve esclarecer a vossa marcha, fazer ver os cegos: —não repillais essa luz:—submettendo-vos, *de todo o coração*, á pratica dos ensinamentos que essa nova revelação vos traz, pelos espiritos do Senhor, que vos vêm explicar e fazer comprehender as palavras evangelicas de Jesus, inspirar-vos a sua pratica *sincera, esclarecida e completa*, chegareis ao alvo que vos é indicado; o caminho será longo, tortuoso, cheio de escolhos e de difficuldades; mas o logar de chegada é cheio de delicias e de claridade.»

(*A seguir*)

A AURA VITAL

(*Constancia, de* Buenos-Aires)

I

Que é a aura vital?

Não poderiamos responder categoricamente a semelhante pergunta, mas faremos quanto estiver ao nosso alcance para fazer comprehender o que se entende por *aura humana, duplo, corpo astral, perispirito*, denominações estas que designam uma mesma coisa. Tambem não pretendemos fazer historia sobre este particular, pois muito já tem sido escripto por homens de grande talento e com abundantissimos e preciosos dados.

As investigações mais recentes, feitas para comprovar e demonstrar a existencia da aura vital, se realizaram com um sem numero de precauções minuciosas, e por homens de tão elevada capacidade, que os resultados obtidos não deixam logar á menor duvida. Que ponto de partida tiveram esses sabios para semelhantes investigações?

Sem duvida o da introducção do occultismo oriental na Europa.

Os occultistas sabiam e sabem estas coisas, mas o obscurantismo oppunha uma barreira, difficil de ser franqueada, ás investigações de qualquer phenomeno relativo ao psychico.

Felizmente o progresso se impõe, e uma multidão de investigadores lançou-se á brecha, affrontando valentemente o ridiculo em que pretendem envolvel-os a ignorancia e a falsa sciencia. Entre esses sabios, aos quaes podemos chamar «rebuscadores de auras», merecem especial menção Reichenbach, de Rochas, Baraduc, Richet, Bosc, Dupuy e outros.

II

Em principios do seculo XVI, Paracelso, medico e philosopho, reconhecia a existencia e propriedades da aura humana. Chamava-a *Evestrum*. Admittia tambem o *trarasmes*, ou certo poder invisivel, que se manifesta no momento em que a percepção principia a desenvolver-se no homem.

«O *Evestrum*, diz elle, leva impresso em si mesmo os acontecimentos futuros e pode produzir apparições ou visões.

«O *trarasmes* produz uma exaltação dos sentidos.

«Sómente os sabios podem comprehender a natureza do *Evestrum* e do *trarasmes*. O primeiro age sobre o sentido da vista, e o segundo sobre o ouvido».

Quando nasce um homem, sempre segundo Paracelso, traz comsigo o seu *Evestrum*, e quando morre o individuo o *Evestrum* fica na atmosphera terrestre, unido sympathicamente á parte immortal do homem, constituindo assim o que chama a *alma dos mortos*, errantes no espaço. Fica n'esse estado até a completa desapparição ou transformação da materia animal que constituiu o corpo que animou.

Esta apreciação da aura vital humana, ainda que não identica, offerece muita semelhança com o que conhecemos hoje. Não pode isto causarnos estanheza, pois basta sómente lembrar que as investigações e estudos de Paracelso datam de quatrocentos annos.

A quem mais deve a sciencia com relação a estes estudos é ao Sr. Alberto de Rochas′, pelas suas recentes e prolongadas investigações sobre o corpo psychico ou astral. Do conjuncto de observações d'este e de outros muitos investigadores se comprovou plenamente a existencia do que chamamos *aura humana*. Felizmente não se lhe mudou o nome ao entrar no laboratorio dos sabios, como succedeu com o magnetismo, e se lhe conservou a mesma designação que lhe dão os occultistas.

III

A aura vital é uma especie de emanação fluidica, que se desprende constantemente do corpo e que, envolvendo-o completamente, irradia em torno d'elle. Essa irradiação, ou effluvio, estende-se de alguns centimetros a muitos metros.

Todos os seres vivos têm a sua aura, desde o homem até o ultimo vegetal; até agora, porem, os investigadores se têm dedicado quasi exclusivamente ao estudo da aura humana. Tem-se reconhecido n'ella seus distinctos movimentos, côr, densidade, forma, som, expressão, força. Essas qualidades variam ao infinito; assim como não ha dois homens iguaes, podemos assegurar que não ha duas auras iguaes.

Mais ainda, em um mesmo individuo, as qualidades da sua aura variam muito com as affecções da alma: o odio, a colera, o temor, a inveja, o amor, etc., desequilibram o modo de ser da aura normal e, conseguintemente, variam seus caracteres physicos.

O caracter mais ostensivo da aura humana é a sua côr. Seu *espectro*, ou escala de côres, é muito rico, tendo-se encontrado até o presente as seguintes: azul turqueza com reflexos dourados, azul turqueza puro, azul cobalto, verde esmeralda, pardo perola, pardo claro, pardo violeta, pardo escuro e escuro intenso.

Alguns experimentadores inglezes sustentam ter encontrado certas auras coloridas francamente de encarnado e amarello; julgamos, porem, que sejam excepções. Entretanto, quando o homem sente-se dominado por certas paixões, ou sob a influencia do alcool, sua aura emitte, de quando em quando, verdadeiros relampagos de luz encarnada ou alaranjada.

No homem moral, sadio de coração e de caracter doce, encontra-se invariavelmente a aura de côr azul turqueza. Se o adiantamento intellectual e moral do homem chega quasi á perfeição, então ver-se-ha a aura sempre azul turqueza, mas com reflexos dourados e alguma coisa assim como se existisse fluctuando n'ella um pó de ouro.

Esses homens verdadeiramente superiores, que têm uma grande faculdade de percepção, estão completamente livres de soffrer uma influencia ou vontade estranha, e, conseguintemente, immunes, como veremos mais adiante, de toda infecção, salvo casos especialissimos.

IV

Conforme já dissemos, a aura humana penetra, envolve o homem e estende-se-lhe em torno até um raio muito variavel. As partes mais intensas, ou os nucleos, d'esse effluvio encontram-se situadas nas visinhanças do cerebro e na região do coração, mas esses mesmos nucleos podem tambem variar ou mudar de logar, devido a alguma affecção moral, ou simplesmente pela vontade do homem, para projectar a sua aura em tal ou tal direcção. Em todos os magnetizadores têm sido vistas intensas camadas auricas nas extremidades dos dedos, quando operavam. Em outros homens, fortes e effluvios ou fulgores emanados dos olhos, ao procurarem alguma coisa na obscuridade.

R. DE NORDENFLICHT

(*A seguir*)

Livros Novos

Acabam de chegar os seguintes:

Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um medium, versão portugueza de João Lourenço de Souza.— Inquerito e commentarios do eminente sabio russo Alexander Aksakof sobre o phenomeno observado com o notavel medium Mistress d'Esperance, seguindo-se a ***Historia das Apparições*** de Katie King, conforme documentos inglezes, Obra illustrada com nove estampas.

1 vol. br 3$000, enc............ 4$000

—

M. SAGE—Mme Piper, versão franceza. Resenha de 16 sessões experimentaes organizadas pelos professores Hodgson e Hyslop, da Sociedade Anglo-Americana de Investigações Psychicas, servindo o celebre e extraordinario medium americano Mme. Piper que possuindo a dupla mediumnidade somnambula e psychographica, recebia simultaneamente duas communicações diversas.

«La médiumnité de Mme. Piper—diz o Sr. Sage — est l'une des plus parfaites qui se soient jamais présentées. En tous cas, cette médiumnité est certainement celle qui a été étudiée le plus longuement et le plus soigneusement par des hommes d'une haute compétence. Des membres de la Société Anglo-Américaine pour les Recherches psychiques ont étudié les phénomènes présentés par Mme. Piper pendant quinze années consécutives».

Recommenda-se esta obra ás pessoas que estudam as varias modalidades que offerece o phenomeno mediumnico.

1 vol. de 269 pag. enc.......... 5$000

—

Para expedição de livros para o interior exige-se a remessa adiantada do importe em vale ou carta registrada, além de mais 300 réis para porte e registro.

Os pedidos devem ser dirigidos a Antonio Lima, rua do Rosario n. 141. Rio de Janeiro

---

Typ. BESNARD Frères — 138 Rua do Hospicio

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL
Brazil. . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA
ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL
Estrangeiro . . . . 7$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a PEDRO RICHARD — Rua do Rosario n. 141, sobrado

Anno XX — Brazil — Rio de Janeiro — 1902 — Julho 15 — N. 162

Federação Spirita Brazileira

AVISO DA THESOURARIA

Aos consocios da capital e, especialmente, aos de fóra, avisamos que lhes é facultativo pagar suas mensalidades por trimestre, semestre ou maior prazo, adiantadamente, facilitando assim melhor as remessas de dinheiro.

ASSEMBLEA GERAL

De ordem do irmão presidente, convido todos os consocios a se constituirem em assembléa geral, após a sessão ordinaria, na proxima terça-feira 22 do corrente, afim de elegerem o vice-presidente, na vaga aberta pela desincarnação do nosso companheiro Dr. Maia de Lacerda, e bem assim procederem á escolha de novos membros para a commissão da Assistencia aos Necessitados, preenchendo as vagas existentes por motivo de renuncia.—*Albino G. Teixeira*, 1º secretario.

REFORMADOR

As assignaturas da nossa folha podem ser tomadas em qualquer dia, mas terminarão sempre em dezembro.

As pessoas que tomarem assignaturas durante o anno receberão os numeros anteriores, a contar de janeiro.

Assistencia aos Necessitados

Receita até 30 de junho :

DONATIVOS

Ernesto d'Almeida........................	6$300
Floriano do Espirito Santo.........	20$000
Rs........	26$300

CONTRIBUIÇÕES

Recebido de diversos............	93$500
Rs........	119$800
Quantia já publicada.............	387$000
Total Rs........	506$800

TRIUMPHOS E REVEZES

Iniciado ha apenas meio seculo, o movimento invasor do spiritismo, correndo, por assim dizer, de um ao outro extremo do planeta, tem desenvolvido uma rapidez assombrosa, como jamais lograra até aqui nenhuma idéa, nenhum systema philosophico ou scientifico, e que tão brilhantes adhesões e tão espontaneos enthusiasmos conseguisse despertar em seu favor. Seja que a facilidade de communicações, que, como um dos beneficios da civilização que desfructamos, tem por todas as formas estreitado as relações dos povos entre si, haja para isso poderosamente contribuido, — ou que o motivo d'essa rapida universalização da idéa spirita, proceda da opportunidade — e essa nos parece a verdadeira causa — com que ao Creador, em seus designios, aprouve fazer a abençoada revelação baixar á terra, o certo é que já hoje vai se tornando rara a opposição que, em seu começo, despertou, e por toda a parte a vemos prestigiada e acolhida, senão em sua parte doutrinaria, pelo menos no que respeita aos phenomenos que lhe deram nascimento, e que já ninguem se atreve a contestar.

Agora mesmo, segundo verão os leitores no nosso noticiario de hoje, um grupo de homens eminentes acaba de se destacar do seio das corporações scientificas da França e, a exemplo da Sociedade Dialectica de Londres, emprehende uma investigação imparcial e seria da phenomenologia spirita, lançando um appello em termos que o honram e que, na integra, alli reproduzimos, para edificação dos mais obstinados. Os resultados d'essa pesquiza, confiada áquellas verdadeiras notabilidades da sciencia franceza, não duvidamos de que serão identicos aos obtidos pelos seus emulos da adiantada Inglaterra, constituindo, entretanto, só esse facto de abandonarem esses sabios os seus labores favoritos e consagrarem o seu tempo ao estudo e observação das coisas do invisivel, até ha pouco desdenhosamente repellidas, sem exame, como superstições de cerebros enfermiços, um assignalado triumpho, sem contestação digno de registro. Oxalá levem elles a sua imparcialidade ao esperado extremo de confessar toda a verdade, cujos dictames a nenhuma conveniencia deverão ser sacrificados. E o seu final testemunho, em favor dos factos spiritas e da causa que os produz — isto é — o reconhecimento do mundo dos espiritos e da sua perpetua communhão com o nosso mundo, se por um lado trará á nossa doutrina um novo impulso, franqueando-lhe as altas espheras directoras do pensamento, com evidente beneficio para as demais classes que n'ellas têm os olhos fitos, por outro lado só lhes poderá prestigiar os proprios nomes, enriquecendo-os de uma aureola maior, pelo culto que assim terão sabido render á verdade, cujo amor, por sua parte, será assim decisivamente posto á prova.

Emquanto aguardamos esse testemunho, não percamos, todavia, o ensejo de registrar esse triumpho inicial, que para a nossa doutrina significa a deliberação dos sabios francezes, e que sobre elles vai por muito tempo attrahir a attenção do mundo.

•

Infelizmente, porem, nem tudo são triumphos n'esta campanha em que vemos empenhada a causa spirita. E' assim que, se do berço em que surgiu e sobre o mundo irradiou, volvemos os olhos sobre este humilde canto do planeta, onde tambem por toda a parte se erguem as tendas dos novos pegureiros, um espectaculo contristador nos vem ferir a alma.

Com a noticia da creação do grupo de sabios francezes, para estudo dos phenomenos spiritas, coincidiu, entre nós, e chegou simultaneamente ao conhecimento da Federação uma communicação desoladora. Brusco rompimento entre directores de um centro militante, domiciliado em importante cidade do interior, ameaça, a julgar pela narrativa que nos foi endereçada, fazer ruir por terra esse promettedor nucleo de propaganda, de que alli seria licito esperar os mais salutares beneficios. E é no desejo de contribuir, se possivel, para evitar esse desastre, que vimos offerecer o exiguo concurso da nossa palavra e da nossa desautorizada intervenção, dando-lhe este cunho de publicidade afim de aproveitar ao maior numero, uma vez que o facto, originario do conflicto, não é unico em seu genero, e prende-se a causas sobre as quaes nunca será demasiado solicitar a attenção dos nossos irmãos em crença.

Comecemos pela narrativa.

No intuito de curar de uma obsessão um moço frequentador do alludido centro, fazia-o comparecer ás sessões o director dos respectivos trabalhos e — o que é mais grave — deixava que por elle, como medium, se manifestasse o espirito obsessor. O resultado negativo, como é facil de prever, induziu por fim o referido director a lançar mão de um recurso, que seria irrisorio, se não fosse simplesmente deshumano. E' o caso que, na ultima sessão de que temos conhecimento, descoroçoado de induzir o perseguidor a abandonar a sua victima, intimou — a quem? ao proprio infeliz medium! — a ajoelhar-se, afim de ser «castigado corporalmente.» Originou-se d'essa estranha deliberação uma divergencia entre os directores do centro, que dias depois se reuniam, para dirimir a duvida suscitada.

Foi o ponto culminante da sizania, por isso que, descuidosos da necessidade de «orar e vigiar», para alli se dirigiram elles, arrebatados de paixão, não sabendo manter, na permuta de suas opiniões, os sentimentos de paz e de fraternidade que todos mutuamente nos devemos. Peor do que isso, os mais vulgares principios de urbanidade foram postergados, dando logar ao brusco rompimento a que alludimos mais atraz e que põe em serio risco a existencia da agremiação.

Esta simples narrativa põe em relevo o perigo, que tantas vezes temos assignalado, de se effectuarem as denominadas sessões praticas, sem o prévio conhecimento aprofundado da doutrina spirita. A essa indifferença dos nossos confrades pelo estudo das obras fundamentaes do nosso mestre se devem unicamente attribuir os desastres que, como o que fica referido, se estão constantemente a produzir nos circulos incautos. Não fosse essa inexperiencia, e não teriamos a registrar, no caso presente, o erro inicial e fundamental de se fazer um pobre obsedado servir de instrumento ao proprio obsessor. Que mais pode este desejar, effectivamente, que lhe serem proporcionadas todas as occasiões de, em contacto directo com a sua victima, n'ella cevar os seus sentimentos de odio, saturando-a de fluidos perniciosos e estabelecendo com ella a mais completa ligação?

E, no emtanto, para obviar todos os inconvenientes e afastar todos os perigos da mediumnidade, produziu o Mestre aquelle verdadeiro tratado, offereceu a todos os inexperientes aquella bussola segura que se chama *O livro dos mediuns*, denominando-o propriamente o «guia dos mediuns e dos evocadores,» os quaes, se se souberem inspirar nos salutares ensinos contidos n'aquellas paginas admiraveis, que reflectem todo o criterio, todo o clarividente bom senso de que se revelou dotado o sabio fundador da nossa doutrina, ficarão ao abrigo de todos os riscos que uma experimentação mal dirigida pode offerecer.

Trazendo ao nosso conhecimento os deploraveis factos que acabamos de narrar, pretenderam nos investir da espinhosissima missão de julgadores d'essa melindrosa causa. Que poderemos, porem, adiantar, ignorantes que tambem somos, aos luminosos ensinamentos que n'aquelle livro se contêm? Só nos cumpre, conseguintemente, recommendar a sua leitura, e nada mais.

Se, todavia, um outro conselho nos fosse permittido accrescentar a esse, pediriamos aos confrades em questão, em nome dos sentimentos de fraternidade que nos devem vincular, que renunciassem ás paixões que um momento consentiram se lhes desencadeassem n'alma, e invocassem o auxilio dos seus guias, afim de que estes, fazendo voltar-lhes ao espirito a reflexão e a calma, os harmonizassem novamente para a tarefa commum.

Porque não se serve uma causa tão santa com taes meios violentos. Se os que se propõem pregar a dou-

trina do amor e da humildade, põem os seus actos em desaccordo com taes preceitos, se, em vez da paz e da fraternidade, pontificam a desordem, se, em uma palavra, não testificam pelo exemplo a excellencia dos seus ideaes, como poderão ser acreditados? Será, porventura, dando o escandalo que edificaremos o mundo, que tem os olhos fitos sobre nós? Ou o que visamos, congregando os nossos esforços para a obra da propaganda, é o triumpho do nosso proprio orgulho? Desgraçado d'aquelle que assim pensasse, porque arrastaria, em seus desastres, a propria causa de que não soubera fazer-se digno paladino.

Não. Não será assim que honraremos a santa investidura que, por misericordia de Deus, nos attingiu. E' preciso que cada um faça sacrificio do seu resentimento pessoal e que, com o pensamento volvido para Jesus, procure servir a sua causa, que é a nossa propria doutrina, imitando-o nos seus altissimos exemplos, o que quer dizer, praticando o amor, o desinteresse, a abnegação, a tolerancia e a humildade, unicos caracteristicos por que se farão reconhecer os seus apostolos.

Só assim não infligiremos á nossa doutrina os verdadeiros revezes que a nossa insensatez lhe pode acarretar.

O Centenario de Allan Kardec

No numero das idéas que nos fossem suggeridas, a proposito da celebração do centenario do nosso Mestre a 3 de outubro de 1904, e a que n'estas columnas promettemos agazalho, devemos incluir a que fez objecto de recente indicação do nosso confrade Eduardo Magnin, de Barbacena, e que passamos a resumir.

«A estatistica, nos diz elle, dá 60.000.000 de spiritas sobre a terra. E' muito? — Tomemos a decima, a centesima, a millesima parte d'esse numero, ou sejam 60.000 spiritas. Creio que só no Brazil arranjariamos os 60.000 spiritas de que precisamos. Esses spiritas se compromettem a dar 1$000 por anno á Federação, e isso durante 5 annos, ou 5$ por pessoa n'esse espaço de tempo. Ora, 60.000 pessoas a 1$000 representam 60:000$ por anno, ou sejam 300:000$ ao fim dos cinco annos.»

E passa o referido confrade a determinar a applicação que se daria a essa somma, e que consistiria na obtenção, por doação do governo, de uma faixa de terra, de cinco ou dez leguas de extensão, para ahi ser installada uma colonia internacional, agricola ou industrial, «Kardeciana,» segundo a denomina, a qual acolheria em seu seio todos os desherdados da sorte, inclusive creanças e orphãos, desde 10 annos de idade, aos quaes seriam ministrados todos os recursos de manutenção, inclusive a instrucção gratuita e o ensino de officios e artes manuaes, em troca do trabalho agricola ou industrial a que fossem obrigados.

Esse trabalho se repartiria pela cultura da terra, por toda sorte de plantações, desde o cafeeiro ás hortaliças e legumes, para consumo da colonia, comprehendendo tambem a creação de animaes, e se estenderia até o desenvolvimento de industrias, não sómente pastoris, mas propriamente mecanicas, utilizando-se todas as aptidões alli reunidas.

«Ao fim dos cinco annos, termina elle, a renda oriunda dos productos do solo e dos campos, como das industrias, daria para manter a colonia, dispensando o auxilio dos 60:000$ annuaes. Os lucros, desde então verificados, seriam repartidos entre os associados (os trabalhadores, naturalmente) e, á medida que augmentassem, seriam capitalizados, para a creação de novas colonias da mesma natureza.»

•

E' essa, em synthese, a idéa que suggere o nosso confrade, salvo meras questões de detalhe, como o modo de administração, que seria confiada a spiritas convictos e sufficientemente esclarecidos e competentes, alem de outras de secundario valor.

Ahi, pois, a deixamos divulgada, em obediencia á promessa formulada, mas não podemos nos subtrahir ao dever de accrescentar-lhe alguns despretenciosos commentarios.

Antes de tudo cumpre-nos lembrar que o prazo necessario para a constituição do capital inicial excede da epoca propria para a celebração do centenario, a qual se tem de effectuar dentro de pouco mais de dois annos. E depois esse projecto, que, á força de gigantesco, chega a transpôr os dominios da utopia, exigiria para sua realização uma somma de esforços e de actividade que difficilmente se conseguiria reunir, sem desfalcar seriamente energias indispensaveis á obra immediata da propaganda, que é o nosso primeiro cuidado, na actual geração de spiritas. Sem duvida os beneficios moraes, de que se aproveitariam os milhares de colonos, dirigidos por spiritas esclarecidos, de accordo com os dictames moralizadores da doutrina, seriam uma larga compensação aos esforços dos que se empenhassem n'essa immensa tarefa e representariam incontestavelmente um largo incremento á diffusão dos ideaes spiritas; mas, quando mesmo extreme das difficuldades apontadas, como de outras que seria longo enumerar, essa obra só poderia ser levada a effeito em uma outra epoca, em que, pela generalização da doutrina a todas as classes, e pela elevação do numero dos crentes militantes, fosse possivel distrahir, para a executar, forças activas que, actualmente insufficientes para as necessidades immediatas da propaganda — e Deus sabe quão limitado é o seu numero! — não poderiam ser com proveito desviadas em qualquer outro sentido.

Sentimos, por isso, ter de recusar, por inopportuna, o nosso applauso a essa idéa, só exequivel em um futuro distante, posto que reconheçamos a excellencia dos intuitos humanitarios e progressistas que a inspiram. Como, todavia, de modo algum pretendemos impôr o nosso modo de ver, no que quer que seja, lançando á circulação o projecto utopico do nosso confrade, submettemol-a á consideração dos competentes.

•

E pois que se trata de suggerir idéas, aproveitemos o ensejo para divulgar uma que foi agitada na reunião collectiva da directoria da Federação, effectuada a 2 de junho.

Trata-se de fazer uma edição «do centenario» das obras do nosso mestre Allan-Kardec, revendo se cuidadosamente as traducções que têm sido publicadas, e que poderão então apparecer limpas das incorrecções com que têm vindo á luz na nossa lingua. Essa edição, para cujo custeio será conveniente uma subscripção entre todos os spiritas que o desejem, deverá ser feita com artistica elegancia, apropriada ao facto que se tem em vista commemorar, cabendo a cada subscriptor um exemplar de cada uma das seis obras do Mestre, de conformidade com as bases a que no proximo numero daremos publicidade, e cuja organização está sendo feita pelo nosso collega administrador da livraria.

Muito mais pratica, e de incontestavel alcance e significação, eis ahi uma idéa que — nos parece — deve merecer o applauso dos spiritas.

NOTICIAS

O *Philosophical Journal* narra o seguinte caso, que bem evidencia as percepções da alma durante o sonho:

Havia dois annos que a Sra. Henry M. Nelson chorava a supposta perda de seu irmão Fjeliman, cujo paradeiro ignorava, e do qual não tinha noticias desde tres annos. Elle tinha desapparecido no Far-West, e a ultima carta por ella recebida tinha o carimbo de Tacoma.

Uma noite, a Sra. Nelson sonhou que, passeando na Superior-Street, achava-se repentinamente face a face com seu irmão. A alegria que experimentou a fez despertar. Procurou a significação do sonho, sem nada achar, quando, no meio de suas perplexidades, recebeu uma carta, cuja assignatura era a de seu irmão, o que a encheu da mais viva e justificada satisfação.

O sonho tinha sido premonitorio.

O MOVIMENTO SPIRITA

"La vérité est en marche", disse Emile Zola, referindo-se á rehabilitação do ex-capitão Alfred Dreyfus, por cuja innocencia se bateu com intrepida galhardia, de que lhe resultaram os mais crueis dissabores, mas tambem o brilhante triumpho que coroou aquella humanitaria campanha. Essa expressão felicissima tem a mais completa applicação á nossa doutrina, cuja força dominadora, a cada dia que passa, vai invadindo as consciencias esclarecidas, e dilatando cada vez mais o campo de suas conquistas. Tambem ella é a verdade—e a maior verdade do seculo— e, por isso, em sua marcha, tambem nada a poderá deter.

E' assim que nos jornaes recemchegados da França encontramos, como triumphaes balizas a assignalar-lhe a trajectoria, a noticia da creação de novas associações e grupos, destinados, um a propagar-lhe os ensinos e beneficios praticos, outros a emprehender o estudo e observação dos seus phenomenos.

E já não são os espiritos simples e humildes, avidos de consolações e de esperanças, os que se empenham na obra de evangelização e de investigação spiritas: são, n'esta ultima categoria, como verão os leitores adiante, homens da mais alta posição no mundo scientifico, que tomam a serio os mesmos phenomenos, ha poucos annos, repellidos com sarcasmo, e se propõem consagrar-lhes preciosas horas de observação e analyse, de que resultarão—não o duvidemos— novos e assignalados triumphos.

Registremos, em primeiro logar, a creação, em Toulon, de uma sociedade para a propagação da *Obra scientifica e moral Kardecista*, sob o patrocinio do generoso espirito que deu o seu nome ao grupo «Esperança» que funcciona em Paris, e dos nossos eminentes confrades Léon Denis e Laurent de Faget.

São estes os pontos essenciaes do seu programma;

1.°—Ensino, ás creanças, das primeiras noções do spiritismo;

2.°—Soccorros aos marinheiros (1) presos, infortunados e outros;

3.°—Creação de uma officina;

4.°—Asylo-familisterio para os velhos (em perspectiva).

———

(1) Sabido que Toulon é a cidade maritima por excellencia e o grande ancoradouro da esquadra franceza, essa providencia se explica e está plenamente justificada.

Entre os seus vinte fundadores, figuram nomes da maior respeitabilidade, tendo sido eleita a seguinte directoria:

Antonin Arnaud, director; François Caujolle, thesoureiro e bibliothecario; Jules Merlin, secretario; Léon Wencker, inspeccionador *(contrôleur)*; senhorita Bertin e Richaud, membros da commissão de estudos.

Honra aos trabalhadores de boa vontade!

——

Cabe em seguida o registro ao Centro de Estudos Psychicos que, em Marselha, acaba de fundar, com intuitos de investigação independente, o Sr. E. Anastoy, cuja iniciativa não é menos digna de applauso, por isso que, emprehendida sem nenhuma idéa preconcebida de interpretação dos phenomenos, segundo explicitamente se infere da sua circular, não temos duvida que o ha de conduzir á convicção spirita.

O centro se acha installado á rua de Rome n. 41.

——

Cedamos, finalmente, espaço á circular do grupo que, sob os auspicios do Instituto Psychologico Internacional, cuja fundação, em Paris, já os leitores conhecem, e sob a direcção do Dr. Duclaux, director do Instituto Pasteur, acaba de ser creado. E' a seguinte:

«O Conselho de organização do Instituto Psychologico deliberou, em sua reunião de 3 de dezembro, a formação de diversos «grupos» ou «secções de estudos,» entre outros a de um «grupo do estudo de phenomenos psychicos.»

Esse grupo, cuja creação havia sido, desde o começo, uma das principaes preoccupações do Instituto Psychologico, acha-se presentemente constituido, e tem como membros os Srs: d'Arsonval, membro da Academia das Sciencias, membro da Academia de Medicina, professor no Collegio de França; Bergson, membro da Academia das Sciencias moraes e politicas, professor no Collegio de França; Branly, professor de physica no Instituto Catholico; Brissaud, lente da Faculdade de Medicina; Duclaux, membro da Academia das Sciencias, membro da Academia de Medicina, director do Instituto Pasteur; Marey, membro da Academia das Sciencias, membro da Academia de Medicina, professor no Collegio de França; e Weiss, addido á Faculdade de Medicina.

Foi escolhido presidente o Sr. Duclaux.

O grupo se propõe explorar essa região, situada nos confins da psychologia, da biologia e da physica, em que se acredita haver constatado as manifestações de forças ainda não definidas. Entre a credulidade de uns e a indifferença de outros, entre uma adhesão *à priori* do espirito a hypotheses que surprehendem, e uma systematica recusa a admittir a possibilidade de factos que não entram nos planos já constituidos, ou no dominio das leis conhecidas, ha margem para uma investigação strictamente scientifica, sem a idéa preconcebida de affirmar ou de negar, sem outra preoccupação que não seja submetter á experiencia a seguinte questão:

«Qual é a parte de realidade objectiva e qual a de interpretação subjectiva, nos factos descriptos sob os nomes de suggestão mental, telepathia, mediumnidade, levitação, etc.?»

O fim não poderá ser attingido senão pela applicação de methodos de observação precisa e de experimentação rigorosa, como os que são empregados nos laboratorios. Emquanto aguarda que o Instituto Psychologico faça, em local apropriado, a installação para investigação dos phenomenos d'esse genero, a secção

utilizará, em caso de necessidade, os laboratorios particulares em que trabalhem os seus membros.

Pela presente nota, a secção dirige um appello a todos quantos julguem lhe poder indicar pessoas aptas a produzir phenomenos como os que acabam de ser enumerados, ou melhor ainda, a essas mesmas pessoas.

As que se lhe apresentarem terão a liberdade de escolher as condições em que se farão as experiencias de ensaio.

A secção nutre a firme esperança de que o seu appello será attendido. Se os factos em questão são dignos de entrar no dominio scientifico, ha um interesse de primeira ordem em que sejam estudados e aprofundados. —(assignados)—d'Arsonval—H. Bergson—E. Branly—Brissaud—E. Duclaux—J. Marey—Weiss.»

Um bom exemplo

Tão raros são ainda entre nós, infelizmente, os testemunhos de emancipação da tutela romana por parte da actual geração de spiritas, os quaes, pela força do habito ou de suas proprias tendencias, demasiado vinculadas ao passado, vão sempre transigindo com as exigencias da igreja, em nome de uma inexplicavel cortezia ao preconceito geral, — que não podemos nos subtrahir ao dever de aqui registrar o acto de coherencia e hombridade que acabamos de ver praticado pela familia do nosso confrade Gustavo Borges, um modesto soldado da nova idéa, que, recentemente desincarnado, nos legou, assim, o exemplo de haver sabido identificar com as verdadeiras normas spiritas os seres caros cujo destino lhe estava confiado na terra.

O acto de coherencia a que nos referimos consiste no seguinte pedido que encontrámos inserto, em meados de junho, na secção funebre dos nossos collegas profanos d'esta capital:

GUSTAVO BORGES

«A viuva e filhos de Gustavo Borges pedem aos seus parentes e amigos uma prece para o crescente progresso do espirito de seu marido e pai, fallecido em 13 do corrente.»

Esse pedido, de uma tocante simplicidade, intercalado nos convites de missas funebres, proprios d'aquella secção, revela bem o intuito da familia do nosso bom confrade, substituindo-o a esses inuteis suffragios, remunerados, de uma igreja a cujo ritual nada nos pode prender. Redigido em termos communs, empregando mesmo o «fallecido» em logar de «desincarnado,» vê-se bem que esse convite não visou alardear originalidade, mas representa apenas um acto de consciencia de verdadeiros crentes.

Oxalá o saibam imitar os nossos confrades, á cuja meditação submettemos esse bello exemplo.

Digamos agora, a terminar, que da breve indagação que nos foi possivel fazer, não colhemos dados, no que toca particularmente ao confrade libertado, que nos habilitassem ao tributo a que certamente tem direito o seu espirito. Que outro melhor, porem, lhe poderemos render que envolvendo-o nas nossas preces e satisfazendo assim os desejos de sua familia?— A isso convidamos, pois, os nossos irmãos em crença.

A seguinte «Prova de identidade» foi extrahida, pelo *Zeitschr. fur Spiritismus*, do *The two worlds*:

Refere o Sr. C. que, um dia, foi com o seu amigo F., um incredulo, á casa de um medium bem conhecido, o Sr. Forster.

F. era um distincto official de cavallaria. Quando os amigos entraram, o medium, um pouco recalcitrante, perguntou ao Sr. F. se acreditava no spiritismo, ao que este respondeu:

— Não; mas desejaria ser convencido.

A sessão começou pela tiptologia, e em seguida disse o medium:

— Está aqui um espirito, uma senhora; vós a amastes, porem ella falleceu com o coração despedaçado.

— Tome cuidado! exclamou F.

— Ella foi profundamente ferida por vós, accrescentou o medium, e quando morreu...

— Com mil bombas! Cale-se, ou eu o mato, exclamou o official, profundamente pallido, e com suores frios a escorrer-lhe pela fronte.

Mas Forster, sem se deixar intimidar, e fixando resolutamente F., disse:

— Devo repetir-vos as suas ultimas palavras?

— Nenhuma alma humana, a não ser eu, ouviu as palavras que ella segredou a meus ouvidos; se me enganais, disse F., sois um homem morto; — e tirou o rewolver do bolso.

O medium perguntou de novo:

— Devo repetir-vos as suas ultimas palavras bem alto, ou escrevel-as em um papel?

C. respondeu, em logar de F., que seria melhor escrevel-as. Forster apanhou um papel sobre a mesa e o estendeu a F. Este cahiu sobre uma cadeira, dando um grito e cobriu o rosto com as mãos.

Os dois amigos despediram-se do medium.

Depois d'esse dia F. tornou-se outro homem, porem jamais fez qualquer allusão á memoravel sessão diante de C.

ASSOCIAÇÕES

Em assembléa geral, realizada a 11 de maio preterito, procedeu-se á eleição da directoria da Sociedade Spirita Allan-Kardec, de Porto Alegre, a qual, segundo lemos no seu excellente orgão, *Revista Spirita*, ficou assim constituida:

Presidente, Xavier Carneiro; vice-presidente, José Ribeiro; 1º secretario, Israel Corrêa; 2º secretario, Moura Magalhães; thesoureiro, Frederico Bieri; exhortador, Israel Corrêa; bibliothecario, João Gay; vigilantes, Costa Brandão, Pedro do Rego, Verissimo Rosa e Silveira Dias.

Por essa occasião inscreveram-se novos socios em grande numero, e foram agitadas algumas idéas de utilidade para a causa do spiritismo, merecendo applausos o pronunciamento do confrade Rodolpho Gomes.

Felicitando os eleitos pela merecida prova de confiança que receberam de seus pares, fazemos votos pelo feliz desempenho de sua tarefa e pela crescente prosperidade da prestigiada instituição, para a qual, como para os seus perseverantes esforços, pedimos as bençãos do céo, por seus enviados.

O Grupo Spirita Amor, Caridade e Fé, de Uberaba (Minas) tambem procedeu a 1› de junho recente, á eleição de sua directoria, para compôr a qual foram escolhidos os seguintes irmãos nossos, cujo exercicio vai de 2 de julho corrente a 1º de julho de 1903:

Presidente, Marcolino Santos (reeleito); 1º secretario, José de Avila Pina (idem); 2º secretario, Clarimundo Cruz; orador, Desiderio de Mello; thesoureira, D. Maria Candida de Jesus (reeleita); procurador, Carmine de Abruzzo.

A esses esforçados trabalhadores, como á sympathica instituição cujos destinos lhes estão confiados, tornamos extensivos, com igual sinceridade, os votos que acima formulamos.

Segundo estamos informados, na referida cidade de Uberaba installou-se recentemente, sob a denominação «Esperança, Fé e Caridade,» um novo grupo spirita, de caracter intimo, para estudo da nossa doutrina.

Do *Light*, de Londres, transcreveu o nosso collega *La Lumière* o seguinte caso de previsão:

X. foi, no principio de maio ultimo, procurar o Sr. Vango, medium, para obter do guia d'este, «Sunflower», algumas informações sobre um seu primo, que havia sido victima de um ligeiro accidente.

Sunflower tranquillizou X. sobre as consequencias d'esse accidente, mas accrescentou:

—Será preciso que elle tenha bastante cuidado, porque sobrevirá outro accidente. Eu o vejo cahir e temo que se machuque bastante, porque vejo fazerem-lhe uma operação: amputam-lhe a perna.

X. ligou pouca importancia a essa perdição, na qual não quiz acreditar.

Dois mezes depois, entretanto, soffreu seu primo segundo accidente, que ao principio não tomaram a serio; mas ao fim de tres mezes recebeu X. a noticia de que seu primo tinha de soffrer a desarticulação da perna.

N'esse caso, como se vê, Sunflower, tinha bem visto. Os nomes dos interessados foram communicados á administração do *Light*.

FACTOS

UMA CURA

Damos, com o maior prazer, publicidade ao seguinte communicado:

«Em S. Sebastião dos Ferreiros, municipio de Vassouras, vem de occorrer uma cura importante pelo spiritismo, e que, nas condições em que se realizou, é mais uma prova inilludivel de quanto vale a doutrina para os que a ella recorrem com a verdadeira fé.

FOLHETIM (28)

A PEROLA NEGRA

POR

MAX

XX

No alto da serra de Bonabuiú, n'uma planicie que mede cerca de dois kilometros em quadra e que tem, já proximo a uma das quebradas, uma depressão de forma oval, onde se accumulam, como em cisternas, as aguas de chuva, pararam os cinco fugitivos do mundo e da sociedade, perdidos ha dois dias na matta escura, que cobre a superficie da serra.

Alli combinaram assentar os alicerces de sua habitação, com a segurança precisa a quem tem de viver em constante lucta com os animaes ferozes.

A primeira condição era ficar ao pé do logar em que houvesse agua, coisa que não podia deixar de haver por aquelles logares, pois que divisavam, do ponto em que se achavam, nuvens de patos e marrecas, que não se ajuntam senão onde ha depositos perennes d'agua.

Depositaram, pois, a carga que traziam, e começaram a exploração, levando suas armas, para o que desse e viesse.

Não andaram muito tempo, embora andassem difficilmente pelo matto cerrado, sem encontrar o que procuravam.

Descobriram a lagôa, se esse nome podia ter uma bacia de fundo rochoso, que tinha, em seu maior diametro, cerca de *trezentos* metros de extensão, e, no menor, coisa de *duzentos*.

Pelos tres lados, a rocha em que a natureza havia cavado aquella concha de formas quasi regulares, elevava-se muito acima do nivel das aguas; entretanto que do ultimo lado, a borda era constituida por uma declividade por onde se podia facilmente chegar ao deposito.

A superficie liquida estava coberta de aves aquaticas, que suspenderam-se no ar, fazendo com as azas um estampido igual ao do trovão, tão depressa chegaram á beira da lagôa os novos importunos hospedes.

O grito agudo das marrecas, confundindo-se com o dos patos, grave e sonoro, atordoava os negros, de acreditarem que era impossivel viver-se alli.

Foi Simeão quem desfez essa impressão, assegurando aos companheiros que seus ouvidos se acostumariam com aquelle ruido ao ponto de mal o notarem —e que, por outro lado, os passaros se acostumariam com elles, ao ponto de não se assustarem á sua vista.

Na rocha, ao lado, rebentava um veio d'agua, que no inverno levava sua debil corrente até a lagôa, mas que, no verão, perdia-se na terra ressequida a poucos passos da nascente.

— Esta é a nossa talha, disse Simeão, provando a agua, que achou excellente.

Alli estava o que beber, e o que comer; alli é que deviam plantar a sua cidade.

Os perfilhados da loba, illustres descendentes de Numitor, fundaram com o auxilio de bandidos e salteadores, a cidade que deu leis ao mundo—e que, por sua longa duração, mereceu o appellido de eterna.

Quem sabe se aquelles evadidos do turbilhão humano, como eram os companheiros de Romulo e Remo, não terão de figurar na Historia, se não por si, que nem descendem de reis, nem terão de ser arrebatados ao Olympo, mas por sua obra immortal!

Ninguem poderia crer que dentro dos vallos cavados por uma horda de salteadores, desenvolver-se-hia tão desmedido poder, como o que teve a cidade das sete colinas!

Simeão, portanto, não deve perder a esperança, se a tem, de que se diga, no futuro, de algum seu descendente: *tu Marcellus eris*.

O preto não cogitava provavelmente de semelhantes glorias, mas tinha serio empenho em arranjar as coisas, por modo a não vir a ser victima de alguma onça.

Preparou, pois, uma casa, ao lado da rocha e proximo da vertente, tão solida que pudesse resguardal-os do feroz inimigo—e ao mesmo tempo com setteiras, que permittissem repellir qualquer assedio.

Feito o ninho, cuidaram os negros de fazer a derrubada da matta, em torno, para terem mais vasto campo de operações —e ao mesmo tempo fazerem sua sementeira.

Gastaram muito tempo n'esse trabalho e, quando o tiveram por concluido, sentiram um desanimo cruel, vendo-se tão sós, tão poucos —e tão pequenos, para um mundo tão extenso.

Não sabemos se os negrinhos tinham ouvido falar no roubo das Sabinas, que foi o elemento gerador do povo romano.

O que sabemos é que na mente de todos elles passou o desejo, dia por dia mais ardente, de terem com quem repartir seus affectos—e a quem legar o fructo de seu trabalho.

Não ha, na terra, mais triste condição que a do homem que é condemnado a trabalhar só para si.

O doce prazer que sente o que se esgota em esforços para ajuntar um peculio, que deve ser aproveitado pelo ente amado, é substituido por invencivel tedio, quando não se tem a quem legar as sobras do necessario.

E' por isso que lastimamos o celibatario, cujo leito nunca foi bafejado por effluvios de amor, e cujo lar nunca teve o silencio perturbado pelas vozes de um anjinho.

Aquillo pode se chamar um esquife em vida —e isto não passa de um cemiterio com a catacumba aberta.

Felizmente os nossos heroes da serra do Bonabuiú cedo repelliram tão inutil quão medonho viver—e trataram de haver, nas fazendas dos campos, flores para o seu jardim.

Combinaram raptar, por gosto ou contra a vontade, as damas de seus affectos, que tinham deixado em Quixadá e que, talvez, nem mais d'elles se lembrassem, entretidas com amores novos.

O que ha de fazer a rola a quem roubaram o terno companheiro?

A propria natureza ensina as mutações.

Carpir a perda do ente amado, é natural— viver só para carpil-a, é rebeldia.

Deus não aceita, antes condemna, as dôres sem consolação — o luto sem treguas — e as lagrimas por toda a vida.

Elle quer no homem os sentimentos naturaes, mas considera revolta contra suas leis esses mesmos sentimentos, quando vão de encontro á do—tempo gastar tudo.

Seja como fôr, Simeão, que não entendia de leis divinas, e que só obedecia ás que o impelliam naturalmente, organizou o plano de satisfazer o que ia direito, como uma flecha, ao *crescite et multiplicamini*.

Primeiro, tratou de construir cinco casas, ignorando certamente que incorria na pecha de *preparar a cama antes de ter a noiva*.

Depois, determinou que fosse cada um buscar a sua metade, acompanhado apenas por um dos cinco, porque ficassem sempre tres na séde das operações.

Quanto ás precauções que deviam observar os que iam penetrar no seio da sociedade, Simeão limitava-se a dizer :—o que escorregar, fica sem a cabeça.

A operação foi feita com a maior felicidade, ficando a colonia com cinco casaes, e as fazendas proximas da casa de Queiroz, sem cinco creoulas, cujo destino foi para sempre ignorado.

Simeão, quando chegou sua vez de descer, levava menos desejo de trazer uma companheira, que de roubar Lucrecia, de quem augmentavam diariamente as saudades.

Vacillava entre trazel-a para a vida morta, ou deixal-a no mundo vivo; mas sua natureza atrazada era egoistica, e resolveu pelo sacrificio da negrinha.

Se pudesse ter certeza de que Honorina chegaria a tempo, justiça se faça, o negro não teria dado aquelle passo.

(*A seguir*)

E' o caso que o Sr. Manoel João dos Santos soffreu, durante quatro annos, de uma ferida, na orelha esquerda, de caracter canceroso, ao ponto de tel-a quasi toda comida.

Esteve na Santa Casa de Vassouras 7 mezes, e na de Valença 6, em tratamento consecutivo e rigoroso, sem jamais obter a cura, nem mesmo allivio a seus soffrimentos. Ultimamente, já desesperançado dos recursos da sciencia humana, recorreu á Misericordia Divina, por intermedio do medium curador Antonio Monsores, e teve a graça de, apenas em duas sessões, com passes fluidicos, ver cicatrizada a pertinaz ferida, cessando de vez e completamente os seus prolongados padecimentos. Este facto é irrefutavel, mas ainda assim, para evitar a incredulidade dos que por ventura reluctem em acceital-o, mórmente para os que não conhecem a doutrina spirita e seus recursos, devemos dizer que nos veiu authenticado com a assignatura do paciente e outras, devidamente reconhecidas e abaixo transcriptas.

(Seguem-se as assignaturas).

Vassouras 1 de junho de 1902.

Como testemunhas:

Manoel de Souza Jordão—Leopoldo Cunha—João Vieira de Azevedo Coutinho — José de Azevedo Jordão — José Pereira Guimarães — a rogo de Maximiano Francisco de Assis, Clemente Pereira de Mello — Clemente Pereira de Mello—Augusto do Carmo e Silva—a rogo de Francisco Laurindo, Filho, A. A. F. da Costa—Anselmo Duarte Moreira—Arlindo Moreira—Oliveiros Alexandre de Castro—Carmelinda Duarte Moreira—José Clemente da Motta — enfermo Manoel João dos Santos—José de Azevedo Jordão (como testemunha e como enfermo tambem curado pelo mesmo medium).

Creança vidente

De uma carta dirigida a um dos nossos companheiros, pelo Sr. Luiz Carneiro Vianna, de Santa Maria Magdalena (S. Paulo), destacamos o seguinte facto de manifestação spirita, cuja publicação nos é devidamente autorizada:

A 15 de novembro de 1898 parti com minha familia, do sitio onde moro (S. Pedro), para Ribeirão Preto. Ahi desincarnou minha mãe, a 15 de abril do anno passado, deixando em minha companhia uma sua neta, com a idade de 11 mezes. Dolores (assim se chama a pequena) não conhecia absolutamente sua avó; por esse motivo nunca lhe falei em minha mãe.

A 26 de janeiro d'este anno, Dolores brincava distrahidamente na cosinha, onde trabalhava uma sua irmã mais velha, quando repentinamente deu um grito, após o qual, fixou o olhar em a um canto, como se estivesse vendo alguma coisa.

Levantou-se em seguida, como a chamado de alguem, dirigindo-se ao antigo quarto de minha mãe; parou á porta, depois de pequena pausa entrou e, sentando-se em uma cadeirinha de creança, começou a gesticular e a falar, como se estivesse conversando com alguem.

A irmã mais velha continuou em seu trabalho, sem fazer caso do que se passava; mas chegando eu e a mãe de Dolores á cosinha, a pequena contente, radiante de alegria, disse-nos logo:

— Vovó Aldinha esteve ahi: veiu aqui á cosinha e chamou-me para ir conversar com ella no quarto; mandou-me sentar na cadeirinha e conversou muito commigo: perguntou se eu estava boa; disse-lhe que estava: perguntei se ella tambem estava boa, disse que sim.

Dolores descreveu-nos perfeitamente sua avó.

—Sua saia, disse-nos ella, era vermelha com ramos brancos rendados; o paletot, branco com rendas; cabellos meio pretos; disse que estava ao espelho, penteando-se para fazer o coque.

Tudo isso era verdade: minha mãe tinha uma saia assim, conhecida por muitas pessoas d'aqui. Não me lembrava mais d'essa saia; mas, á descripção feita por Dolores, foi bastante um pequeno esforço da minha memoria, para n'ella desenhar-se nitidamente a saia que minha mãe usava habitualmente.

Dolores está hoje com 4 annos e poucos mezes, e nunca ouviu falar das roupas que sua avó usava, e muito menos no coque que ella habitualmente trazia á cabeça.

E agora, meu caro confrade, digam os padres se existe ahi Satanaz; e os materialistas, se ha transmissão de pensamento, ou digam ambos se em uma menina da idade de Dolores, que só visava brincar, e que não conhecera sua avó, podia haver embuste.

Podeis fazer o uso que vos convier do caso acima, sem occultar o meu nome, humilde, sem nenhuma importancia no mundo material, mas para que sirva isso de espelho aos que negam a si proprios, poque negar a existencia da alma é negar-se a si.»—

LUIZ CARNEIRO VIANNA.

A AURA VITAL

(*Constancia*, de Buenos-Aires)

IV

(*Continuação*)

O maximo da intensidade sensitiva e vibratil da aura humana se encontra, naturalmente, em seus nucleos ou epicentros. D'ahi se divide, decrescendo até o exterior. A densidade, bem como o seu calor, segue a mesma regra, até desapparecer no espaço que a rodeia.

Não tem uma forma fixa nem estavel, pois pode recolher-se em si mesma, até affectar a mesma forma do corpo material e, n'esse estado, pode exteriorizar-se, formando o que se chama *duplo astral* ou perispirito.

Na morte do homem a aura affecta, quasi sempre, esta ultima forma. Outras vezes fica sómente com a cabeça, peito e braços, e o resto do corpo mantem-se com uma forma vaga e fluctuante.

Em outras occasiões, tambem, não pode affectar mais formas alem de u'a mão, uma cabeça, ou nenhuma forma definida. Então essa dualidade de alma e de aura (espirito) necessita mais *materia aurica* para affectar uma forma completa, visivel e tangivel: toma-a então da aura do medium, a quem tira, se bem que momentaneamente, parte de seu principio vital.

Comprehende-se assim a razão pela qual o medium, em uma sessão de materializações, nunca está em seu estado normal, mas quasi sempre adormecido, ou em estado lethargico, mais ou menos intenso.

No homem vivo a aura tambem affecta as mais diversas formas: sendo fluidica, como é, tem forçosamente de ser elastica e susceptivel de amoldar-se a qualquer magnitude.

Sua propria constituição fluidica a torna penetravel e tambem susceptivel de penetrar e atravessar todos os corpos, sem desviar a direcção de suas irradiações. Entretanto, algumas observações parece indicarem que os raios ultra violete do espectro modificam substancialmente as vibrações auricas. Por essa razão recommenda-se sempre operar na obscuridade, ou com luz isenta de raios violetes, nos trabalhos ou manifestações mediumnicas. Isto não é regra geral, pois sabe-se que em muitas occasiões se produzem phenomenos mediumnicos em plena luz do dia.

V

O calor não tem influencia alguma sobre a aura, posto que alguns supponham que a possa dilatar. Julgamos que isso não passa de uma supposição, e ainda assim falta de logica.

Para admittir a dilatação d'esse fluido pelo calor, teriamos de ver antes a dilatação da electricidade e do magnetismo por esse agente. Sendo esses fluidos muito mais grosseiros que a aura vital, é logico suppor que o calor terá maior acção sobre elles do que sobre a aura; e, como sabemos que os fluidos já indicados não soffrem alteração pelo calorico, podemos affirmar, sem receio de equivocar-nos, que as irradiações calorificas em nada affectam as vibrações auricas.

VI

Não têm sido feitos ainda estudos completos e decisivos acerca da acção das correntes electricas sobre a aura humana: sabe-se, entretanto, que as correntes de alta frequencia, produzidas por um poderoso accumulador de Tesla, modificam em parte as vibrações da aura, porquanto sua côr muda de tom á medida da corrente. Não se sabe, porem, positivamente, se essas perturbações vibrateis são o resultado da acção physiologica da corrente sobre o proprio homem, ou da acção directa sobre a aura, sem intervenção do corpo. Este ponto, actualmente, está um pouco obscuro; pois, sendo a aura um bom conductor da electricidade, não se pode fazer actuar uma corrente, sem que, necessariamente, tenha que actuar sobre o corpo. Por outra parte, essas correntes de uma elevada potencia—um ou dois milhões de volts—têm sobre o organismo humano sómente certas acções therapeuticas, sem relação alguma com o ponto de que tratamos.

VII

Quanto ao magnetismo, sua acção é distincta. Se se faz girar rapidamente um iman a trinta ou quarenta centimetros da região cardiaca de um individuo, isto é, em pleno *campo aurico*, produz-se um phenomeno que tem muita analogia com os phenomenos electro-magneticos.

Parece que, ao girar, o iman corta grande multidão de *linhas de força aurica*, e occasiona perturbações ou, para melhor dizer, diminue o numero de vibrações auricas, pois estas adquirem, n'esse acto, uma coloração encarnado-alanrajada, e o individuo experimenta certo mal estar que não pode explicar. Alem d'isso, aproximando o polo norte de um iman do lado esquerdo de um sensitivo, aquelle attrai as irradiações, tal como se vê em um tubo de Crookes. Collocando esse mesmo polo ao lado direito, as irradiações são repellidas.

VIII

Não poderiamos, nos limites d'este artigo, entrar em maiores detalhes sobre os caracteres da aura humana, mas procuraremos indicar, ainda que muito summariamente, a maneira pela qual se tem procedido n'essas investigações.

A aura vital, do mesmo modo que a electricidade, o magnetismo, etc., é invisivel para o homem nas circumstancias ordinarias; mas ha certos *meios occultos* que permittem a uma pessoa *iniciada* ver, não sómente a sua propria aura, mas tambem a das pessoas que a cercam. Alem d'isso ha certos individuos chamados *sensitivos*, dotados da faculdade de poder ver a aura; e — o que é mais — não é necessario ter essa faculdade, mas sim creal-a, educal-a e desenvolvel-a, do mesmo modo que se desenvolve a força physica.

Mais ainda, os effluvios, ou emanações *auricas*, podem impressionar uma chapa photographica ordinaria, de sorte que, empregando-se uma serie de transparentes coloridos, consegue-se obter imagens correspondentes a certas côres determinadas. Escusado é dizer que essas experiencias devem ser feitas em completa escuridão.

O primeiro que photographou auras humanas, ou partes d'ellas, foi o Dr. Baraduc.

Seu processo é muito simples. Basta collocar a mão sobre um chassis carregado, durante vinte a trinta minutos, e revelar em seguida, fortemente.

Tirado o positivo, obtem-se uma photographia da silhueta da mão, rodeada de uma aureola luminosa, que se prolonga pelas extremidades dos dedos, formando camadas. A parte da aura correspondente á cabeça é tambem muito facil de obter, encostando-se a esta, e collocando-o por meio de uma almofada, um chassis carregado. A *exposição* então deve prolongar-se por trinta a cincoenta minutos. Em seguida pocede-se ao desenvolvimento, como de ordinario.

(*A seguir*)

R. DE NORDENFLICHT

Agradecendo a tòdos os confrades que têm respondido á circular ultimamente expedida, rogo áquelles que o não fizeram ainda a fineza de organizarem as suas listas, afim de apurar com brevidade o recenseamento que desejamos fazer da familia spirita.

Até 30 de junho, havia recolhido apenas 36 listas, demonstrando a existencia de 852 nomes em diversas cidades do Brazil, o que está muito áquem do resultado final.

As listas devem ser sobrescriptadas a ANTONIO LIMA, rua do Rosario n. 141—Rio de Janeiro.

Typ. BESNARD Frères — 138 Rua do Hospicio